

PRESENÇA

REVISTA DA FUNDAÇÃO A LORD
2015 ANO 17 N.º 24





O crescimento cultural de um povo provem do conhecimento do seu passado e é um importante ponto de partida para a sua afirmação no presente.

A Fundação A LORD, ao longo do ano de 2015, procurou, com variadas atividades culturais - exposições, concertos, conferências... -, alargar as diferentes áreas do conhecimento, contribuindo, assim, para o enriquecimento cultural das diversas comunidades que lhe estão próximas. Neste âmbito, houve, também, oportunidade de dar a conhecer a história da cidade de Lordelo, através da evocação de algumas personalidades.

A paixão, a imaginação e a determinação, que todos os colaboradores colocaram na dinamização das atividades, sejam elas de carácter cultural ou social, traduziram o sucesso que a Fundação A LORD tem alcançado ao longo dos anos. Contudo, o fazer cada vez mais e melhor é um desafio que se impõe. Apresentamos como paradigma o **Museu A LORD**, que, após concluídas as obras, será mais um marco da cidade de Lordelo.

Estamos certos de que a colaboração de todos contribuirá para o sucesso da Fundação A LORD nas suas várias vertentes.

Francisco Leal

Presidente da Fundação A LORD



Ficha Técnica

Presença

Revista da Fundação A LORD
Ano 17, n.º 24, 2015

Diretor

Francisco Manuel Moreira Leal
Presidente do Conselho de
Administração da Fundação A LORD

Coordenação

Ana Maria Martins
Lasalete Silva

Colaboração

Álvaro Pacheco
Ana Ferreira
Ana Maria Martins
Ana Torres
Beatriz Ester Moura de Castro
Célia Sousa
Cibelli Almeida
Donzília Martins
Eugénia Gonçalves
Fátima Carneiro
Guilherme Moreira
Henrique Manuel Pereira
Ilda Sofia Amorim
Jerónimo Velasco
João Moreira Camilo
Lasalete Silva
Manuel Monteiro
Manuela de Abreu e Lima
Manuela Santos
Maria da Graça Mourão
Maria Florinda Almeida
Maria Ribeiro
Marília Almeida
Odete Mendes
Rosário Barbosa
Rosário Correia Machado
Rui Leal
Sara Lamas
Sílvia Rebanda
Vítor Moreira

Edição e Propriedade

Fundação A LORD
Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordelo PRD
Tel.: 224 447 357
geral@fundacaoalord.pt
www.fundacaoalord.pt

Periodicidade

Anual

Tiragem

500 exemplares

Depósito Legal

-

Design

Gráfico

João Oliveira

Impressão

Orgal

Índice

ESCOLA DE ARTES

Clube de Teatro	6
Orfeão	7
Escola de Música	8
Orquestra	8

AUDITÓRIO

Património da Paróquia de São Salvador de Lordelo – Exposição de Arte Sacra	10
Do Natal aos Reis – Concerto de Reis	10
Audições da Escola de Música – Concertos	11
Homenagem ao Ciclista Ribeiro da Silva – Exposição	11
Contra Ventos e Marés..., Um Franganote Campeão – Exposição	12
Óculos de Sol e Chuva de Prémios – Teatro	12
Ribeiro da Silva, O Português Voador – Apresentação de livro	14
Cinemúsica – Concerto	14
Olhar e Sentir: Registos – Exposição de fotografia	15
Blind Zero, 20 Anos em Acústico – Concerto	15
O Brado da Terra – Espetáculo	16
Gala da Primavera – Espetáculo de danças de salão	16
O Linho: Cultivo, Transformação e Utilização – Exposição	17
Património dos Nossos Avós: O Linho – Exposição	17
XVI OrffLORD – Encontro de orfeões	20
Outro Modo de Escrita – Exposição coletiva de ilustração infantojuvenil	20
Sarilho – Concerto de música de raiz portuguesa	21
D. António Taipa, Bispo Auxiliar do Porto, visita a Cooperativa e a Fundação A LORD	22
Outubro Musical – Concertos	23
O Intervalo da Vida III – Teatro	23
Cama, Mesa e Roupa Lavada – Teatro	23
XIX Aniversário da Fundação A LORD, XV Aniversário da Biblioteca da Fundação A LORD	24
Gala de Bailado	24

BIBLIOTECA

Histórias de Encantar, Teatro de Fantoques	26
Escritor do Mês	27
O Leituras Sugere...	27
Dia Mundial do Livro	27
Feira do Livro	28
Sábados na Biblioteca	29
Visita Cultural	29
XV Ateliê de Olaria	30
XV Aniversário da Biblioteca, XIX Aniversário da Fundação A LORD	30
Exposições	30
O Nosso Blog	30

COOPERAÇÃO

Gabinete de Apoio ao Doente, Artigos Ortopédicos	32
Lordelo Solidário	32
Ateliês	33
Atividades nas Férias	33
Comemoração do Dia Mundial dos Avós e Comemoração do Dia de São Martinho	33
Comemoração do Dia Internacional do Idoso	33
Sessões de Cinema	34
Serviços de Mediateca	34
Colónia de Férias	34
Visitas Culturais	34
Natal, Tempo de Amor!	34



FORMAÇÃO

Cursos na Área de Informática	36
Noções Básicas de Higiene e Segurança no Trabalho na Área da Eletricidade	36
Redes Inteligentes	37
Acolhimento e Encaminhamento	38



OPINIÃO

O Amor não Mata – Álvaro Pacheco	40
Os Órgãos de Administração e Gestão de uma Escola – Beatriz Ester Moura de Castro	42
Nos 60 anos da morte de Padre Américo, o seu lugar nas letras portuguesas – Henrique Manuel Pereira	45
A Crise da Justiça: Breves Apontamentos – João Moreira Camilo	51
O Nosso Abel Salazar, Património Português – Manuela de Abreu e Lima	54
Por entre Amoras e Silvados – Texto de Maria Florinda Almeida Ilustrações de Marília Almeida	56
O Património Imaterial da Rota do Românico – Rosário Correia Machado	59
Matar em Nome de uma Fé – Sílvia Rebanda	61
Viagens de Antanho – Vítor Moreira	62
Homenagem ao nosso colaborador António Trigo – Ana Maria Martins	64



POESIA

Os beijos da minha mãe; Dias de setembro; De vez em quando – Donzília Martins	66 e 67
Chove muito; Hoje; O amor; Nada do que fomos – Henrique Manuel Pereira	67
A solidão; Flor agreste; Se as minhas palavras fossem; Asas voam perfurando o mundo – Odete Mendes	68



EVENTOS EXTERNOS

Colóquio sobre o Novo Código do Processo Civil – Jerónimo Velasco	70
---	----

Escola de Artes

The image is a collage of artistic elements. In the top left, there is a red diagonal shape containing white musical notes on a staff. Below this, a wooden surface is visible. A pencil with a red eraser and a gold ferrule lies diagonally across the wood. In the bottom left, the body of a violin is partially visible. In the center and right, two white, featureless masks with black eye cutouts are shown. The background is a mix of red, white, and black geometric shapes.

É um espaço que desperta sensibilidades artísticas, permitindo a progressão da aprendizagem nas áreas do teatro e da música.

CLUBE DE TEATRO

Eugénia Gonçalves



LORDator

► No dia 21 de novembro, no Auditório da Fundação A LORD, o grupo de teatro LORDator apresentou a peça *O Intervalo da Vida III*, na sequência das peças *Intervalo da Vida I* e *Intervalo da Vida II*.

Esta peça faz a síntese das anteriores, baseando-se em factos e formas de falar das pessoas da região.

Alguns acontecimentos foram relatados por elementos da comunidade. Com autorização dos mesmos, foi possível construir o texto. Através do riso e da diversão, espelharam-se vários costumes e modos de falar da região. Coube ao público apreciar a peça e fazer a sua análise. Acredita-se que se obteve o resultado pretendido: diversão e vontade de voltar a rever a peça.

A autoria do texto, a encenação da peça, os figurinos e a cenografia estiveram a cargo de Eugénia Gonçalves. É, ainda, de salientar a interpretação de Andreia Silva, Bruna Gonçalves, Deolinda Ribeiro, Filipe Barbosa, Frederico Bastos, Inês Coelho, Joana Oliveira, Marta Alves e Marta Barros. Ilídio Sousa foi o responsável pela operação da luz e som.



LORDATOR JUVENIL

► No dia 18 de abril, o grupo de teatro LORDator Juvenil apresentou a peça “Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, inserida na Comemoração do *Dia Mundial do Livro*.

Apesar de ser uma das peças mais conhecidas em todo o país, o grupo apostou numa representação original, onde se destacou o trabalho corporal dos atores, dando expressividade às principais personagens: Anjo, Diabo, Juiz, Onzeneiro, Judeu, Frade, entre outros. Junto das barcas e dos seus barqueiros, desvenda-se a vida terrena dos passageiros, antes de embarcarem com destino ao céu ou ao inferno.

A peça contribuiu para realçar, junto dos jovens, a importância dos textos satíricos de Gil Vicente.



No dia 5 de dezembro, o grupo LORDator Juvenil apresentou ainda a peça “A Guerra no Tabuleiro de Xadrez” de Manuel António Pina, integrada na *Comemoração do Aniversário da Fundação e da Biblioteca A LORD*.

Dando vida a um tabuleiro de xadrez, os atores em palco, representando as peças brancas e as peças pretas, começam a guerra e tentam fazer xeque-mate. Mas os reis não concordam com o jogo, questionam a razão pela qual as peças lutam umas contra as outras e acabam por assinar um tratado de paz.

No final da representação da peça, o grupo também mostrou a parte musical, tocou, cantou e distribuiu abraços, pois o objetivo era mostrar que o amor é mais forte do que tudo.



ORFEÃO

Manuel Monteiro



► No ano de 2015, o Orfeão da Fundação A LORD deu continuidade às suas apresentações corais. Este processo foi conseguido quer através da entrada de novos elementos que, em conjunto com os elementos mais antigos, completaram a sonoridade do Orfeão, quer através da introdução de novas músicas.

Em termos de atuações, é de referir:

- concerto de Páscoa com a colaboração de um Quarteto de Cordas, realizado no Salão Paroquial de Lordelo, no dia 10 de abril;
- participação num encontro de coros, organizado pelo Grupo Coral dos Professores do Porto, no Auditório da Junta de Freguesia de Paranhos, no dia 13 de junho;
- encontro de orfeões, XVI OrffLORD, com a colaboração do Ensemble Vocal de Freamunde e do Coro do Porto de Leixões, no Auditório da Fundação A LORD, no dia 20 de junho;
- participação num encontro de coros organizado pelo Orfeão de Paços de Ferreira, na Igreja Matriz de Paços de Ferreira, no dia 15 de outubro;
- concerto, Harmonia Musical, integrado no programa Outubro Musical, em conjunto com a Orquestra da Fundação A LORD, no Auditório da Fundação, no dia 17 de outubro.

Para 2016, o Orfeão da Fundação A LORD tem como objetivos continuar a divulgar a música coral e aprimorar a sua qualidade.

ESCOLA DE MÚSICA UM CONTRIBUTO PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL

Rui Leal



► Em outubro de 2013, a par da criação da Orquestra da Fundação A LORD, a Escola de Música reiniciou a sua atividade com cerca de 9 alunos, de idades compreendidas entre os 4 e os 13 anos, distribuídos

pelas classes de Flauta, Piano, Guitarra e Saxofone.

No presente ano letivo, a escola apresenta cerca de 40 alunos, dos 5 aos 65 anos, repartidos pelas classes Flauta, Piano, Guitarra, Saxofone, Cavaquinho, Percussão, Violino e Canto. São ainda lecionadas as disciplinas de Formação Musical, Iniciação Musical e Orquestra.

Ao longo do ano, realizaram-se as habituais audições: dos Reis, da Páscoa e de Final de Ano. Assim, os alunos tiveram oportunidade de mostrar o trabalho desenvolvido.

Espera-se dar continuidade a este projeto em benefício da comunidade.

ORQUESTRA

Rui Leal

► A Orquestra da Fundação A LORD, ao fim de três anos, mostrou ter desenvolvido um trabalho meritório ao nível musical, realizando alguns concertos.

A 7 de março, organizou o *Cinemúsica*, onde se ouviram temas de grandes filmes, enquanto eram projetados fragmentos dos mesmos, criando um ambiente de “banda sonora ao vivo”; a 24 de julho, participou no *II Certamen Internacional de Bandas de Música Armónico*, em Zamora, obtendo o 2.º Prémio na 2.ª categoria; durante o mês de outubro, organizou o *Outubro Musical*; a 28 de novembro, tomou parte no *2.º Concurso Internacional de Bandas Filarmonia D'Ouro*, no



Europarque, em Santa Maria da Feira, onde obteve o 1.º Prémio na secção académica.

Estes concertos refletiram o empenho de todos os elementos que compõem a Orquestra, e traduzem o seu papel na divulgação da música.

Auditório



O Auditório da Fundação A LORD é um lugar de acolhimento de várias manifestações culturais: conferências, música, teatro, dança, pintura, escultura, entre outras.

Ao dar-se continuidade a uma programação sistemática e cuidada, materializada com o apoio de diversos intervenientes, vai-se ao encontro de uma comunidade alargada que comparece pelo desejo de conhecimento e comprazimento, através do confronto com as artes.

Espera-se que a dinâmica criada se expanda no tempo e o Auditório continue a ser um ponto de referência cultural em benefício da região.



PATRIMÓNIO DA PARÓQUIA DE SÃO SALVADOR DE LORDELO

EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA

Ana Maria Martins

▶ Atendendo ao interesse manifestado pelo público em conhecer parte do Património Religioso da Paróquia de São Salvador de Lordelo, exposto no Auditório da Fundação A LORD, no mês de dezembro de 2014, decidiu-se prolongar a exposição de Arte Sacra, durante o mês de janeiro de 2015.

Realça-se, assim, a importância artística deste património que, ao ser conhecido, ficará certamente mais valorizado pelo público em geral e, em particular,

pela comunidade lordelense.

O espólio religioso exposto incluiu peças de joalheria, prataria, documentação, paramentaria e imagens, tendo algumas delas exigido uma recuperação cuidada, dada a sua antiguidade e o seu valor. É de referir a beleza de cada uma no que diz respeito aos materiais e técnicas utilizadas.

Deste modo, a Fundação A LORD dá continuidade a um propósito de promoção cultural em que assenta a sua criação.

DO NATAL AOS REIS

CONCERTO DE REIS

Maria Ribeiro

▶ Em janeiro de 2015, desloquei-me do Porto até Lordelo, para assistir a um concerto intitulado “Do Natal aos Reis”, realizado no Auditório da Fundação A LORD.

Valeu bem a pena esta deslocação numa noite gelada de inverno, pois o concerto a que tive o prazer de assistir encheu a minha alma de calor!

O programa era muito interessante e apelativo e os executantes, já conhecidos de outros concertos realizados no Porto, primaram, como sempre, pela excelente qualidade.

O Coro do Círculo Portuense de Ópera e a Banda Militar do Porto, sob a regência, respetivamente, dos Maestros José Eduardo Gomes (Maestro Titular do Coro do CPO) e do Capitão Alexandre Coelho (Maestro Titular da Banda Militar do Porto), interpretaram obras escritas especialmente para Banda - Unity Fanfare, assim como outras peças que eu desconhecia, mas de uma beleza enorme. Também foi apresentada a “Missa Tornacum”, obra para Coro e Banda de um compositor belga, que desconhecia, mas que me deixou fascinada. Tanto o Coro do Círculo Portuense de Ópera como

a Banda Militar do Porto primaram pela sua execução. Não queria deixar de fazer uma especial referência à forma como a solista, Joana Silva, interpretou a ária *Pie Jesu do “Requiem”* de Fauré, que me deixou completamente emocionada.

No final do concerto, ainda fomos brindados com um momento muito peculiar e simpático protagonizado pelos coralistas e pelo Maestro José Eduardo Gomes que interpretaram um arranjo muito apelativo de melodias da época Natalícia. Munidos de gorros de Pai Natal, coralistas e Maestro convidaram à participação do público e, desta forma, todos em conjunto, dirigidos pelo Maestro José Eduardo Gomes, cantámos e aplaudimos efusivamente.

Gostaria de enviar os meus parabéns à Fundação A LORD por esta magnífica iniciativa e pelo ótimo Auditório que em boa hora construíram.

Valeu bem a pena deslocar-me do Porto!

Parabéns ao CPO e à Banda Militar do Porto!

Espero poder voltar mais vezes para assistir a iniciativas deste nível.





AUDIÇÕES DA ESCOLA DE MÚSICA

CONCERTOS

Lasaete Silva

► Nos dias 13 de janeiro, 26 de abril e 17 de julho, os alunos da Escola de Música da Fundação A LORD mostraram a evolução dos conhecimentos musicais adquiridos durante o ano letivo.

Nas audições realizadas no Auditório da Fundação A LORD, foram ouvidos vários instrumentos, entre os quais, cavaquinho, flauta, guitarra, percussão, piano e saxofone.

Todos os alunos demonstraram as suas capacidades musicais e mereceram os aplausos dos familiares e amigos.

HOMENAGEM AO CICLISTA RIBEIRO DA SILVA

EXPOSIÇÃO

Ana Maria Martins

► Em Lordelo, o ciclismo é uma modalidade popular, cuja origem se deve ao brilhante ciclista José Manuel Ribeiro da Silva que venceu, em 1955 e 1957, a Volta a Portugal, conseguindo o 2.º lugar em 1956. Ganhou numerosas provas de organização particular; conquistou o Prémio da Montanha da Volta a Pontevedra, sendo o 5.º da classificação geral; venceu em tempo recorde o Paris-Evreux e foi também o 4.º classificado da Volta a Espanha.

Faleceu, com 23 anos, num acidente de motorizada, perdendo-se um dos maiores vultos do ciclismo português.

Em homenagem ao ilustre lordelense, a Fundação A LORD organizou, no mês de fevereiro, uma excelente exposição que ilustrou o percurso desportivo

do atleta, conseguindo reunir um vasto espólio, onde se incluem objetos e documentos valiosos, propriedade de familiares e amigos e do Académico Futebol Clube.

A comunidade local teve a oportunidade de apreciar e conhecer, através de um elucidativo painel, os momentos mais significativos da vida de Ribeiro da Silva, desde a sua meninice à sua juventude. A completar a mostra, destacavam-se diversos objetos entre os quais três bicicletas utilizadas pelo ciclista em provas de renome, taças comemorativas, medalhas e fotografias que testemunhavam a época vitoriosa do atleta, avivando a memória dos seus contemporâneos e deixando um sentimento de admiração nos jovens que visitaram a exposição.



CONTRA VENTOS E MARÉS... UM FRANGANOTE CAMPEÃO

EXPOSIÇÃO

Odete Mendes

► Toda a gente sabe que o desporto rei em Portugal é o futebol... Mas, por razões várias, deixou de ser um desporto de rua...

De rua, ou melhor dizendo, de estrada, o que continua a ser o desporto popular é o ciclismo. À chuva, ao sol, em grupos grandes ou pequenos, nesta época em que tanto se apela ao desporto “pela sua saúde”, vemos as estradas cheias de bicicletas que, melhor ou pior, vão convivendo com os veículos motorizados.

Uma das regiões que mais estrelas nos tem dado neste desporto é o leste do Porto: Sobrado (Nuno Ribeiro), Rebordosa (Cândido Barbosa), Lordelo, Penafiel, etc..

Este texto é dedicado a um grande campeão que, por ser antigo, ficou um pouco esquecido na memória do país. Chamava-se José Manuel Ribeiro da Silva, nasceu em Lordelo em 1935 e tinha uma compleição franzina que lhe valeu o título de “franganote”. Contra a vontade do pai e enfrentando várias dificuldades, participava aos domingos em tudo o que era corrida na zona e, mais tarde, com a camisola do Académico (do Porto) acabou por se impor a nível nacional e venceu as edições da Volta a Portugal em 1955 e 1957, em confronto direto com o mítico Alves Barbosa. Destacou-se, igualmente, em várias provas de Espanha e França.

No entanto, as grandes esperanças que o país depositava nele goraram-se quando, aos 23 anos, faleceu num acidente de motorizada. Em homenagem ao campeão de Lordelo, a comunidade local atribui a uma das principais avenidas o seu nome e, no centro da cidade, colocou uma estátua com a figura do ciclista.

A Fundação A LORD, sempre atenta a tudo que é património e, em particular, ao de Lordelo, resolveu homenagear o ciclista, que ficou conhecido como Rei da Montanha, através de uma exposição que incluiu, mesmo, as bicicletas do atleta, cedidas pelos atuais donos que quiseram juntar-se à comemoração.

Devo confessar que, para mim, a exposição foi uma revelação completa, mas, conversando com um primo meu de sessenta e poucos anos de idade, da zona de Coimbra, ele disse-me logo o nome do corredor e sabia muita coisa sobre a sua vida distante, no espaço e no tempo.

Mais uma vez, A LORD foi minha mestra e das boas, porque aprendi de forma agradável, e nunca mais me vou esquecer da personalidade aguerrida de Ribeiro da Silva.



ÓCULOS DE SOL E CHUVA DE PRÉMIOS

TEATRO

Odete Mendes

Óculos de Sol Natércia Barreto (anos 60)

Já arranjei muito bem
Tudo quanto convém
P'ra praia levar
O pente, o espelho, o baton
E o creme muito bom
P'ra me bronzear
Tenho o meu rádio portátil
E o bikini encarnado
Também está no meu rol
E como é bom de ver
Não podia esquecer
Os meus óculos de sol

Refrão:
Que levo p'ra chorar uuuuhuh
Sem ninguém ver
P'ra não dar uuuuhuh

A perceber
P'ra ocultar uuuuhuh
O meu sofrer
Pois eu sei que te hei-de encontrar
Talvez deitado à beira-mar
Com outra ao lado
E eu vou passar
A tarde a chorar

Já pensei não sair
Mas aonde é que eu hei-de ir
Com este calor?
O que é que eu hei-de fazer
P'ra não ter que te ver
Com o teu novo amor?
Ver-te-ei com certeza
Mas eu peço à tristeza
Um pouco de controle
E pelo sim pelo não
Eu vou ter sempre à mão
Os meus óculos de sol

Vou chorar
Uuuuh uh
Vou sofrer
Uuuuh uh
Vou chorar
Uuuuh uh



▶ Atualmente, quando se fala de prémios, pensamos logo no euromilhões... Mas não é sobre dinheiro que vamos refletir hoje.

Na realidade, há muitos tipos de prémios e com diversos objetivos. Podemos pensar nalguns dos mais conhecidos, como por exemplo os Óscares (cuja entrega já foi classificada como "Feira de Vaidades" mas que nos ajudam a escolher os filmes que vamos ver) ou os Nobéis que, para além de subsidiarem trabalhos de grande valor científico e humanitário, nos dão esperanças muito diversas.

Hoje, vamos falar de prémios mais discretos mas não menos importantes. Referimo-nos, concretamente ao prémio de Melhor Luminotecnia, Melhor Cenografia, Melhor Figurino, Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Encenação e Melhor Espetáculo na MTA - Mostra de Teatro Amador de Valongo, em 2014.

Quem ganhou tudo isto? O Grupo Dramático e Recreativo da Retorta (Valongo) com a peça Óculos de Sol. E, ainda em 2014, com a mesma peça, ganhou, os prémios de Melhor Atriz, Melhor Guarda-roupa e Melhor Encenação no XV Festival de Teatro de Esmoriz.

Já em 2015, participou no CONTE (Concurso Nacional de Teatro, uma organização da

Federação Portuguesa de Teatro, da Fundação INATEL e da Câmara Municipal da Póvoa do Lanhoso). Nomeada para 8 das 10 categorias a concurso, conquistou 6 prémios e 1 Menção Honrosa: Melhor Desenho de Luz; Melhor Ambiente Sonoro; Melhor Guarda-roupa; Melhor Interpretação Secundária Feminina; Melhor Interpretação Principal Feminina (Menção Honrosa); Melhor Encenação e, por fim, o Prémio Ruy de Carvalho - MELHOR PRODUÇÃO 2015.

O grupo de teatro da Retorta é muito conhecido em Valongo (concelho onde proliferam os grupos de teatro amador), mas esta peça ultrapassou largamente os limites locais, como puderam ver pela longa enumeração de prémios.

Se repararam no emblema do grupo, este já conta com uns vetustos 73 anos de idade. No entanto, a juventude impera nos atores e no espírito da famosa peça Óculos de Sol.

No dia 21 de fevereiro, A LORD ofereceu-nos o privilégio de assistirmos à sua representação e todos ficámos convencidos de que, realmente, é uma produção merecedora de todo o reconhecimento implícito nos prémios recebidos.

A peça, com ritmo narrativo notável, é uma comédia e as personagens são construídas segundo as regras clássicas: sem densidade psicológica, satirizam grupos sociais ou, para sermos mais corretos, grupos do nosso imaginário coletivo. A mocinha apaixonada, como a que chora na cantiga de Na-

tércia Barreto (Vou chorar / Uuuuh uh / Vou sofrer / Uuuuh uh / Vou chorar / Uuuuh uh) é meio totó (perdoem-me o termo) e caracteriza-se por se deslocar aos saltinhos. O galã (vilão) é marcado por tiques de "homem bom" e, claro, pelos óculos de sol.

Para terem uma ideia do quadro geral, deixo-vos com a sinopse apresentada no programa, distribuído aquando da representação.

SINOPSE

Receita para o cocktail estereofónico "Óculos de Sol"

- Junte uma quantia generosa de uma governanta difícil e intransigente (mas de veras sensual) e de uma viúva negra e autoritária, que bebe às escondidas;
- Adicione lentamente outra quantia generosa de um irmão tolerante e apaziguador (que gosta de saldos e promoções) e tempere, sem receios, com uma irmã esquecida, temperamental, que troca palavras e não gosta nada de tomar banho;
- Junte à mistura uma quantia ainda mais generosa de uma rapariga ingénua, doce, que caminha aos saltinhos, adora passarinhos e música romântica;
- Misture tudo até formar uma amálgama uniforme e familiar.

(Agora, muita atenção, os ingredientes seguintes são indispensáveis para obter um resultado surpreendente!)

· Adicione, sem medo, com vigor e inspiração q.b.:

- Um sacana do mais alto gabarito, porém irresistível e, ainda por cima, com sotaque;
- Uma adolescente perspicaz, leal e rápida como um tiro;
- Uma solteirona burlesca, com um sotaque surpreendente e temperamento gourmet;
- Uma espanhola que se esquece de falar espanhol, que lê as cartas e advinha umas cenas;
- Um enfermeiro tímido, poeta, sonhador e meio gago;
- E, por fim, um Padre faminto, atolambado e sobretudo muito cómico.

- Envolve tudo muito bem; polvilhe com óculos de sol e um nadinha de óculos de ver;
- Salpique com música antiga e sirva com uma luz cheia de pinta.

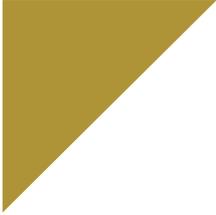
Agora sente-se e relaxe... Deixe-se levar... Deguste... Deslumbre-se...

E não perca esta receita. Por nada!

Espetacular, não é? Toda a conceção da peça o é. Por isso não surpreende o já referido Prémio Ruy de Carvalho - MELHOR PRODUÇÃO 2015. Se o nosso querido grande ator assistiu ao espetáculo, de certeza que se riu muito.

Resta-nos agradecer o esforço de A LORD na procura de tão diversos espetáculos de qualidade.

Até breve!



RIBEIRO DA SILVA O PORTUGUÊS VOADOR

APRESENTAÇÃO DE LIVRO

Lasalette Silva e Sara Lamas



▶ No dia 28 de fevereiro, no Auditório da Fundação A LORD, foi apresentado o livro *Ribeiro da Silva - O Português Voador* da autoria de José Magalhães Castela.

Na cerimónia, estiveram presentes: o Dr. Francisco Leal, Presidente da Fundação A LORD, que evidenciou a importância da publicação da obra, pois ajudará a divulgar e fazer perdurar a memória do atleta, honrando de “forma brilhante o nome da terra que o viu nascer”; o Dr. Celso Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Paredes, que enalteceu o valor do ciclista, o seu percurso desportivo, justificando o conhecido nome “O Português Voador”, que “... subiu alto, muito alto, onde apenas os melhores portugueses da história chegaram”; o Sr. Manuel Pinto, Presidente da Direção da Associação de Ciclismo do Porto, que se regozijou com o lançamento do livro sobre Ribeiro

da Silva em nome da “família” de todos os ciclistas; a Dra. Maria João Silva, representante da família Ribeiro da Silva, que honrou com a sua presença a memória do seu familiar; o Dr. José Magalhães Castela, autor do livro, que se referiu aos documentos, revistas e jornais consultados, que permitiram a recolha de dados relativos à biografia desportiva de Ribeiro da Silva.

Quem assistiu à sessão ficou certamente curioso por conhecer o perfil do ciclista dos anos cinquenta, as suas vitórias nas edições da Volta a Portugal em Bicicleta de 1955 e de 1957 e participações na Volta a Espanha e na Volta a França, factos registados na obra “Ribeiro da Silva - O Português Voador”.

Esta sessão contou com a atuação do Quarteto de Saxofones da Fundação A LORD, que interpretou excertos de Vivaldi e Shenandoah.

CINEMÚSICA

CONCERTO

Sara Lamas

▶ No dia 7 de março, a Orquestra da Fundação A LORD presenteou o público com a interpretação de músicas de filmes marcantes da história do cinema, que foi acompanhada pela projeção de fragmentos dos mesmos filmes.

Com o decorrer do concerto fez-se uma viagem no tempo: adormeceu-se na infância com o *Rei Leão* e acordou-se com *Skyfall* de James Bond... Os olhos dos espectadores manifestaram entusiasmo por toda a envolvente do concerto, imagem e música.

No final de cada interpretação, os aplausos do público demonstraram o agrado pela novidade e qualidade do concerto.





OLHAR E SENTIR – REGISTOS

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

Ana Maria Martins

► Nos meses de março e abril, esteve patente ao público, na Fundação A LORD, a exposição de fotografia *Olhar e Sentir: Registos* de Almerindo Loureiro, composta por 33 documentos fotográficos.

Segundo o autor, “As escolhas são sempre momentâneas, nunca definitivas. A fotografia eterniza momentos fugazes em que o olhar desperta a sensibilidade e o registo acontece.”

Ao escrever este pequeno texto, pretende-se deixar a marca do acontecimento, realçando a beleza do trabalho exposto. O tema da natureza emerge na diversidade e intensidade de cores e formas. O

olhar do visitante prende-se no detalhe, no movimento, no reflexo de luz, na transparência, como um todo que tem correspondência num real que, por vezes, passa pelo olhar distraído.

Na visita a esta mostra, descobrimos com espanto elementos do mundo vegetal e animal que nos levam à procura da beleza da Natureza no exterior. Sentimos, assim, um impulso para o que está próximo, já que a maior parte dos registos fotográficos apresentados tiveram a sua origem no espaço natural lordelense.

BLIND ZERO 20 ANOS EM ACÚSTICO

CONCERTO

Ilda Sofia Amorim

► O concerto, *Blind Zero – 20 Anos em Acústico*, apresentado na Fundação A LORD, no dia 28 de março de 2015, foi um evento com numerosa adesão de um público diversificado da cidade de Lordelo e de outras áreas.

Os Blind Zero são uma banda portuguesa de referência na música rock, cantada em inglês. Esta banda, formada em 1994, com mais de 20 anos de carreira, com milhares de discos vendidos, sete álbuns editados e um DVD gravado em Milão para a MTV, é composta por seis elementos: Miguel Guedes (voz e guitarra), Nuxo Espinheira (baixo e voz), Bruno Macedo (guitarra e voz), Vasco Espinheira (guitarra), Pedro Guedes (bateria) e Miguel Ferreira (teclados).

Em palco, os Blind Zero, sempre com espírito de rock e com muita energia, recordaram as músicas mais emblemáticas das duas últimas décadas, num concerto que contou com o Auditório da Fundação lotado. O público mostrou-se sempre entusiasmado e em interação com os artistas, na perspetiva de ouvir as músicas que marcaram o percurso da banda, como “Recognize”, “Trace”, “Tree”, “Shine On” e “Slow Time Love”. Estes foram alguns dos temas que se ouviram neste concerto.

Os jovens presentes, entre os quais eu me incluo, agradecemos à Fundação A LORD a oportunidade de podermos usufruir de música com qualidade, na nossa cidade.



O BRADO DA TERRA

ESPETÁCULO

Ana Maria Martins

▶ O dia 25 de abril de 1974 foi lembrado num evento apresentado pelo Núcleo de Etnografia e Folclore da Universidade do Porto, no Auditório da Fundação A LORD.

O espetáculo – composto por danças e canções tradicionais que integram a obra discográfica de José Afonso – expressou valores de liberdade, igualdade e justiça social e teve uma encenação teatral rica, interagindo com o público em vários momentos. Salienta-se o simbolismo da distribuição de cravos pela assistência que

permitiu manter na memória a **Revolução dos Cravos**, unindo as várias gerações e dando significado a um ritual histórico.

O NEFUP manifestou, mais uma vez, a sua preocupação na divulgação da cultura tradicional já que continua a pesquisa e recolha de património nas várias regiões do país, tendo em vista a sua divulgação através dos espetáculos que apresenta.

A Fundação a LORD acolheu com admiração e agrado o trabalho que o grupo organizou para celebrar o **25 de Abril**.



GALA DA PRIMAVERA

ESPETÁCULO DE DANÇAS DE SALÃO

Donzília Martins

▶ Já lá vai quase um ano, 30 de maio de 2015, que o meu olhar se inebriou com a cor, o som, a luz, os brilhos das lantejoulas, as rendas, os bordados, as ondas dos ventres do grupo de bailarinas e bailarinos da Academia Pedro Sousa e jamais esqueceu este deslumbramento.

Dia após dia, queria registar esse evento, essa noite de arte e beleza fascinante cujos corpos jovens e belos desfilavam, deslizavam, voando leves como anjos de asas coloridas e penas de pássaros, pelo palco do Auditório da Fundação A LORD.

Como nesse dia, passam ainda hoje nos meus olhos, leves e doces esses instantes da gala da primavera com várias modalidades: danças de salão, Hip-Hop, dança contemporânea e

dança do ventre.

Toda a dança é bela e nobre porque nela se reflete sempre a alma que habita o corpo que baila, mas naquela noite parecia divina! Teve um sopro diferente, uma acústica singular que quase todos trauteavam e uma sensibilidade que fazia ferver os sentimentos nos olhares, nos gestos, nos passos corridos, nos voos dançantes, nos pés que eram asas, nas cores que saltavam, brilhavam e encantavam.

“Para sobreviveres deves contar histórias” – disse Humberto Eco.

Para que a arte viva, deves olhá-la, senti-la, vivê-la, admirá-la e escrevê-la. É o que eu estou fazendo.

Obrigada Academia Pedro Sousa pela beleza, pelo colorido, pelo excelente e árduo trabalho, pela alma posta a nu, pelos corpos moldados aos encantamentos.

Obrigada à Fundação A LORD meu e de todos os presentes que, com certeza se deliciaram com aquela noite de



fadas, vivendo instantes belos das suas vidas e se deixavam entrar na dança.

Toda a arte me encanta! Mas à dança dedico um carinho especial. Tenho uma neta, dezoito anos, bailarina e uma nora coreógrafa, bailarina e diretora

do Ballet Teatro do Porto.

Sempre que posso nunca perco um espetáculo de dança e deixo o meu corpo ganhar asas e misturar-se com eles e com o bailado, enchendo-me a alma.

OBRIGADA.

O LINHO: CULTIVO, TRANSFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO

EXPOSIÇÃO

Ana Maria Martins

▶ No âmbito da programação de 2015, a Fundação A LORD organizou a exposição *O linho: cultivo, transformação e utilização*, que esteve patente ao público de junho a outubro, tendo em vista a divulgação do património existente na comunidade.

A exposição mostrou o ciclo do linho, desde a preparação do solo para receber as sementes até à obtenção das fibras – tomentos, estopa e linho –, uma sequência de tarefas que põem em jogo conhecimentos transmitidos ao longo do tempo. Estes conhecimentos foram evocados através de todos os instrumentos (fabricados manualmente) que são utilizados nas diversas fases do cultivo e transformação do linho: o ripo, a espadela e o espadeladouro, o sedeiro, a roca e o fuso, o sarilho, a dobadoira, a urdideira, o tear, entre outros.

A par destes instrumentos, expuseram-se peças em estopa e linho – desde o colchão, ao len-

çol, à colcha, à toalha..., herança de pais e avós –, que trazem à memória um outro tempo.

Esta exposição incluiu, ainda, fragmentos de textos literários sobre a mesma temática. Muitos deles serviram de base a textos musicais que ainda hoje se ouvem com agrado. A título de exemplo, refere-se as canções do grupo musical de raiz portuguesa Pé na Terra, cuja atuação, no Auditório da Fundação, enriqueceu a mostra, deixando uma marca de atualidade inspirada numa tradição popular.

A Fundação A LORD cumpriu, assim, uma das suas funções culturais em prol da comunidade, ajudando a preservar e divulgar valores das gerações passadas que devem ser reavivados como estímulo para as gerações atuais.

Esta exposição só foi possível com a colaboração de algumas famílias e instituições que cederam peças e instrumentos, dando testemunho de uma arte do saber fazer, património muitas vezes esquecido e pouco valorizado.



PATRIMÓNIO DOS NOSSOS AVÓS

O LINHO

EXPOSIÇÃO

Odete Mendes



Este linho é mourisco e a fita dele namora quem daqui não tem amores pega o chapéu vá-se embora Ai-a-li-o-lai-o-lai-lalolé lai-a-ró meu bem regala-te o meu amor regala-te e passa bem Ó minha mãe dos trabalhos para quem trabalho eu trabalho mato meu corpo não tenho nada de meu Mondadeiras lá de baixo mondaí o meu linho bem não olheis para a portela que a merenda logo vem

▶ Eis uma cantiga dedicada ao linho em que se associa o trabalho ao descanso para a comida e aos amores, temas bem populares. Esta música é tão antiga que encontramos várias versões. Aqui apresentamos a do Orfeão Universitário do Porto, a que nos parece mais pungente, com a sua crítica social.

Mas o linho pode, também, aparecer como metáfora. Normalmente representa, pela sua brancura, a pureza, mas pode ser visto como algo (masculino) a ser completado pela linha de bordar (feminino). É o que acontece neste magnífico poema cantado por Gilberto Gil.

A linha e o linho

Gilberto Gil

É a sua vida que eu quero bordar na minha
 Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
 E a agulha do real nas mãos da fantasia
 Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
 E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
 Os nossos sentimentos loucos, nosso amor

O zig-zag do tormento, as cores da alegria
 A curva generosa da compreensão
 Formando a pétala da rosa da paixão
 sua vida o meu caminho, nosso amor
 Você a linha e eu o linho, nosso amor

Nossa colcha de cama,
 nossa toalha de mesa
 Reproduzidos no bordado
 A casa, a estrada, a correnteza
 O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza

Mas, afinal, porque estamos a falar do linho? É que, do dia 22 de julho até ao dia 26 de setembro de 2015, pudemos ver, no átrio do Auditório A LORD, uma magnífica exposição sobre esta pequena planta, de belíssima flor azul, que já foi cultivada em todo o país, mas agora se reduz a pequenas explorações. Logo no início da mostra, chamada *O linho - cultivo, transformação e utilização*, encontrávamos um grande cartaz com as inúmeras fases do tratamento do linho. Destaco duas que cruzam esta área com outras do dia a dia:

1

Ripar, ripanço, ripador - será preguiçar, não fazer nada? Ou será armar os cabelos à moda dos anos 60? Ou, mais modernamente, copiar uma música da internet? Não! Ripar é separar a baganha do linho.



2

Sarilho, ensarilhar... não precisa de explicação? Pois!... na faina do linho, o sarilho é isto: uma espécie de dobadeira, onde se enrolam as maçarocas para fazer as meadas. E não, estas maçarocas não são dinheiro: são pedaços de fio que se tiram do fuso. A propósito, costumam andar direitos como um fuso? Cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso...



E já pensaram no termo linhar (ou linhal)? Encontramos Linhares em Carrazeda de Ansiães, Linhares da Beira (aldeia histórica de Celorico da Beira), etc. Até no Brasil há uma terra com este nome e temos mesmo um título nobiliárquico - que dá o nome a uma ponte em Goa. E para um pouco de boa disposição, eis uma quadra popular em que se critica um linhar cheio de ervas daninhas:

Eu hei-de ir ao teu linhar
Que o teu linhar tudo tem
Tem gorga, tem saramago
E pessêguelo a. (1)

(1- citado no Site Borda d'Água - O Linho - Da flor à «baganha»)

O segundo cartaz da exposição tinha como título *O Linho na Literatura*. Com expressões, adivinhas, quadras populares (Tanto trabalho me dá/ Até que o possa fiar;/ Do S. João ao S. Pedro/ Ao rio o hei de ir levar.// Minha camisa de linho,/ Branquinha não perde a cor,/ Fiada por minha sogra,/ E feita pelo meu amor.) e textos literários (Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho de Camilo Pessanha e Natureza Morta de Maria Teresa Horta), mostramos como o linho era, e de algum modo continua a ser, transversal às diferentes camadas de portugueses.

Para além de ser apreciado pelos diferentes grupos sociais, o linho atravessa, também, os tempos. Sabemos que já se cultivava há sete mil anos, na Babilónia, e aparece, por várias vezes, referido na Bíblia:

- o Livro de Moisés refere-se à perda de uma colheita de linho, no Egito, como uma “praga”, o que revela a sua importância na vida das populações;
- ainda no Antigo Testamento diz-se que as cortinas, o véu do Tabernáculo e as vestes de Arão como oficiante eram em “linho fino retorcido”;
- em Jeremias 13 encontramos a história de um cinto de linho que simboliza, pela sua resitência, a força de uma ligação, mas, como tudo que não é cuidado, também se torna perecível.

13 1/2 Disse-me o Senhor: Vai comprar um cinto de linho e usa-o, mas não o laves – não o ponhas de maneira nenhuma na água. E assim fiz; pus um cinto de linho. 3 Então veio outra vez a mim a mensagem do Senhor, e disse-me desta vez: 4 Leva o teu cinto de linho ao rio Eufrates e esconde-o numa cavidade das rochas.

5 Fiz como me foi dito, e escondi-o segundo a indicação do Senhor. 6 Passado muito tempo, disse-me: Vai novamente ao rio e pega no cinto que te mandei guardar ali. 7 Fui, dirigi-me à cavidade onde o tinha deixado, e verifiquei que tinha apodrecido, e que já não prestava para nada!

8/11 Então disse-me o Senhor: Isso ilustra a forma como eu farei apodrecer o orgulho de Judá e de Jerusalém. Esta má nação recusa ouvir-me e segue os seus maus desejos, concupiscentes, e adora ídolos; por isso se tornará como esse cinto – sem valor nenhum. Porque assim como um cinto é coisa que está bem ajustada à cintura duma pessoa, normalmente, assim Judá e Israel me estavam ligados, diz o Senhor. Eram o meu povo, uma honra para o meu nome. Mas depois, desviaram-se de mim.

- a túnica de Cristo era de linho sem costuras;
- no Evangelho de S. Mateus (27:59) refere-se que José de Arimateia envolveu o corpo de Jesus Cristo com “um pano de linho limpo”.

No atual território de Portugal, o cultivo do linho e a sua transformação em tecido já existiam nos tempos da Pré-história: numa sepultura junto das Caldas de Monchique, no Algarve, encontrou-se um pequeno farrapo de linho (2500 a.C.).

Afonso X, rei de Castela e Leão e avô de D. Dinis (séc. XIII) tinha a particularidade de usar o galaico-português quando escrevia poesia e numa das suas famosas cantigas de escárnio e maldizer diz: (...) O que tragia o pano de linho / pero nom veo polo Sam Martinho,/ nom vem al maio. Aqui, o linho parece ser um distintivo

duma classe social (cavaleiro) que não corresponde aos deveres de colaborar com o seu rei.

Chegamos a 1500 e à Carta do achamento do Brasil: Pero Vaz de Caminha conta ao rei que Nicolau Coelho, para agradar aos nativos, Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto.

Na literatura também se incluem os textos musicais de que já vimos dois exemplos e onde o linho perpassa significativamente. Zeca Afonso, por exemplo, na belíssima balada de Coimbra chamada Cantigas de maio diz-nos:

Eu fui ver o meu benzinho
Lá p'ros lados dum passal
Dei-lhe o meu lenço de linho
Que é do mais fino bragal

Na exposição de A LORD, entre as muitas peças apresentadas, saliento a pureza e espiritualidade de uma espécie de babeto que servia para os doentes tomarem a extrema-unção, em casa.



Se todos conhecemos o tecido de linho, são poucos os que sabem das suas propriedades medicinais: o linho tem propriedades laxantes, diuréticas, emolientes, suavizantes e vermífugas.

Os chás, usam-se com algumas das sementes dentro de uma «boneca» de pano, introduzida na água até esta ferver um pouco e os mais antigos ainda se lembram das «papas de linhaça».

Para terminar, vamos voltar ao início e à referência ao milho mourisco. Juntamente com o milho galego eram as variantes mais cultivadas no norte. Nas zonas húmidas plantava-se essencialmente a variante de linho galego, na primavera (abril) para colher em junho, e também se produzia, paralelamente, a variedade mourisca, cultivada no outono (setembro/novembro), embora este constituísse um produto de menor qualidade. Se nos lembrarmos que os galegos são os nortenhos e os mouros os do sul, podemos concluir que o cultivo do milho se realizava em todo o país.

Resta-me agradecer a A LORD por nos ter permitido recordar e apreciar um pouco do nosso património.

XVI ORFFLORD

ENCONTRO DE ORFEÕES

Ana Maria Martins

▶ No mês de junho, deu-se continuidade ao *OrffLORD*, um encontro de orfeões, que tem vindo a acontecer desde 1999. Participaram neste evento, a convite da Fundação A LORD, o Grupo Coral dos Professores do Porto, o Orfeão de Paços de Ferreira e o Orfeão da Fundação A LORD, que foi o anfitrião.

Convém lembrar que esta iniciativa cultural tem em vista pôr em confronto associações cuja prática se pauta pela paixão pela música e vontade de a dar a conhecer.

O Orfeão da Fundação A LORD foi conduzido pelo entusiasta maestro Luís Bovião Monteiro, que, desde a sua criação, tem dinamizado estes encontros. Foi ele quem fez a abertura do concerto, dando a conhecer o trabalho desenvolvido pelo grupo durante o último ano. O repertório apresentado – *Queda do Império, I Can See Clearly Now, When You Believe...* – mereceu o agrado do público, já que as canções, na sua maioria, eram reconhecidas de outros contextos.

O Grupo Coral dos Professores do Porto, dirigido pelo conceituado maestro António Manuel de Sousa Vieira, apresentou um repertório variado, privilegiando a música popular portuguesa, tal como *Meu Lírio Roxo, Don Solidon, Chama-*



teia... Contudo, a música erudita e os espirituais negros também se fizeram ouvir em harmoniosas sonoridades.

O Orfeão de Paços de Ferreira, orientado pela jovem e apreciada maestrina Isabel Freitas, exibiu um repertório diversificado que incluiu canções portuguesas e de outras nacionalidades, entre as quais *Linho Mourisco, Barco Negro, My Lord, Amigos para Sempre...*

Foi surpreendente a participação do público durante o concerto, o que leva a presumir que estes eventos musicais cumprem o objetivo cultural que está na raiz da Fundação A LORD.



OUTRO MODO DE ESCRITA

EXPOSIÇÃO COLETIVA DE ILUSTRAÇÃO INFANTOJUVENIL

Ana Maria Martins

▶ A Fundação A LORD, com o apoio da Editora Tcharan, possibilitou a realização da exposição *Outro Modo de Escrita*, que reuniu ilustrações de alguns dos mais conceituados ilustradores portugueses.

Durante os meses de novembro e dezembro, os visitantes tiveram oportunidade de apreciar algumas obras em diferentes técnicas – guache, aquarela,



SARILHO

CONCERTO DE MÚSICA DE RAIZ PORTUGUESA

Ana Maria Martins

► No dia 26 de setembro, o Grupo Pé na Terra deu-se a conhecer, no Auditório da Fundação A LORD, com a apresentação do concerto Sarilho, realizado para complementar a exposição *O linho: cultivo, Transformação e Utilização*.

Ao assistir ao espetáculo, fui surpreendida pelo ritmo e letras das composições apresentadas, o que confirmou a raiz popular e intemporal da música tradicional portuguesa.

Este grupo musical, em palco, deu expressão às palavras contidas no perfil da sua apresentação: “... um ensarilhado de sons, imagens e sentires...”.

A vocalista, Cristina Castro, ao associar a linguagem corporal ao canto, permitiu uma excelente interação com o público, criando empatia e evocando, certamente, os gestos do ritual do linho. Todavia, o grupo no seu todo conseguiu transmitir o resultado de um trabalho coletivo de pesquisa que se confirmou no variado repertório apresentado. A título de exemplo, posso referir as canções: *Lírio Roxo, Voltas do Linho, Leve linho*, entre outras.

Este concerto, tal como a exposição sobre o linho, trouxe à memória um valioso património que deve ser preservado.

acrílico e colagem –, que trazem um mundo imaginário que pode ser interpretado de forma autónoma ou direcionado para outro modo de escrita – as narrativas inseridas nos livros.

Deste modo, pôde estabelecer-se um jogo entre a linguagem visual e a linguagem escrita, justificado pela presença dos livros. As temáticas foram ao encontro da idade dos diversos visitantes.

É de referir o convite feito ao Agrupamento de Escolas de Lordelo para a visita à exposição e participação em atividades relacionadas com os temas expostos. Foi salutar o empenho dos professores em

dar a conhecer aos jovens esta expressão artística.

Estamos convictos que se aprendeu a ler e a interpretar imagens e despertou-se o olhar para temas relevantes do quotidiano. Através do talento de cada um dos ilustradores foi possível apreciar a forma poética, por vezes intensa, de cada uma das ilustrações.

O catálogo da exposição materializou, de algum modo, os diversos temas tratados nos livros e a forma de expressão dos vários artistas.

A exposição tornou-se, assim, um exercício de reflexão a partir da observação e interpretação das obras.



D. ANTÓNIO TAIPA, BISPO AUXILIAR DO PORTO, VISITA A COOPERATIVA E FUNDAÇÃO A LORD

Ana Maria Martins



damental para a subsistência das comunidades rurais da região.

No dia 17, o Senhor Bispo Auxiliar do Porto foi também homenageado com um concerto pelo Orfeão e Orquestra da Fundação, apresentado no Auditório da Instituição.

Este momento musical permitiu o encontro dos lordelenses com D. António Taipa num contexto cultural e festivo.

A cooperação entre as diversas instituições é sempre um sinal de abertura que ajuda a construir uma comunidade tolerante!



► O Senhor Bispo Auxiliar do Porto, D. António Taipa, realizou uma visita à Cooperativa e Fundação A LORD, integrada no programa da **Visita Pastoral à Paróquia de São Salvador de Lordelo**.

No dia 16 de outubro de 2015, a Cooperativa e a Fundação A LORD tiveram oportunidade de mostrar as suas instalações, dando conta da funcionalidade de cada uma delas em benefício da comunidade: Cooperativa, Biblioteca e Auditório.

Estas Instituições assumem parte da responsabilidade do bem-estar da população de Lordelo, tomando como princípios a solidariedade, a cultura e a educação. Neste sentido, estando patente ao público, na Fundação, a exposição *O Linho: Cultivo, Transformação e Utilização*, D. António Taipa e a sua comitiva puderam apreciar um conjunto de peças que faz parte de um património a preservar e testemunha um tempo em que o trabalho artesanal era fun-



OUTUBRO MUSICAL

CONCERTOS

Ana Torres

▶ Nos dias de hoje, verificamos que a nossa sociedade necessita cada vez mais de se predispor a tudo o que é direcionado à cultura e à educação. Quando vemos uma plateia cheia a vibrar num concerto de música clássica, num

espetáculo de teatro ou ballet, verificamos que existe um público que realmente ama a cultura.

Como espectadora assídua, tenho tido o privilégio de participar em alguns dos espetáculos gratuitos e prazerosos dos sábados à noite, no Auditório da Fundação A LORD. Estes sábados tornaram-se mais ricos e profícuos. Um passar de palavra, de convites, de grupos formados rumo à Fundação A LORD, convívio entre amigos

e família, com o propósito de nos enriquecermos pela cultura. É aqui que se enquadra o *Outubro Musical*, durante o qual tivemos oportunidade de assistir a quatro concertos – *Quarteto de Saxofones* pelo grupo Scherzo Sax; *A Lenda do Sétimo Músico* pelo Ar de Rastilho Fanfare Band; *Harmonia Musical* pelo Orfeão e Orquestra da Fundação A LORD; *Piano e Canto* pela pianista Mariana Guimarães, solista Daniela Nunes, execu-

tante de oboé, Rita Nunes, e participação do Coro da Associação Cultural Pedacos de Nós.

É de salientar a brilhante execução de todos os intervenientes que conseguiram exceder as expectativas do público, dando provas de um trabalho contínuo e rigoroso.

Louvo o papel da Fundação A LORD e de todos os que colaboram com ela, pois mostram que vale a pena apostar na cultura.



CAMA, MESA E ROUPA LAVADA

TEATRO

Ana Maria Martins



O INTERVALO DA VIDA III

TEATRO

Lasaete Silva

▶ No Auditório da Fundação A LORD, no dia 21 de novembro, realizou-se mais uma peça de teatro do grupo LORDator.

A peça – *O Intervalo da Vida III* – permitiu ao público desvendar os acontecimentos misteriosos, decorridos na freguesia de Lordelo, num determinado espaço de tempo, que foram narrados nas anteriores apresentações – *O Intervalo*

da Vida I e O Intervalo da Vida II. Para isso, a encenadora, Eugénia Gonçalves, recorreu a personagens para interpretar as maneiras e formas de falar da região, dando-lhes um cunho cómico, intriguista e misterioso.

Durante quase uma hora, o enredo propiciou diversos momentos de riso e gargalhadas.

▶ De entre as iniciativas culturais que a Fundação A LORD dinamiza, o Teatro assume um papel relevante na comunidade.

Neste ano de 2015, em novembro, o Grupo de Teatro Pedacos de Nós de Freamunde foi convidado para apresentar a comédia *Cama, Mesa e Roupa Lavada*, um original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, dirigida por Vitorino Ribeiro.

O encenador pôs em cena oito atores que representam as personagens de uma história de caráter satírico, retratando a vida de um homem que gosta de viver à custa dos outros, arranjando sempre expedientes para ter cama, mesa e roupa lavada, após vários divórcios.

A escolha e orientação dos atores revelou da parte do encenador uma longa experiência, permitindo reforçar a atualidade da peça e imprimindo humor no jogo de linguagem que cada uma das personagens tão bem soube interiorizar e expressar.

Sabendo que a peça *Cama Mesa e Roupa Lavada* pertence ao teatro clássico português é de louvar o trabalho do Grupo de Teatro Pedacos de Nós de Freamunde por ter mantido, ao longo dos anos, a chama do entusiasmo pelo teatro. Deste modo, a comédia que já tinha sido apresentada há 28 anos, em Freamunde, é, de novo, posta em cena pelo interesse do tema e aceitação do público.

A representação teatral despertou na assistência o riso sem esconder situações que, porventura, ainda hoje acontecem, nomeadamente em casos de divórcios fraudulentos, que, na peça, foram retratados com fino sentido de humor.

Esta comédia registou um momento cultural que vai ao encontro de uma dinâmica de transmissão de conhecimento artístico, associado a uma crítica de costumes que pode levar à evolução positiva da comunidade.





XIX ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD

XV ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO A LORD

Lasalette Silva e Sara Lamas

GALA DE BAILADO

Donzília Martins

▶ No dia 19 de dezembro de 2015, no Auditório da Fundação A LORD, choveram estrelas!...

Enquanto cá fora, numa noite tempestuosa a chuva caía, lá dentro, no átrio da entrada e no palco, iria brilhar e resplandecer a arte.

"Uma imagem vale mais que mil palavras", dizia em letras gigantes o catálogo de "Outro Modo de Escrita" que nos foi distribuído à entrada. Aqui nada se faz por acaso.

Na sala da exposição, já muitos olhares se deliciavam com as imagens de livros infantojuvenis, criações de notáveis ilustradores. Da parede iluminada, baixávamos o olhar e ele pousava em cima de tijolos onde diversas obras repousavam. Apetecia pegar neles, ler, folhear, ver mais da criatividade dos artistas, que, nesta exposição coletiva, organizada pela Fundação A LORD, com o apoio da editora Tcharan, mostravam "Outro Modo de Escrita".

Porém, no final, uma surpresa me estava guardada, quando a coordenadora da exposição, Dr.^a Ana Maria Martins, me apresentou a editora e escritora, Dr.^a Adélia Carvalho, e verifiquei que era a esposa de um grande amigo meu e homem da cultura, das artes e das letras, Doutor Carlos Nogueira. Conheci-o num encontro de escritores no Grémio Literário de Vila Real. Bebi-lhe as palavras enquanto conversáva-

mos, porque sempre tenho sede de saber... Depois, numa conferência na Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, ofereci-lhe um livro da minha autoria, que sempre é um pedaço de mim. Deveras gratificantes estes "Encontros" de cultura!

Mas entremos! Vamos assistir à Gala de Bailado pelo Centro de Dança do Porto. Auditório cheio, diria que apinhado! Olhei as caras! Muitas amigas, colegas da Universidade Sénior de Paços de Ferreira. O Senhor Presidente da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, teve a gentileza de me vir cumprimentar. Fiquei feliz! Obrigada! Há gestos simples que mostram a grandeza dos homens! Foi como uma pérola no degrau da minha escada. Há atitudes que valem eternidades, nos entram na alma e nela permanecem para sempre.

Silêncio! Luzes baixas! Escuro! O pano corre! Penumbra na escuridão do palco! Vultos ondulam de costas viradas para o grande público! Paulatinamente, a luz vai-lhes incidindo! Maravilhosa coreografia! São quatro homens e uma mulher alada que mais parece pena de pássaro nos braços de quatro luas negras. O bailado começa numa serenidade que nos encanta, nos transmuta para o espaço celestial, tal a melodia dos sons vertidos, a neblina transparente a voar no espaço, flutuante numa transcendência de sonho.

Tal como o soneto que acaba

▶ Mais um ano passou, mais um ano de celebrações dos aniversários da Fundação A LORD e da sua Biblioteca, XIX e XV, respetivamente.

Este evento festivo decorreu numa tarde de sábado, dia 5 de dezembro, e iniciou-se com a intervenção do Presidente da Instituição, Dr. Francisco Leal.

No seguimento da cerimónia, procedeu-se à entrega de certificados de formação profissional, na área de Informática, a dezasseis adultos, com

idades compreendidas entre os 29 e os 76 anos. Seguiu-se a apresentação da peça de teatro *A guerra do tabuleiro de xadrez* de Manuel António Pina, contratada por quinze elementos do grupo de teatro LORDator Juvenil.

Para terminar, os presentes entoaram o tradicional cântico de parabéns, sendo brindados com um delicioso bolo e uma lembrança - um lápis e uma saca de guloseimas para as crianças e canetas para os adultos.

sempre com chave de ouro, aqui o verso começa e vai subindo para diamantes facetados, pérolas, ametistas, rubis de luz, sedas esvoaçantes, passos, os que se adivinham como descidos das raízes das nuvens.

Seguem-se os fados, património cultural de um povo que é o nosso: *Deserto; Chuva; Gente da Minha Terra; Retrato; e Barco Negro*.

Com coreografia e direção artística da professora de ballet clássico, Teresa Vieira, num bailado perfeito, melodioso e cheio de alma portuguesa.

E a primeira parte termina sob uma chuva de palmas bem merecidas pela beleza, pelo colorido, pelo ritmo, pela leveza dos corpos e de cada gesto, de cada olhar, de cada sentimento, bailando e voando nos passos em abraços de ternura.

Na segunda parte, voaram as odaliscas em malabarismos de cores, em redemoinhos de luz, fazendo do palco estrada, rio, ponte, caminho, céu, vida, arte e deslumbramento.

Eu não disse que não sabia das palavras os adjetivos? Como me expressar se tudo foi uma maravilha ordenada e perfeita?

O ritmo foi colorido, variado, florido, numa sequência brilhante, com uma técnica apurada, fruto de intenso trabalho, com coreografias ilustradas nos olhares que iluminavam o espaço e toda a plateia.

Eu que sou admiradora de todas as artes, encanta-me sobretudo esta: o baile!

Quer seja pop, clássico, popular, tango (o meu preferido), rock..., mas o ballet é o que mais me faz

sonhar com a infinitude das estrelas! É com ele que sinto, vivo e me transcendo.

Felizmente tenho uma grande coreógrafa na família, a minha nora, Nê Barros, diretora do Ballet-teatro Escola Profissional, Porto e uma neta bailarina que alinda sempre as minhas apresentações de livros. Tenho sorte, pois, claro!...

Parabéns à Dr.^a Teresa Vieira a quem gostava de ter conhecido e dar um abraço pelas maravilhosas coreografias e arte que imprimiu a cada passo, a cada gesto, em cada olhar dos seus encantadores bailarinos e bailarinas!

Parabéns a estes, pelo esforço, por criarem arte e beleza, pela dádiva ao belo e ao maravilhoso e fantástico, pelo colorido, pelas horas e horas de treino para nos proporcionarem estes momentos de verdadeira magia!

Apenas quem passa para o lado de lá, sabe o esforço titânico que imprimem aos gestos e ao olhar para criarem arte e vida, nos músculos torcidos, das quedas, das pontas moldadas dos pés, para se chegar ao *Lago dos Cisnes*, a uma *Bela Adormecida*, a uma *Alice no País das Maravilhas*! Só podemos imaginar o que se passa para lá da cortina!

Parabéns à Fundação A LORD por nos proporcionar tão belo e encantador espetáculo, iluminando de estrelas uma noite escura de chuva aos molhos. Bem-haja a esta Instituição que tão bem emprega o seu numerário em benefício do crescimento dos outros.

Merecidas palmas! Batam comigo!

Obrigada!

Biblioteca

Na Roma antiga, o verbo “ler” - do latim legere - além de ler, também podia significar “colher”, “recolher”, “espiar”, “reconhecer traços”, “tomar”, “roubar”. Para os romanos, então, ler era muito mais do que simplesmente reconhecer as palavras e frases dos outdoors de uma avenida, dos índices de desempregos noticiados nos jornais, do discurso político de um candidato à presidência da República, de um poema ou de um conto, de um romance ou de um filme.

Ler é compreender os discursos, mas também é completá-los, descobrindo o que neles não está claramente dito. Talvez “recolher” seja buscar as pistas que o texto tem, “espiar” seja distanciar-se um pouco daquilo que é proposto, “tomar” e “roubar” talvez queira dizer estar pronto a captar, capturar, apropriar-se do que está escondido nas entrelinhas de um texto.

Ler é, pois, essencial. Através da leitura, comparamos os nossos valores e experiências com os dos outros, ampliando o conhecimento de nós mesmos e do mundo.

Ler é, também, estimulante. Os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, cheios de humor ou de ternura. Os livros partilham sentimentos e pensamentos, sonhos e realidades. Os livros abrem-nos janelas para outros tempos, outros lugares, outras culturas. Os livros ajudam-nos a sonhar, fazem-nos pensar, permitem-nos aprender.

A leitura é crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos obter conhecimento, enriquecer o nosso vocabulário, dinamizar o raciocínio e a interpretação.

O hábito de ler deve ser estimulado na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e agradável.

A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda a fixar a grafia correta das palavras.

Porque reconhecemos a importância da leitura, continuamos a trabalhar para a apoiar e divulgar, oferecendo um conjunto variado de títulos para todas as idades e dinamizando atividades que promovem o gosto de ler.

Ler é um hábito poderoso que nos faz conhecer mundos e ideias. Descubra a importância da leitura para todas as idades e embarque na aventura que só o bom leitor conhece. Frequente a nossa Biblioteca!

Merli da Graça Mourão

HISTÓRIAS DE ENCANTAR TEATRO DE FANTOCHES



► As crianças que visitam a nossa Biblioteca são a razão primeira do nosso trabalho.

Ao longo deste ano, cerca de 2 360 meninos de infantários e escolas básicas dos concelhos de Paredes, Paços de Ferreira, Valongo e Penafiel vieram à Biblioteca, aprenderam a estar neste espaço e a saber usá-lo. Depois, foram se-

duzidas pela magia das Histórias de Encantar e interagiram com variados fantoches, personagens das histórias apresentadas no Teatro de Fantoches.

Atividades plásticas, em alegre convívio, completaram estes encontros onde a imaginação e a criatividade ganharam asas.

► Divulgar escritores e a sua obra bem como as novidades mensais disponibilizadas pela Biblioteca a leitores de todas as faixas etárias, no sentido da promoção da leitura e do alargamento cultural, constitui, sempre, um dos nossos principais objetivos.

ESCRITOR DO MÊS

Janeiro:
Patrick Modiano

Fevereiro:
Almeida Garrett

Março:
David Mourão Ferreira

Abril:
José Luís Peixoto

Maiço:
Herberto Helder

Junho:
Gabriel García Márquez

Julho:
Mia Couto

Agosto:
Jorge Reis-Sá

Setembro:
Gonçalo Cadilhe

Outubro:
Raquel Ochoa

Novembro:
Luís Miguel Rocha

Dezembro:
Nuno Camarinho



Escritor do Mês

Luís Miguel Rocha nasceu na cidade do Porto, em 1976. Foi técnico de imagem, tradutor, editor e guionista, até se dedicar em exclusivo à escrita. Começou a sua vida profissional enquanto técnico da produtora responsável pelas missas exibidas na TVI. E, seja justamente a Igreja Católica, e em particular o Vaticano, com os seus alegados segredos e conspirações, que serviu de tópico do romance que o celebrou.

O autor, que viveu dois anos em Londres, estreou-se na ficção em 2005 com um romance centrado no Portugal do Estado Novo, *Um País Encantado*, quando, segundo afirmou em diversas entrevistas, recebeu documentos inéditos, de uma fonte nunca identificada, que trariam uma nova luz sobre a morte, em 1978, do papa João Paulo I, Albino Luciani, que teria sido assassinado no contexto de uma conspiração que envolvia a loja maçónica italiana P2 e cujas ramificações chegavam ao alegado atentado que vitimou Francisco Sá-Carneiro.

Luís Miguel Rocha morreu a 26 de março de 2015, em Viana do Castelo.

Obras
Publicou seis livros:
Um País Encantado, *O Último Papa*, *São João*, *A Vigília*, *A Memória Sagrada* e *A Filha do Papa*. As suas obras estão traduzidas em mais de 30 países. O *Último Papa* marcou presença no topo do *The New York Times* e vendeu mais milhões de exemplares em todo o mundo.

“A palavra”
“Um País Encantado” tem ficção, tem história, tem futuro. Contado com o rigor, o rigoroso método de um escritor de ficção, com o rigor de um jornalista, com o rigor de um crítico, com o rigor de um leitor.
“O Último Papa” não é um livro de ficção, é um livro de história. É um livro de história, é um livro de história, é um livro de história.
“A Memória Sagrada” é um livro de história, é um livro de história, é um livro de história.
“São João” é um livro de história, é um livro de história, é um livro de história.
“A Filha do Papa” é um livro de história, é um livro de história, é um livro de história.

11

LUÍS MIGUEL ROCHA (1976 - 2015)




O LEITURAS SUGERE...

Janeiro:
O mistério do príncipe desaparecido | Enid Blyton

Fevereiro:
Sisters: Trabalho de grupo | Christophe Cazenove

Março:
Poemas de crescer | Maria da Conceição Vicente

Abril:
Frederico, o cinto de segurança | Manuela Mota Ribeiro

Maiço:
Poemas com asas | Jorge de Sousa Braga

Junho:
O segredo da Pimpona | Maria Carolina Pereira Rosa

Julho:
Avozinha Gângster | David Walliams

Agosto:
Duarte e Marta - O golpe dos traficantes | Maria Inês Almeida / Joaquim Vieira

Setembro:
O pássaro da cabeça | Manuel António Pina

Outubro:
O planeta azul | Luísa Ducla Soares

Novembro:
O dia em que os lápis desistiram | Drew Daywalt

Dezembro:
O grande livro das histórias de Natal | Vários autores



DIA MUNDIAL DO LIVRO

► No dia 18 de abril, o Presidente da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, abriu a sessão comemorativa desta efeméride dando as boas vindas ao público presente e entregando os prémios aos vencedores do concurso “O melhor pai do mundo”, organizado pela Biblioteca para assinalar o Dia do Pai.

ALUNOS	ANO
LOURENÇO NETO MOREIRA	2.º Ano
GONÇALO CARNEIRO MARTINS	4.º Ano
JOÃO PEDRO NOGUEIRA LÍRIO	5.º Ano
BEATRIZ SOFIA FERREIRA MARTINS	6.º Ano

Seguiu-se a representação do texto dramático *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, pelo Grupo LORDator cuja atuação foi muito aplaudida.

A finalizar, foram entregues os Prémios de Mérito Escolar que a Fundação A LORD atribui, anualmente, aos melhores alunos do Agrupamento de Escolas de Lordelo, no âmbito da sua ação a favor do desenvolvimento cultural da cidade.

Os prémios foram atribuídos aos melhores alunos do ano letivo 2013/2014.

Todos receberam um diploma e um cheque-prenda.

ALUNOS	ANO
TELMA ALÉXIA DA FONSECA NEVES	4.º Ano
RUI MIGUEL SOARES AMARAL CARNEIRO	5.º Ano
HELENA ISABEL COELHO MARTINS	6.º Ano
RITA BARROSO	7.º Ano
RAQUEL JESUS MOREIRA GONÇALVES	8.º Ano
ANA MARGARIDA LADEIRA MARTINS	9.º Ano
ÂNGELA SOFIA MOREIRA MARQUES	10.º Ano
CATARINA ANDREIA DE SOUSA RIBEIRO SILVA	11.º Ano
ANA ISABEL DE SOUSA PIMENTA	12.º Ano

No dia 23 de abril, duzentas crianças do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo do Agrupamento de Escolas de Lordelo puderam assistir a um momento de bailado por alunos da Academia de Dança do Vale do Sousa, que interpretaram expressivamente o texto "A Porta", de José Fanha.



FEIRA DO LIVRO

De 25 de maio a 6 de junho, a Alameda de S. Salvador foi, de novo, o cenário da Feira do Livro que a Biblioteca da Fundação A LORD, empenhada no desenvolvimento cultural e na promoção da leitura, realiza anualmente.

Os livros, sedutores nos seus títulos, ilustrações e cores captaram a atenção dos visitantes, sobretudo das crianças.

A animação cultural, dinamizada pela equipa da Biblioteca com a colaboração de convidados, privilegiou os mais pequenos.

Os participantes encantados com as Histórias de Encantar, apresentadas diariamente, foram os meninos dos infantários de S. Mamede de Recesinhos, de Santa Marta - Penafiel, do Centro Escolar de Sobrosa, do Centro Escolar de Sobreira e da Creche ADR - Rebordosa.

No dia 28 de maio, a escritora Ana Luísa Carapinheiro trouxe o seu tapete contador de histó-

rias e, promovendo a interatividade com os meninos presen-



tes, do ensino pré-escolar do Centro Escolar n.º1 do Agrupamento de Escolas de Lordelo, abriu o seu livro "INI", contando a história e mostrando às crianças como podemos e devemos respeitar os outros, incluindo as suas peculiaridades.

Depois, apresentou outro livro da sua autoria, "Ser Português é..." que tem como principal finalidade «mostrar às crianças o que é ser português e, acima de tudo, fazer com que miúdos e graúdos tenham orgulho em

ter nascido neste jardim à beira mar plantado».

Foi um encontro muito agradável de convívio em torno dos livros, enquanto objetos educativos e recreativos.

No âmbito deste projeto que visa a promoção do livro e da leitura, por via das várias formas artísticas - encontro com escritores, música, dramatizações, os meninos do Centro Escolar n.º 2 do Agrupamento de Escolas de Lordelo vieram conhecer o conto infantil "A Princesa Aurora", da autora Elisa



bete Freire. Todos recordaram que é muito bom cada um ser co construtor dos seus sonhos e que tornar os outros felizes torna-nos cada vez mais ricos... Todos aprenderam a "coser" corações e a procurar "as linhas" que projetam a felicidade. E foi feita a dramatização do conto com todos os meninos a quere-m participam.

Com a visita da contadora de histórias Sónia Aguiar, as crianças do jardim de infância de Soutelo e de duas turmas do

1.º ciclo do Centro Escolar n.º 1 do Agrupamento de Escolas de Lordelo vivenciaram momentos de fantasia, criatividade e aprendizagem.

Como definir o que é um beijo? Apoiando-se no livro “Beijinhos Beijinhos” de Selma Mandine, Sónia Aguiar fez a descrição deste momento tão ternurento, com exemplos de situações em que se manifestam pelas mais diversas razões. E há muitos tipos de beijinhos, dependendo dos protagonistas: por exemplo o do avô, com a sua longa barba tapa a cara toda; o da avó é repenicado, mas já o dos cães é húmido. E através deste livro, fica-se ainda a saber que os beijinhos podem ter cores, como os de chocolate.

«- A Mara é orelhuda! - Mãe, tu achas que eu sou orelhuda? - Não, filha. Tens é orelhas de borboleta. - E como são as orelhas de borboleta? - São orelhas que revolteiam na cabeça e pintam as coisas feias de mil cores.» Ter as orelhas grandes, o cabelo rebelde, ser alto ou baixo, magro ou rechonchudo... até a mais insignificante característica pode ser motivo de troça entre as crianças. Por isso é necessário um livro que de-



monstre a todos, tanto àqueles que fazem como àqueles que recebem algum comentário depreciativo, que esse tipo de comportamento é reprovável. Por isso foi bom ouvirmos o conto “Orelhas de Borboleta” de Luísa Aguiar.

“Gosto de Ti” de Bénédicte



Carboneill identifica diferentes formas de gostar que se descobrem desde os primeiros anos de vida. É isso que Rosa aprende ao ouvir Hugo, o pai, a mãe e a avó dizerem que gostam dela. E no fim, Rosa fica a perceber o verdadeiro significado do amor com a sua avó. E a Sónia Aguiar contou tudo com muita expressividade.

Para fechar este encontro com livros e suas histórias veio “Um bicho estranho”, de Mon Daporta, um conto para contar, onde a rima e o ritmo são fundamentais bem como o “jogo” que estabelece com as crianças que podem assim descobrir a função lúdica da leitura. E isso porque ao girar o livro e dando a volta à história...

Este encontro foi ainda o momento ideal para premiar a criatividade dos participantes no Concurso “O TEU DIA, MÃE!” com que celebrámos o dia da Mãe.

Assim, foram entregues os respetivos prémios a:

- **Ana Luísa Neto Moreira** - Escola Básica N.º1 de Lordelo
- **Maria de Fátima Santos Rocha** - Escola Básica N.º1 de Lordelo
- **Beatriz Sofia Ferreira Martins** - EB 2,3 S de Lordelo

A visita à Feira foi ainda a oportunidade para as escolas participantes levarem para as suas bibliotecas livros autografados pelas escritoras convidadas e oferecidos pela nossa Biblioteca.

Acreditamos que são momentos fantásticos como estes que despertam nas crianças o prazer pelo livro e pela leitura.

SÁBADOS NA BIBLIOTECA

► Uma vez por mês, a Biblioteca continua a disponibilizar os seus serviços ao sábado, no horário habitual.

Relaxar na leitura de um jornal, de uma revista ou de um livro, fazer uma pesquisa, navegar na internet, preparar um trabalho escolar ou requisitar um livro para ler em casa, é o convite que endereçamos a todos os que queiram visitar-nos.

À tarde, o projeto Um sábado por mês, era uma vez... proporcionou aos mais novos a leitura de contos complementada com atividades plásticas.



VISITA CULTURAL

► No dia 4 de julho e com o objetivo de continuar a dar a conhecer os espaços culturais do Porto, a Biblioteca organizou a visita guiada O PORTO BARROCO - percurso pela arquitetura barroca da cidade, que conduziu os participantes nesta iniciativa à Torre dos Clérigos, Igreja da Misericórdia, casas brasonadas da Rua das Flores, Largo de S. Domingos, Rua de Belomonte e Largo de S. João Novo: palacetes da nobreza e Igreja dos Agostinhos.



XV ATELIÊ DE OLARIA

► Em fevereiro, como habitualmente, realizou-se o Ateliê de Olaria, dinamizado pela mestre oleira Maria Fernanda Braga.

As manhãs dos dias 5, 12, 19 e 26 foram dedicadas às crianças dos Jardins de Infância do Agrupamento de Escolas de Lordelo, e das suas mãos pequeninas saíram lindos cestinhos de barro.

Nas sessões da tarde, participou um grupo de 17 senhoras, que executaram uma peça mais elaborada, um terço em barro. Primeiro criaram todas as peças individualmente e na última sessão, depois de todas as peças cozidas, fizeram a montagem final. Foi esta a peça principal deste ateliê, mas ao longo das outras sessões, foi-lhes apresentada, pela oleira, uma outra técnica: stencil, que aplicaram num azulejo. Tiveram também a oportunidade de conhecer a origem da "louça preta" de Bisalhães, através da visualização de um vídeo.



XV ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA XIX ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD

► No dia 5 de dezembro, comemoraram-se o XIX aniversário da Fundação A LORD e o XV da Biblioteca.

No início da sessão, o Presidente da Fundação, Dr. Francisco Leal tomou a palavra para saudar todos os presentes e relevou a ação interventiva desta instituição no desenvolvimento cultural de Lordelo, em áreas como a música, a leitura e o teatro. Anunciou, ainda, a criação de um museu interativo e de uma nova Biblioteca e salientou o trabalho desta na promoção da leitura, em cooperação com as escolas do concelho.

Foram, depois, entregues os diplomas aos finalistas dos cursos de Noções Básicas de Informática e de Informática-Internet níveis I e II.

Seguiu-se a atuação do grupo LORDator Juvenil que apresentou "A guerra do tabuleiro de xadrez" de Manuel António Pina.

A encerrar, todos os presentes cantaram os parabéns às aniversariantes e foram convidados a provar o respetivo bolo.



EXPOSIÇÕES

► Ao longo deste ano, a Biblioteca selecionou e preparou um conjunto de temas que privilegiaram a cultura portuguesa e que apresentou ao público nas exposições realizadas na BIBLIOTECA e na COOPERATIVA E FUNDAÇÃO A LORD.

EXPOSIÇÕES PATENTES NA COOPERATIVA E FUNDAÇÃO A LORD

Janeiro:

Trajes tradicionais portugueses
- Trajes do Minho

Fevereiro:

Trajes tradicionais portugueses
- As algibeiras no traje popular

Março:

Trajes tradicionais portugueses - Trajes de Trás-os-Montes e Douro Litoral

Abril:

Trajes tradicionais portugueses
- A rodilha ou "sogra"

Junho:

Trajes tradicionais portugueses
- Trajes das Beiras

Julho:

Trajes tradicionais portugueses
- Trajes da Estremadura e do Ribatejo

Agosto e Setembro:

Trajes tradicionais portugueses
- Trajes do Alentejo e Algarve

Outubro e Novembro:

Trajes tradicionais portugueses - Trajes da Madeira e dos Açores

EXPOSIÇÕES PATENTES NA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO A LORD

Janeiro:

Vultos da Cultura Portuguesa
- Miguel Torga - A tenacidade das origens

Fevereiro:

Vultos da Cultura Portuguesa - Aurélia de Sousa

Março:

Vultos da Cultura Portuguesa - Eugénio de Andrade - A música do silêncio

Abril:

Vultos da Cultura Portuguesa - Aquilino Ribeiro

Maio:

Manuel António Pina - Vida e obra

Junho:

Poluição dos mares: a herança da humanidade?

Julho:

Poluição dos mares: a herança da humanidade?

Agosto:

Erosão Costeira - A conquista do mar sobre a terra

Setembro:

Erosão Costeira - A conquista do mar sobre a terra

Outubro:

Retratos de Portugal: Palavras e imagens - Minho e Douro Litoral

Novembro:

Retratos de Portugal: Palavras e imagens - Minho e Douro Litoral

Dezembro:

As tradições do Natal português

O NOSSO BLOG

O Blog da Biblioteca da FUNDAÇÃO A LORD (<http://bibliotecadafundacaoalord.blogspot.pt/>) abre para a divulgação cultural, desde as notícias sobre as atividades dinamizadas pela Biblioteca até à informação sobre efemérides e acontecimentos relevantes de caráter nacional e internacional, proporcionando, ainda, o acesso a serviços como a consulta de um dicionário ou de um jornal, uma lista de sítios com interesse, as sugestões de leitura e as aquisições mais recentes.

Cooperação



Linhas de entreaajuda que deixam marcas de mudança, projetando-se num futuro mais feliz.



GABINETE DE APOIO AO DOENTE

ARTIGOS ORTOPÉDICOS

Célia Sousa

► A Fundação A LORD, ao longo dos anos, através do empréstimo de artigos ortopédicos à população mais necessitada de Lordelo, tem vindo a colmatar algumas situações de idosos com limitações, tendo em vista melhorar a sua qualidade de vida.

Dentro destes parâmetros, emprestou camas articuladas e cadeiras de rodas a todas as pessoas que solicitaram estes equipamentos.

LORDELO SOLIDÁRIO

Manuela Santos

► Em 2015, o *Lordelo Solidário* ofereceu cabazes a 524 agregados familiares, num total de 1 657 pessoas. Ao longo do ano, apoiou uma média mensal de cerca de 165 pessoas.

Além deste apoio regular/mensal, o *Lordelo Solidário* apoiou 9 famílias, com cabazes de urgência, que apesar de não estarem sinalizadas, nos foram encaminhadas.

Este projeto teve como base apenas o apoio alimentar, mas, entretanto, alargou o seu âmbito e neste momento presta apoio a nível de vestuário.

Dado que estão todas as entidades abaixo indicadas representadas, podemos apoiar os agregados a nível de aquisição de medicação assim como com ajudas técnicas, através de encaminhamento para os diferentes parceiros do projeto.

Estão representadas no *Lordelo Solidário* as seguintes instituições/entidades:

- Fundação A LORD;
- Cooperativa de Electrificação A LORD, CRL;
- Câmara Municipal de Paredes;
- Junta de Freguesia de Lordelo;

- ADIL – Associação para o Desenvolvimento Integral de Lordelo;
- Centro Socioeducativo e Profissional de Parreira;
- Câmara Municipal de Paredes;
- Junta de Freguesia de Lordelo;
- Conferência de São Vicente de Paulo;
- Agrupamento de Escolas de Lordelo;
- Paróquia de São Salvador de Lordelo.

Apesar da não representação no núcleo, a Petanca é um parceiro do *Lordelo Solidário*, realizando torneios periódicos cuja inscrição se faz através de um bem alimentar que reverte, posteriormente, a favor do *Lordelo Solidário*.

É com grande orgulho, que todos os intervenientes olham para este projeto, único no Concelho, cuja ideologia, de acordo com a Vereadora da Ação Social, deveria ser implementada noutras freguesias. Lordelo foi a primeira cidade do Concelho de Paredes que reuniu as sinergias existentes para implementar um novo projeto, onde todos dão de si para dar a quem mais precisa.



ATELIÊS

Eugénia Gonçalves

Culinária no micro-ondas

▶ Como hoje em dia necessitamos de rapidez e eficácia, continuamos, em 2015, a apresentar receitas novas, rápidas e fáceis.

O micro-ondas foi o instrumento principal que permitiu realizá-las.

No final destas atividades, comprovou-se a sua utilidade, através da degustação.

Artes manuais

▶ Os ateliês de artes manuais continuaram a realizar-se, na Fundação A LORD, no ano de 2015.

Dinamizaram-se novos trabalhos, utilizando-se diferentes técnicas e materiais. Começou-se com a lã, tendo sido executados: golas feitas com os braços e com tubos e cachecóis feitos com os dedos. Também foram executadas: bonecas com a técnica *patchwork* embutido, caixinhas de madeira decoradas, flores com caixas de ovos e em "fuxico", caixas com garrafas, etc.

Assim, foram ensinadas técnicas que qualquer pessoa pode realizar em casa, mostrando-se que "o saber não ocupa lugar".



ATIVIDADES NAS FÉRIAS

Eugénia Gonçalves e Rosário Barbosa

Páscoa

▶ De 30 de março a 1 de abril, para ocupar o tempo livre das crianças, a Fundação A LORD realizou, mais uma vez, as atividades *Férias da Páscoa*: sessões de leitura, sessões de cinema e artes manuais. Os trabalhos concretizados nesta última atividade tiveram como objetivo a oferta de presentes aos padrinhos e madrinhas. Assim, surgiram: vasos com bolas, caixas para colocar amêndoas, alfinetes, postais de Páscoa, copos decorados, entre outros objetos.

As crianças empenharam-se com entusiasmo na realização destes trabalhos.

Verão

▶ A Fundação A LORD realizou, gratuitamente, diversas atividades nas férias de verão, entre os meses de junho e agosto, com o objetivo de ocupar 966 crianças.

As atividades realizadas foram variadas: hora do conto, sessões de cinema e trabalhos manuais. Salienta-se a execução de sapatilhas porta-lápis, porta-joias, flores em EVA, cadeira e porta-retratos com espátulas e, ainda, a reciclagem de garrafas de vidro, garrafas de sumos e embalagens de detergentes. Utilizou-se matérias da natureza (pedras do mar), entre muitas outras como elementos necessários à concretização dos trabalhos. Deste modo, investiu-se em novas técnicas, diversificando os materiais.

Assim, ajudou-se as crianças a comunicar consigo mesmas e com os outros, aprendendo a estabelecer relações sociais. A interação com as animadoras fez com que elas se mostrassem confiantes e se libertassem para a diversão. A atenção, o carinho, o sorriso e o elogio dados a cada uma revelaram-se muito importantes para que todas se sentissem felizes.



Neste contexto, é oportuno recordar o pensamento de Nelson Mandela: "Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade, do que a forma como esta trata as suas crianças."

COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DOS AVÓS COMEMORAÇÃO DO DIA DE SÃO MARTINHO

Eugénia Gonçalves

▶ No dia 24 de julho, comemorou-se o Dia Mundial dos Avós.

Este ano, para além da música, foi apresentado um teatro de fantoches a partir do conto tradicional russo, *O Peixinho de Ouro*.

Juntamente com as crianças das atividades *Férias de Verão*, cantaram-se os parabéns aos avós, foi servido um bolo e distribuído um crachá de participação.

No dia 11 de novembro, comemorou-se o Dia de São Martinho.

As castanhas assadas e quentinhas proporcionaram um convívio saudável e alegre, onde esteve presente a música, tornando este dia festivo e do agrado geral.



COMEMORAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DO IDOSO

Lasaete Silva

"O ancião merece respeito não pelos cabelos brancos ou pela idade, mas pelas tarefas e empenhos, trabalhos e suores do caminho já percorrido na vida."

Rabi Yaacov ben Shimon

▶ A A LORD abraçou mais uma iniciativa proposta pelo Conselho Local de Ação Social de Paredes (CLASP), *Tricota esta ideia - Uma manta pelos direitos dos idosos*.

Esta campanha de sensibilização para os direitos dos idosos consistiu na realização de duas mantas de lã gigantes, uma concelhia e outra nacional.

Tendo como objetivo a consciencialização da sociedade civil para o aumento dos maus tratos aos idosos, foi proposto a cada instituição do concelho entregar dois quadrados em lã, de tamanho 30x30cm, de cores e pontos livres.



Trezentos e dezanove quadrados foram unidos, dando origem a mantas gigantes, coloridas e de pontos diversificados. Uma delas ficou na Câmara Municipal de Paredes, fazendo uma itinerância por alguns eventos até ser exposta definitivamente. A outra juntou-se às mantas feitas por 308 concelhos do País.

Os quadrados d' A LORD foram feitos por seniores que participaram nas atividades, Arminda Cunha e Rosa Cruz.

Estes simples gestos de solidariedade podem ajudar a chamar a atenção da população para situações de solidão e abandono dos idosos.

SESSÕES DE CINEMA

Eugénia Gonçalves

▶ A Biblioteca colocou à disposição das escolas sessões de cinema, assegurando transporte gratuito.

Uma vez por mês, à terça-feira, foi exibido um filme para adultos, aberto à comunidade em geral.

SERVIÇOS DE MEDIATECA

Eugénia Gonçalves

▶ Os serviços da Mediateca são muito utilizados para pesquisas, realização de trabalhos escolares e ocupação dos tempos livres. Estão também disponíveis para consulta de revistas, jornais e publicações, proporcionando a quem frequenta o espaço um ambiente bastante agradável e acolhedor.

COLÓNIA DE FÉRIAS

Ana Ferreira

▶ No seguimento dos anos anteriores, a Fundação A LORD possibilitou a realização de uma colónia de férias, na praia da Apúlia, Esposende, de 13 a 17 de julho.

Foi uma semana de atividades em que participaram 47 crianças acompanhadas por 5 monitores. O contacto com a natureza, os banhos de mar e os diversos jogos tornaram o convívio saudável entre os participantes, sobressaindo a diversão e a alegria.

Após este período de férias na praia, as crianças manifestaram a vontade de repetir a experiência no próximo ano. Algumas delas, no entanto, despediram-se da colónia de férias, já que atingiram o limite de idade para uma futura inscrição.



VISITAS CULTURAIS

Célia Sousa

▶ Ao longo de 2015, continuou-se a realizar várias visitas culturais em Portugal e Espanha, entre elas: Paço dos Duques de Bragança – Guimarães; Museu Vilarinho das Furnas – Gerês; Museu da Lapa – Sernancelhe; Torre dos Clérigos – Porto; Casa de Junqueiro e Museu da Seda – Freixo de Espada à Cinta; Museu da Pólvora Negra – Barcarena e Cidade de Zamora – Espanha.

Participaram nestas iniciativas cerca de 305 pessoas de diversas idades.

Com estas visitas, a Fundação A LORD pretende enriquecer os horizontes culturais da população de Lordelo.

NATAL, TEMPO DE AMOR!

Ana Ferreira

▶ O Natal é uma época mágica para os mais pequenos que vivem, esta data, na expectativa de manifestações de amor.

A exemplo de anos anteriores, a Fundação A LORD mimoseou os professores, os alunos e os assistentes operacionais dos Jardins de Infância e Escolas do 1.º Ciclo de Lordelo com coloridos lápis.



Formação

A formação é uma mais-valia profissional e pessoal que envolve a transmissão de conhecimentos e saberes e a troca de experiências entre o/a formador/a e os formandos. Não é um processo unilateral, mas bilateral e em contexto in loco.

Com o aperfeiçoamento ou aprendizagem de uma nova competência, a autoestima, a motivação e o brio em executar bem as funções/tarefas aumentam consideravelmente.

Neste sentido, em janeiro de 2015, a Fundação A LORD submeteu a candidatura de certificação de entidade formadora à Direção de Serviços de Qualidade e Acreditação (DSQA) - unidade orgânica nuclear da Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT) com competência específica de gestão do Sistema de Certificação de Entidades Formadoras -, obtendo parecer favorável em julho do mesmo ano.

Devido à procura de ações de formação na área de informática, a Fundação A LORD deu continuidade aos cursos Noções Básicas de Informática e Informática-Internet. O curso Informática-Internet II, desenvolvido em 2015, destinou-se aos adultos certificados com o curso Informática-Internet em 2014.

Além desta formação, promoveu-se o curso Noções Básicas de Higiene e Segurança no Trabalho - Eletricidade e Redes Inteligentes, na área de Energia e Eletricidade; Acolhimento e Encaminhamento, na área de Secretariado e Trabalho Administrativo - para os funcionários das respetivas áreas.

CURSOS NA ÁREA DE INFORMÁTICA

Sara Lamas

► Os cursos de informática são realizados com o intuito de capacitar a população adulta a utilizar o sistema informático. Como já é habitual, este ano, realizaram-se três ações de formação na área da Informática: *Noções Básicas de Informática*, *Informática-Internet I e II*. Nestes cursos, participaram 17 pessoas, com a idade média de 59 anos.

Definiram-se objetivos tendo em conta as necessidades dos participantes. No decorrer da formação desenvolveram-se atividades pedagógicas para consolidar e verificar as competências adquiridas.



NOÇÕES BÁSICAS DE HIGIENE E SEGURANÇA NO TRABALHO NA ÁREA DE ELETRICIDADE

Sara Lamas

► A higiene e segurança no trabalho são dois conceitos que estão interligados com a finalidade de garantir as devidas condições de trabalho para manter o nível de saúde dos colaboradores de qualquer instituição.

O curso de *Noções Básicas de Higiene e Segurança no Trabalho* teve como missão prevenir os acidentes ligados às atividades específicas na área da eletricidade, contando com a participação de quatro formandos - colaboradores da Cooperativa de Electrificação A LORD, CRL. A ação teve a duração de dez horas.

Os objetivos da formação foram os seguintes: identificar a legislação aplicável; identificar os tipos

de riscos, perigos, atos inseguros e condições inseguras; reconhecer os riscos de contacto com a corrente elétrica; identificar as medidas práticas de proteção contra contactos diretos e indiretos; aplicar as regras de prevenção; identificar e utilizar, corretamente, os equipamentos de proteção individual; identificar a sinalização de segurança; e reconhecer os princípios gerais de socorrimento. A formação foi dividida em duas fases. Na primeira, lecionou-se toda a componente teórica e, na segunda, fez-se a aplicação desta, em contexto real de trabalho.

No final, os formandos demonstraram que reuniam os conhecimentos necessários para agir em segurança.



REDES INTELIGENTES

Guilherme Moreira

► A Estratégia Europa 2020 foi iniciada a 3 de março de 2010 com o objetivo global de assegurar a saída da crise e preparar a economia da União Europeia (EU) para a próxima década, tendo a Comissão identificado três vetores fundamentais de crescimento que deverão orientar as ações concretas tanto a nível da União Europeia (UE) como a nível nacional:

- Crescimento inteligente.
- Crescimento sustentável.
- Crescimento inclusivo.

Desta estratégia é particularmente importante, para a área da energia, a relativa ao clima e energia, conhecida como 20/20/20.

Neste contexto, a Cooperativa de Electrificação A LORD, acompanhando a Legislação e o desenvolvimento técnico, decidiu avançar para a implementação da sua Rede Elétrica Inteligente.

Identificada a necessidade de Formação Técnica, nesta área, pela Fundação A LORD, decorreu, durante os meses de outubro e novembro de 2015, nas instalações da Cooperativa, uma formação sobre Redes Inteligentes (Unidade de Formação de Curta Duração UFCD 8078) para cinco formandos, na sua maioria eletricitas.

Esta formação teve como objetivos:

- Interpretar conceitos gerais sobre redes inteligentes.
- Identificar a tecnologia associada ao estabelecimento das redes inteligentes – equipamentos instalados na rede de Baixa Tensão.

- Reconhecer a importância do desenvolvimento das redes inteligentes ao nível da distribuição de energia elétrica, na sustentabilidade dos sistemas.
- Reconhecer conceitos gerais sobre sistemas de gestão de redes inteligentes.

Os conteúdos programáticos incidiram sobre:

- Os conceitos gerais sobre redes inteligentes.
- As tecnologias disponíveis.
- Os equipamentos, como os contadores inteligentes ou os concentradores.
- A gestão de informação em redes inteligentes, a importância dos meios de comunicação e tecnologias associadas.
- O desenvolvimento das redes inteligentes no setor elétrico em Portugal, estado de arte e projetos-piloto a decorrer.
- As experiências de outros Países da União Europeia na implementação de Redes Inteligentes.

Foi muito gratificante para a equipa formativa ver todos os dias o empenho e entusiasmo dos participantes perante desafios de alguma complexidade legislativa e técnica, o que se refletiu numa avaliação muito positiva dos formandos.

Com esta formação, ficámos todos com a certeza de que a equipa técnica está mais preparada para os desafios da transição para os novos equipamentos a instalar na rede elétrica da Cooperativa, por forma a implementar a Rede Elétrica Inteligente.



ACOLHIMENTO E ENCAMINHAMENTO

Cibelli Almeida

► A Fundação A LORD promoveu para os seus colaboradores, no período de setembro a dezembro de 2015, uma formação sobre o tema *Acolhimento e Encaminhamento*. Esta contou com a participação efetiva de cerca de onze colaboradores que atuam nas diversas áreas da Cooperativa de Electrificação A LORD e da Fundação A LORD. Um grupo bastante interessado em desenvolver as suas competências para poder agir de forma mais profissional junto dos clientes.

Na formação, foram abordados temas relativos ao processo de atendimento, acolhimento e encaminhamento, aspetos comportamentais e comunicacionais, bem como assuntos relacionados com a gestão de conflitos e uso de competências pessoais mais eficazes para a prevenção e resolução dos mesmos. Foram também desenvolvidas práticas que visam a melhoria nos pro-

cedimentos e na postura do profissional que atua direta ou indiretamente com o público. Entende-se que quem exerce esta função deve dominar conhecimentos específicos e adotar determinadas atitudes e comportamentos adequados ao acolhimento e encaminhamento dos clientes.

Assim, é fundamental que o colaborador esteja pronto para oferecer um tratamento com atenção, agilidade e eficiência, que procure ajudar o cliente com informações precisas e seguras, que demonstre boa vontade e disposição para melhor servir, que pratique uma comunicação rigorosa e seja capaz de falar e entender a linguagem do cliente.

Este desafio, proposto aos colaboradores da Fundação A LORD e Cooperativa de Electrificação A LORD, traduziu-se num envolvimento mais eficaz no cumprimento das diversas funções a executar.

ACOLHIMENTO

Confiança + Solidariedade

- Entre as pessoas
- Entre os profissionais da equipa
- Entre a equipa e a população

Opinião



A informação associada ao sentido crítico sobre temas variados abre janelas de curiosidade e de procura, construindo conhecimento.

O AMOR NÃO MATA

Álvaro Pacheco

Sacerdote do Instituto dos Missionários da Consolata – IMCD

▶ Quando estava a trabalhar na Coreia do Sul, houve um ano em que “virou moda” uma campanha de “Free Hugs”, ou seja, “Abraços grátis”, dados por desconhecidos pelas ruas de vilas e cidades. Num país obcecado com a imagem e com o coletivo, onde quem é diferente é automaticamente excluído do grupo, a campanha foi inicialmente recebida com estranheza e uma certa relutância, por ser ao mesmo tempo estrangeira e... por envolver contacto físico entre estranhos. Isto, porque, na Ásia Oriental, o contacto físico não é usado como forma de saudação, mas sim a tradicional vénia solene. E, aos poucos, a moda foi ganhando adesão, até que eventualmente desapareceu.

Houve um homem na história da humanidade que ficou conhecido por muito do que disse e fez: Jesus Cristo. A sua missão foi marcada por atos e palavras que chocaram muitos, espantaram muitos mais e converteram alguns. Entre os atos que mais escândalo e oposição causaram estão os que implicam o tocar alguém que, segundo a lei judaica, era considerado amaldiçoado por Deus por ter uma doença, por seguir um estilo de vida contrário às milhares de normas da Lei judaica, ou por ser de um grupo étnico, social ou religioso contrário ao dos Judeus. Com este “tocar”, Jesus tornava-se um “amaldiçoado” porque precisamente ficava contagiado através do toque. Sabemos quanto profundo e até necessário é sentirmos o toque de alguém, sobretudo nós que temos como fase inicial da nossa vida a infância, na qual o toque entre mãe e bebé, bem como do pai e de outros familiares, é de fundamental importância para o desenvolvimento pessoal.

Jesus tocava as pessoas para que sentissem precisamente este amor materno de Deus, um amor que vai para além de regras e tradições humanas, as quais muitas vezes são contraditórias na sua natureza porque não promovem a dignidade do ser humano, porque o condenam à infelicidade causada pela discriminação e intolerância. Jesus também tocava as pessoas (ou deixava-se tocar por elas) para lhes fazer ver que tinham valor e eram amadas por Deus, pelo au-





tor da Vida e do Amor. E para amar é necessário também o toque.

Porém, há outras formas de “tocar”, de “abraçar” o outro. Algumas são comuns a todos, são formas naturais a todos nós, independentemente da nossa raça, cultura, religião ou outras formas de estar na vida. A mais comum delas é a Amizade. De facto, o mesmo Jesus usou esta forma de modo muito concreto com todos, sobretudo com quem era em teoria diferente dele; recordemos Nicodemos, Zaqueu, Maria Madalena, o centurião romano e muitos outros que certamente ficaram “tocados” por este Amor grande. Também hoje a Amizade permanece como um dos elementos fundamentais na procura e construção da felicidade. E, quando a Amizade se transforma em algo maior, mais intenso e profundo, nasce o Amor. Claro, não há um só tipo de Amor, nem uma única forma de amar. Mas a mais comum é a da troca de sentimentos, palavras e atos que mostram precisamente um amor que leva duas pessoas a unirem suas vidas e corações, tornando-se “um só”. Infelizmente, tem aumentando a violência entre pessoas que estão unidas, seja pelo matrimónio, seja pelo namoro. Tal violência é, infelizmente, uma triste e condenável tradição que tem sido cada vez mais notícia, porque se antes ela existia e era escondida, negada ou camuflada, hoje é cada vez mais exposta e conhecida... e talvez mais intensa. Creio que esta violência é fruto de uma troca de valores que, infelizmente, condena muitas pessoas (na sua grande maioria mulheres) a uma vida marcada pelo desespero, pelo medo, pelo sofrimento físico e emocional e, em casos extremos, pela morte. Por outras palavras, há cada vez mais traumas que impedem um crescimento são e “humano”, porque se trocaram os valores que promovem e defendem a dignidade de um ser humano (respeito, compreensão, tolerância, humildade, partilha, solidariedade, igualdade, entre outros) pelos seus opostos. Mais ainda: em muitos casos os que cometem este tipo de violência foram eles/as mesmas vítimas de violência ou viveram em ambientes onde ela era o modo habitual de comportamento.

Necessitamos urgentemente de recriar as bases da sociedade, começando pelas relações familiares, porque somos fruto da educação (ou falta dela) que nos é transmitida pelos nossos pais e familiares. O Amor não mata, ele dá vida, recria e renova a vida, tornando-a mais bela, mais profunda e significativa. Bastaria recordar e praticar uma máxima que é bastante conhecida: “faz aos outros o que queres que te façam a ti.”

OS ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DE UMA ESCOLA

Beatriz Ester Moura de Castro
Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo



► A publicação do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual, aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos alunos dos ensinos básico e secundário, veio promover o reforço progressivo da autonomia e uma maior flexibilidade organizacional e pedagógica das escolas.

A autonomia, a administração e a gestão dos agrupamentos de escolas¹ e escolas não agrupadas, doravante designado simplesmente por escola, subordinam-se aos princípios e objetivos consagrados na Constituição da República Portuguesa e na Lei de Bases do Sistema Educativo, designadamente, à integração da escola na comunidade que serve e à participação de todos os intervenientes no processo educativo (professores, alunos, pais e encarregados de educação, autarquias e entidades representativas das atividades e instituições económicas, sociais, culturais e científicas).

De acordo com o n.º 2 do artigo décimo do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual, são órgãos de direção, administração e gestão da escola: o conselho geral, o diretor, o conselho pedagógico e o conselho administrativo.

O **conselho geral** é o órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola cuja composição é estabelecida em sede de regulamento interno do estabelecimento de ensino. Contudo, o número de elementos que compõem este órgão deverá ser um número ímpar não superior a vinte e um elementos e terá de estar salvaguardada a participação de representantes do pessoal docente e não docente, dos pais e encarregados de educação, dos alunos maiores de 16 anos de idade, do município e da comunidade local, designadamente, instituições, organizações de carácter económico, social, cultural e científico. Salienta-se, ainda, que o número de representantes do pessoal docente e não docente, no seu

conjunto, não pode ser superior a cinquenta por cento da totalidade dos membros.

O mandato dos elementos do conselho geral é de quatro anos, à exceção do mandato do representante dos pais e encarregados de educação e dos alunos, que têm a duração de dois anos escolares, salvo quando o regulamento interno da escola fixar o contrário mas dentro do limite referido.

São competências do conselho geral, designadamente, eleger o respetivo presidente, de entre os seus membros, à exceção do representante dos alunos; eleger o diretor de acordo com a legislação em vigor; aprovar o projeto educativo e acompanhar e avaliar a sua execução; aprovar o regulamento interno do agrupamento; aprovar os planos anual e plurianual de atividades; apreciar os relatórios periódicos e aprovar o relatório final de execução do plano anual de atividades; aprovar as propostas de contratos de autonomia; definir as linhas orientadoras para a elaboração do orçamento; definir as linhas orientadoras do planeamento e execução, pelo diretor, das atividades no domínio da ação social escolar; aprovar o relatório de contas de gerência; apreciar os resultados do processo de autoavaliação do agrupamento; pronunciar-se sobre os critérios de organização dos horários; acompanhar a ação dos demais órgãos de administração e gestão; promover o relacionamento com a comunidade educativa; definir os critérios para a participação da escola em atividades pedagógicas, científicas, culturais e desportivas; dirigir recomendações aos restantes órgãos, tendo em vista o desenvolvimento do projeto educativo e o cumprimento do plano anual de atividades; participar no processo de avaliação do desempenho do diretor; decidir os recursos que lhe são dirigidos e aprovar o mapa de férias do diretor.

Dadas as competências referidas no parágrafo anterior, é bem clara a importância deste órgão, e daí, que os restantes órgãos quer sejam de administração e gestão quer sejam estruturas de coordenação e supervisão, têm o dever de facul-



tar-lhe todas as informações necessárias para que realize eficazmente o acompanhamento e a avaliação do funcionamento da escola.

O conselho geral reúne ordinariamente uma vez por trimestre e extraordinariamente sempre que convocado pelo presidente, por sua iniciativa, a requerimento de um terço dos seus membros em efetividade de funções ou por solicitação do diretor. O diretor participa nas reuniões mas sem direito a voto.

O **diretor** é o órgão de administração e gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. Este órgão unipessoal é coadjuvado no exercício das suas funções por um subdiretor e por um a três adjuntos, salvaguardando-se que o número de adjuntos é fixado em função da dimensão da escola e da complexidade e diversidade da sua oferta educativa, nomeadamente dos níveis e ciclos de ensino e da tipologia dos cursos que leciona, de acordo com os normativos em vigor.

O mandato do diretor tem a duração de quatro anos. A decisão de recondução é tomada por maioria absoluta dos membros do conselho geral em efetividade de funções.

As competências inerentes ao cargo de diretor de escola, nos domínios da gestão pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, são múltiplas, destacando-se em especial: submeter à aprovação do conselho geral o projeto educativo elaborado pelo conselho pedagógico; submeter à aprovação do conselho geral, após auscultado o conselho pedagógico, as alterações ao regulamento interno da escola, os planos anual e plurianual de atividades, o relatório anual de atividades, as propostas de celebração de contratos de autonomia; definir o regime de funcionamento da escola; elaborar o projeto de orçamento, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral; supervisionar a constituição de turmas e a elaboração dos horários; distribuir o serviço docente e não docente; designar os coordenadores

de escola ou estabelecimento de educação pré-escolar; propor os candidatos ao cargo de coordenador de departamento curricular; planejar e assegurar a execução das atividades no domínio da ação social escolar, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral; gerir as instalações, espaços e equipamentos, bem como os outros recursos educativos; estabelecer protocolos e celebrar acordos de cooperação ou de associação com outras escolas e instituições de formação, autarquias e coletividades, em conformidade com os critérios definidos pelo conselho geral; proceder à seleção e recrutamento do pessoal docente; intervir e assegurar as condições necessárias à realização da avaliação do desempenho do pessoal docente e não docente e dirigir superiormente os serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos.

É, ainda, competência do diretor, representar o agrupamento, exercer o poder hierárquico em relação ao pessoal docente e não docente, exercer o poder disciplinar em relação aos alunos e exercer todas as competências que lhe forem delegadas pela administração educativa e pela Câmara Municipal de Paredes.

O **conselho pedagógico** é o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa da escola, nos domínios pedagógico e didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente, cujo presidente é o diretor da escola por inerência do cargo.

O conselho pedagógico é composto apenas por professores, conferindo-lhe um caráter estritamente profissional. O número de elementos que compõe o conselho pedagógico é estabelecido em sede de regulamento interno da escola; no entanto, não pode exceder o máximo de dezassete elementos e na sua composição terá que estar salvaguardada a participação dos coordenadores de departamentos curriculares, a participação das estruturas de coordenação e supervisão pedagógica e de orientação educativa, assegurando-se uma representação pluridisciplinar, bem como das diferentes ofertas formativas. Salienta-se, ainda, que o mandato dos membros do conselho pedagógico é de quatro anos e os representantes do pessoal docente no conselho pedagógico não podem ter assento no conselho geral.

Sem prejuízo das competências que lhe sejam cometidas por lei ou regulamento interno, ao conselho pedagógico compete: elaborar a proposta de projeto educativo a submeter pelo diretor ao conselho geral; apresentar propostas para a elaboração do regulamento interno e dos planos anual e plurianual de atividades e emitir parecer sobre os respetivos projetos; emitir parecer sobre as propostas de celebração de contratos de autonomia; elaborar e aprovar o plano de formação e de atualização do pessoal docente e não docente; definir critérios gerais nos domínios da informação e da orientação escolar e vocacional, do acompanhamento pedagógico e da avaliação dos alunos; propor aos órgãos competentes a criação de áreas disciplinares ou dis-



ciplinas de conteúdo regional e local, bem como as respectivas estruturas programáticas; definir princípios gerais nos domínios da articulação e diversificação curricular, dos apoios e complementos educativos e das modalidades especiais de educação escolar; adotar os manuais escolares, ouvidos os departamentos curriculares; propor o desenvolvimento de experiências de inovação pedagógica e de formação, no âmbito da escola e em articulação com instituições ou estabelecimentos de ensino superior vocacionados para a formação e investigação; promover e apoiar iniciativas de natureza formativa e cultural; definir os critérios gerais a que deve obedecer a elaboração dos horários; definir os requisitos para a contratação de pessoal docente; propor mecanismos de avaliação dos desempenhos organizacionais e dos docentes, bem como da aprendizagem dos alunos, credíveis e orientados para a melhoria da qualidade do serviço de educação prestado e dos resultados das aprendizagens e participar no processo de avaliação do desempenho do pessoal docente.

O conselho pedagógico reúne, em sessão ordinária, por convocatória do presidente, uma vez por mês e extraordinariamente sempre que seja convocado pelo respetivo presidente, por sua iniciativa, a requerimento de um terço dos seus membros em efetividade de funções ou sempre que um pedido de parecer do conselho geral o justifique.

O **conselho administrativo** é o órgão deliberativo da escola em termos administrativos e financeiros. Este órgão é composto pelo diretor, que preside, pelo subdiretor ou um dos seus adjuntos, por si designado e pelo chefe dos serviços administrativos.

No âmbito das suas funções são competências do conselho administrativo: aprovar o projeto de orçamento anual, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral; elaborar o relatório de contas de gerência; autorizar a realização de despesas e o respetivo pagamento, fiscalizar a cobrança de receitas e verificar a legalidade da gestão financeira e zelar pela atualização do cadastro patrimonial.

O conselho administrativo reúne em sessão ordinária, uma vez por mês e extraordinariamente sempre que o presidente o convoque, por sua iniciativa ou a requerimento de qualquer dos restantes membros.

Este modelo de administração e gestão traduz um quadro de responsabilidades para cada um dos atores, assumindo-se assim como um instrumento fundamental para que a escola consiga atingir as metas do seu projeto educativo.

A escola está inserida num determinada comunidade composta por visões, valores e crenças. Nela se cruzam os interesses e as necessidades dos alunos, dos professores, do pessoal não docente, dos pais e encarregados de educação, da autarquia e das instituições locais. Assim sendo, o diretor da escola terá que se preocupar com a construção de compromissos concretos e duradouros entre os vários atores educativos, em fomentar o desenvolvimento de relações amistosas e mais próximas entre todos, com vista à melhoria do processo do ensino e da aprendizagem e consequentemente a um melhor desempenho escolar das crianças e dos jovens. Gerir e administrar uma escola é, por isso, tarefa complexa, delicada e específica. Este modelo de escola implica que o diretor da escola esteja “preocupado (e ocupado) a incentivar equipas de trabalho e a melhorar continuamente a qualidade da educação” da comunidade que serve (Azevedo, 2003), cumprindo assim o objetivo primordial da escola: uma educação para todos.

1. Um agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, constituída pela integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino e dotada de órgãos próprios de administração e gestão. Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual

Referências bibliográficas:

- O Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual, aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.
- AZEVEDO, J. (2003). Cartas aos diretores de escolas. Porto: Edições ASA.

NOS 60 ANOS DA MORTE DE PADRE AMÉRICO O SEU LUGAR NAS LETRAS PORTUGUESAS

Henrique Manuel Pereira

Universidade Católica Portuguesa (Porto) – Escola das Artes



► No preciso dia em que escrevo, 16 de julho de 2016, passam 60 anos sobre a morte de Américo Monteiro de Aguiar, mais conhecido por Padre Américo, carinhosamente chamado de Pai Américo por quantos na(s) Casa(s) do Gaiato/Obra da Rua encontraram a sua família.

Foram muitas as casas e, sobretudo, muitas as vidas que este homem edificou e continua a edificar. Padre Américo pertence ao restrito número dos que transpõem as fronteiras do tempo, continuando vivo e eterno na obra que lhe sobrevive.

Não foi casual nem palavra de circunstância ter a Conferência Episcopal Portuguesa afirmado, em finais de 1986, que a “História da Igreja entre nós, neste século, não se poderá fazer sem lhe reconhecer lugar de primeiro plano”¹; casual não foi também o facto de Padre Américo ter integrado a monumental obra *Os Grandes Portugueses*, planeada e dirigida por Hermâni Cidade².

Já o disse e repito: quanto mais o leio, mais sinto que não sei falar

dele. Não o digo por estratégia de falsa humildade, como quem confessando-o se liberta de o fazer ou se desculpa da pobreza do que diz ou deixa escrito. Padre Américo disse e explicou o que (mais) importa. Por isso, via de regra, quando às vezes me pedem para falar dele, procuro-lhe umas quantas palavras, alinho-as e dou-lhes voz. Não farei agora muito diferente. Um exemplo: querendo dizer que tudo na sua vida me parece espantosamente divino, basta que lhe dê a palavra: “Não escolho nem recebi jamais preparação para a vida que hoje tenho; isto foi uma rasteira... divina!”³

Podemos sentir-nos amigos de quem nunca conhecemos, podendo ele ou eles ser presença benfazeja que anda connosco. Sucede-me assim com Padre Américo. Não é, pois, prerrogativa de Gaiato, mas de quem o lê e nas suas palavras se queima.

As linhas que aqui se apresentam são quase pretexto para se falar de Padre Américo, para que o seu nome e ação não se percam nas brumas duma ruidosa amnésia coletiva.

1. Conferência Episcopal Portuguesa, “Nota Pastoral do Episcopado sobre o centenário do Padre Américo”. *Lumen*, n.º 1 (jan. 1987), pp. 4-6.

2. Moreira das Neves, “Padre Américo”. In *Os Grandes Portugueses*. Direção de Hermâni Cidade. Lisboa: Ed. Arcádia, [1962], vol. 2, pp. 477-481.

3. [Padre Américo], “Doutrina”. *O Gaiato*, n.º 204 (22 dez. 1951), p. 2.

I

Pe. Américo: O seu lugar nas letras portuguesas

Américo Monteiro de Aguiar deixou largas centenas, porventura milhares de páginas escritas. Praticamente tudo quanto escreveu em jornais o publicou: em *O Correio de Coimbra*, em *A Ordem* e, a partir de 5 de Março de 1944, em *O Gaiato*, o seu jornal, “porta aberta pela qual os de longe foram entrando e vendo e conhecendo e amando” a *Obra da Rua*⁴. Dos jornais se resgataram algumas palavras sob a forma de livro. Muito permanece ainda disperso.

Em nenhuma coluna ou página se encontram marcadores de retórica académico-jornalística meramente formal. Os seus propósitos na escrita só de forma muito acessória ou mesmo absolutamente marginal eram de ordem estética. Ele o declara, a propósito, por exemplo, de uma das páginas que escrevia em *O Gaiato*: “Eu não procuro nunca, nesta nota de semana, ser sublime ou persuasivo, mas sim somente pregar o Evangelho a todas as criaturas - O Evangelho do Pobre”⁵.

O homem que fez “das lágrimas tinta de escrever”⁶ tem lugar ou “pertence à Literatura”? A pergunta tem justificação e sentido. Zacarias de Oliveira é perentório na resposta: “pertence e será conveniente, para bem das letras portuguesas, que ele tenha o seu lugar, o lugar que merece, conquistado por um domínio da frase direta, da frase que diz, escolhendo as palavras mais apropriadas, colhendo-as na fala popular, enriquecendo o léxico.”⁷

Pelos inícios de 1970, podia ler-se: “Houve já, sem dúvida, quem apontasse o Padre Américo como um dos maiores prosadores do seu tempo entre nós. A afirmação ficou no ar e nada se lhe seguiu: ainda não apareceu um estudo do escritor Padre Américo”, mais, “ainda se não esboçou sequer uma antologia literária da sua obra, por onde se aprendesse português e a amar os outros como irmãos”⁸.

Em torno da sua qualidade de escritor foi crescendo, pois, uma atmosfera de opinião pacífica e unânime. Todavia, tal qualidade não foi ainda minuciosamente analisada ou só marginalmente o terá sido. Tardará a aparecer quem se debruce sobre Padre Américo enquanto “Artista da palavra”⁹?

Tradicionalmente, enunciam-se seis formas de arte, embora possam variar (a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, a dança, a literatura), às quais desde há muito se acrescenta uma “sétima arte”, o cinema. Enquanto conceitos, “arte” e “artista”, têm raízes fundas. A definição da primeira tem limites mal definidos, sempre fluidos, talvez contingentes e porventura enigmáticos. Bastará di-

zer que “a arte é um facto do homem”. É a própria humanidade que se interroga sobre o mundo e sobre si mesma, que procura uma verdade ou um sentido, que se questiona ou interpreta. O homem precisa da arte para “exteriorizar o que é” e para nela se encontrar “como que um reflexo de si mesmo”¹⁰.

O Papa Paulo VI, em dezembro de 1965, na conclusão do II Concílio do Vaticano, a maior revolução da história da Igreja, apontou os artistas como os “prisioneiros da beleza” e os “guardiões da beleza no mundo”. Entendendo os objetos artísticos como formas de transcendência, não é difícil ouvir-se em fundo o eco de F. Dostoiévski, em *O Idiota*: só “a beleza salvará o mundo”¹¹. Por sua vez, João Paulo II, na *Carta aos artistas* (1999) define-os como “aqueles que apaixonadamente procuram novas epifanias para oferecê-las ao mundo como criação artística”.



4. Ccf. Henrique Manuel S. Pereira, “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia”. *Lusitania Sacra*. (Revista do Centro de Estudos de História Religiosa. UCP-Lisboa). 2.ª série (8/9) (1996/97), pp. 649-680.

5. Padre Américo, *Pão dos Pobres*, 3.ª edição. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1982, vol. 3, p. 58.

6. Padre Américo, *Pão dos Pobres*, 5.ª edição. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1986, vol. 1, p. 92.

7. Zacarias de Oliveira, “O Cantador”. *Penafiel*. (*Boletim de Cultura da Câmara Municipal*), n.º 1 (1972), p. 32.

8. *Ibidem*, p. 32.

9. Há muito que o desafio vinha sendo feito. Mais recentemente, foi reiterado por Padre Carlos Galamba, “Prefácio”. In Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 5: “[...] continuamos aguardando trabalho equivalente de um Académico de Letras, que escolha o Padre Américo - ‘Artista da palavra’ para tema de doutoramento”.

10. André Comte-Sponville, *Apresentações da filosofia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, pp. 91-98.

11. Fiódor Dostoiévski, *O Idiota*. Trad. Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 396.

Poderá, neste sentido, Padre Américo ser considerado um artista, alguém que procura epifanias e manifestações? Julgo que sim, e sem esforço. Desde logo, fê-lo em gestos – deu substância e corpo à sua Obra. Mas fê-lo também pela palavra, embora, a seus olhos, tal arte fosse fruto natural e tão orgânico que assinalá-lo se lhe afigurava quase motivo de perplexidade:

“Costumo ser muito gabado pelos meus dotes (dizem) de escritor. Até de uma vez, em certo grupo, aonde estava sendo zurzido com entusiasmo, foi-me concedido, ao menos, um título. *Tem habilidade para escrever*. Ora a verdade é que eu nunca dei fé de tal. As coisas saem-me da pena como o leite do peito das mães que amamentam. Os filhos é que o puxam”¹².

Não se lhe conhece, portanto, importâncias ou poses de escritor nem se importa que seus filhos o corrijam, bem pelo contrário:

“Não sei se os senhores deram fé de que o número do último Gaiato foi tudo obra do meu talento. Como estivesse de cama e o tempo sobrava, chamei o Abel e ele veio com o tinteiro e o papel. O Abel deixou a marca como ele e outros a têm deixado no meu escritório. Hoje quem entrar no meu quarto de dormir e olhar para o chão, lá vê a marca do Abel. Tinta! Pois eu ditava e o rapaz escrevia. O Cândido da Tipografia vinha de vez em quando por linguados que ele e outros compunham e que o Jacinto e outros imprimiam. Chegou o dia de vir

às minhas mãos o jornal completo. Eu revi, emendei e ele torna a ir ao prelo e de novo regressa às minhas mãos. Tornei a ler. Estava bem. Tudo no seu lugar. Gramática, estilo, pontuação, tudo. Nisto Zé Eduardo abre a porta do meu quarto e senta-se ao pé de mim a fazer-me companhia. Eu tinha ali à mão a minha joia. Passei-lha e pedi que lesse alto e muito devagarinho. Eu queria saborear. Eu ia saborear. Aquela era a minha obra. O rapaz toma o jornal. Estende-o sobre uma mesa, puxa a cadeira e começa a ler alto e muito devagarinho. Não tinha acabado duas linhas quando me pergunta por um lápis. Eu respondi que não tinha lápis nenhum. Pergunta se eu tenho uma caneta e eu disse que não. Eu não tinha caneta nenhuma. *Está aqui um erro*, diz Zé Eduardo. E continua a ler alto e devagarinho. *Outro*. Levanta-se de onde estava, foi pedir uma caneta e desata a desfazer o que estava feito. De cada emenda dava sua explicação e para me consolar vai-me dizendo que é tudo da moderna caligrafia. Tantas e tais emendas, que o Jacinto esteve mais de três horas a trocar letras e pontos antes de começar a imprimir. Fiquei triste da minha ignorância”¹³.

12. [Padre Américo], “Mais uma carta”. *O Gaiato*, n.º 64 (10 ago. 1946), p. 2.

13. [Padre Américo], “Isto é a Casa do Gaiato”. *O Gaiato*, n.º 206 (19 jan. 1952), p. 4.

Padre Américo, artista da palavra. O tema não é vasto nem enredado. Será, quando muito, misterioso e, por isso, espantoso. Antes de mais, importará afastar da escrita do fundador da Obra da Rua o conceito ou rótulo de ficcionista. A ficção é, por definição, uma impostura – uma realidade que não é e, no entanto, finge sê-lo. A ficção é, pois, uma mentira que se faz passar por verdade, uma criação cujo poder de persuasão depende exclusivamente da utilização eficaz, por parte de quem a escreve, de umas técnicas de ilusionismo e prestidigitação semelhantes às dos mágicos, dos artistas circenses e atores.

Padre Américo não produziu nem, a meu conhecimento, escreveu uma só linha de ficção. Por conseguinte, não se procurem prodígios de efabulação nem surpreendentes personagens, isto é, pessoas de papel, na sua escrita. À criação de personagens ele preferiu mostrar criaturas de carne e osso. Os seus textos têm pessoas dentro: a dele, seu autor, e a de todos quantos foram integrando a sua família. É deste ponto de vista, por exemplo, que os dois volumes de *Isto é a Casa do Gaiato*, por exemplo, se me afiguram o perfeito álbum de família.

Não há que dissertar e especular sobre o seu processo criativo de Padre Américo. Não se lhe ajusta a ideia do escritor romântico às voltas com a página em branco, numa escrita demorada e apurada em revisões sucessivas, frequentemente nutrida pela leitura dos clássicos, etc. “Eu não leio, nem faço, nem escuto discursos, que o tempo não me dá para tanto. Caminho – apaixonado”¹⁴. Foi um retratista da realidade, do ordinário pulsar da vida que Deus lhe concedeu viver. Não é difícil entrever a trepidação e a vertigem dos seus dias. Sujeito aos rigores das obrigações e responsabilidades, não podia ser se não displicente quanto aos rituais dessa coisa estranha, rara e misteriosa a que chamamos inspiração. Alguns respingos, sem preocupações de maior, a partir do que temos mais à mão:

“O Zé Maria acaba de assomar à porta do meu gabinete de trabalho, para dar outro nome ao meu quarto de dormir. Ficou a meia porta. Abre e diz: – Dá licença que eu vá cortar o cabelo à *papo-seco*?”

Como posso eu dirigir uma Obra tamanha, escrever um jornal tão importante, fazer relatórios de fim do ano, abrir e despachar correspondência, mendigar o pão de cada dia, aturar dores de cabeça, tendo de atender todos estes nadas?!¹⁵.

“Como pode a gente escrever *fundos* à altura dos leitores? [...] Com esta é já a terceira vez que me trazem aqui à porta do quarto a nossa toira! É um tropear

desgraçado pelos corredores fora! E quem diz toira diz gatos e morcegos e acusações e narizes em sangue e trinta por uma linha”¹⁶.

“Por vezes tenho tais dores de cabeça que me não posso levantar. Ao primeiro que aparece no meu quarto, eu [...] mando fechar a porta. Mal começo a descansar, aí vem *Pombinha* perguntar se eu quero café. Torno a tentar e vem outro dizer-me que está lá fora uma mulher com uma carta na mão. Depois são outros com outros recados e eu não tenho outro remédio senão vestir-me, lavar a cara e curtir as dores noutros sítios. É assim a minha vida!”¹⁷

Padre Américo sabia a vida que escolhera. A propósito da entrada de um gaiato, às 6h da manhã, pelo quarto dentro, com a notícia do nascimento de uma cria, diz de si para consigo: “Enquanto eu for tudo para todos, tenho que ouvir tudo de todos. Eis”¹⁸.

Padre Américo, artista da palavra. O tema não é vasto nem enredado. Será, quando muito, misterioso e, por isso, espantoso. A vida, e concretamente a prosaica vida da Rua ou daqueles que lhe pareceram, era a substância e a matéria da sua inspiração. E neste ponto convirá ter presente a lúcida formulação de Kant segundo a qual uma obra de arte não é a representação de uma coisa bela, mas “a representação bela de uma coisa”¹⁹. O ordinário pode, de facto, ser o mais extraordinário e poético dos quadros, dependendo mais de quem o vê ou sente do que da sua própria realidade. O que tinha de extraordinário um miúdo irreverente, sujo e ranhoso não fossem os olhos do Pai que os olha?

Por razões óbvias, a arte da palavra de Padre Américo extravasa a da corrente estético-literária designada por realismo. Aceitando que no realismo cabe hoje muito mais do que durante muito tempo se lhe consentiu, surgiu como reação ao formalismo da arte pela arte, e visando repor o compromisso da Arte com os valores ideológicos do Homem e da sociedade. Havendo reconhecíveis afinidades entre Marx e o Evangelho, a cartilha de Padre Américo nada tinha que ver com o primeiro e tudo tinha de compromisso com este último. Daí lhe vinha talvez o estilo pessoal, um modo amplo de respirar e dizer de forma livre, sem filtros, alheio a conveniências, não subordinado a preceitos, cânones, escolas ou estilos literários. Escrevia para desassossegar consciências. Porventura por tudo isso, os seus textos frequentemente queimam quem os lê.

A ter de se atribuir uma classificação à arte da palavra de Padre Américo seria talvez a dum realismo realista e pragmático. De resto, não podia ser de outra maneira:

14. Padre Américo: *Páginas escolhidas e documentário fotográfico*. Porto: Editorial Inova, 1974, p. 582.

15. Padre Américo, *Isto é a Casa do Gaiato*, p. 89.

16. Padre Américo, *Isto é a Casa do Gaiato*, p. 66.

17. Padre Américo, “Isto é a Casa do Gaiato”. *O Gaiato*, n.º 240 (9 maio 1953), p. 4.

18. [Padre Américo], “Isto é a Casa do Gaiato”. *O Gaiato*, n.º 212 (12 abril 1952), pp. 1, 3.

19. André Comte-Sponville, *Apresentações da filosofia*, p. 93.

“Os senhores leitores que tanta graça acham ò jornal, não fazem ideia nenhuma de que trabalhos ele é feito; não sabem. Começa porque eu não posso escrever e chamo um. Mas eu não posso naturalmente chamar o melhor, porque esses são precisos nos escritórios do Júlio e do Avelino; tenho de chamar um qualquer. Ele apresenta-se no meu escritório e eu apresento-lhe os linguados de papel. O meu ajudante toma a caneta e não leva cinco minutos que não tenha os dedos borrados de tinta e o papel da mesma sorte. Se lhe peço contas ele responde: é a *tinta*. E eu calo-me; é a tinta. Os primeiros quinze minutos, o rapaz presta alguma atenção e está quietinho; mas outros quinze já assim não faz. Não pode fazer. Eu digo alhos e ele vai e põe bugalhos. Eu enfureço-me, naturalmente, para logo cair em mim e retirar a fúria. Fazemos as pazes. Recomeço. Dou de novo com a veia e apenas no melhor dela, entra um pela porta dentro com sangue no nariz, dum murro que lhe deram. Este saído, vem outro dizer que me chamam ò telefone. E outro, que chegou um espada. E outro, que estão ali pobres. E mais e mais e mais. Lá se vai a veia. Aí vem a fúria. O ajudante já não pode estar por mais tempo. Júlio, por outro lado, manda pedir linguados que *está o prelo à espera*. Eu torno a cair em mim. Eu espanto-me de que alguma coisa saia de tudo isto; e em vez de *famoso*, como até aqui, eu proponho agora o nome de o *espantoso*”²⁰.

Invariavelmente a esfera do vivido - com frequência pouco poética na aparência; com um pronunciado ritmo musical da frase, em grande medida decorrente de uma espécie de transposição do discurso verbal para o escrito; sem exuberâncias retóricas, com frase curta, vigorosa e ágil, num estilo e registo dialógico, servindo-se de um vocabulário simples, direto, autêntico, rente à vida - e sempre à luz clara e forte do Evangelho. De tudo isso fez Padre Américo o seu espantoso “talento de saber tornar verdadeira a verdade” (Herberto Hélder).

O autor de *Pão dos Pobres* é, a meus olhos, um escritor autêntico, capaz de uma desconcertante sobriedade prosaica. O que é um escritor autêntico? É aquele que obedece docilmente às orientações que a vida lhe impõe. Quem não escreve sobre aquilo que no seu foro mais profundo o estimula e força, não é autêntico; e parece-me difícil que chegue a ser aquilo que Padre Américo inquestionavelmente foi também por via da sua palavra escrita: um criador, por outras palavras, um poderoso transformador da realidade, querendo que se visse para lá do que ela mostra.

II Das mortes e da Vida de Padre Américo

Olhando a vida de Padre Américo em perspetiva, dir-se-ia que tal como viveu morreu, iluminando... A morte - o incessante morrer, para que, à semelhança do grão de trigo, algo maior possa nascer - foi sempre o seu ofício. Também em sentido literal, há muito que Padre Américo se preparava para a morte. Escreveu ele em 1955: “Tenho aguardado o leito por uns dias. Foi num pé. Hoje um pé... Amanhã outros membros e depois tudo. É bom compreender assim a vida e preparar-se um para a morte!²¹[...]” E cinco anos antes: “Onde quer que eu morra desejo ser tratado como um pobre. [...] Não desejo os paramentos do altar, mas somente a batina e descalço.”²²

Assim se fez e cumpriu.

De homens com esta latitude, apodera-se, não raro, a lenda. Certa investigação, e porventura a de maior audiência, raramente interroga os factos ou questiona as fontes, pautando-se, por ignorância ou comodidade, pela paráfrase ou simples reprodução do que encontra à tona dos dias. Abundam as versões sobre a morte de Padre Américo. E, dado curioso, por via da rádio, da imprensa e do diz que diz, o fenómeno teve manifestação quase imediata após o fatídico incidente.

Vale pois a pena revisitar e seguir de perto um texto com autenticidade e sabor de fonte, publicado em *O Gaiato*, 18 de agosto de 1956, sem assinatura, mas presumivelmente escrito por Carlos Galamba, o Padre que então assumiu a orientação e condução da Obra da Rua:

20. [Padre Américo], “Isto é a Casa do Gaiato”. *O Gaiato*, n.º 198 (29 set. 1951), p. 4.

21. [Padre Américo], “Isto é a Casa do Gaiato”. *O Gaiato*, n.º 296 (2 jul. 1955), p. 4.

22. Voz dos Heróis”. *O Gaiato*, n.º 324 (28 jul. 1956), p. 1.

23. Padre Américo], “Isto é a Casa do Gaiato”. *O Gaiato*, n.º 240 (9 maio 1953), p. 4.

► 12 de julho de 1956 (Quinta-feira)

Inauguração e bênção da capela da Casa do Gaiato de Beire, pelo Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. “Dia de grande satisfação para Pai Américo. E o seu último ato público, como que o sublinhar do seu cuidado maior: ‘A vida religiosa nas nossas comunidades, seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo’.

Na tarde desse dia, parte em direção ao Minho aonde o levavam assuntos da Obra”.

► 13 de julho de 1956 (Sexta-feira)

Outros assuntos o obrigam a descer a Coimbra. Contava pernoitar em Marinha Grande onde realizaria uma palestra sobre o Património dos Pobres. Porém, a notícia de que lhe fariam uma recepção festiva, desviou-o de lá.

Mas sempre continuou para o Sul a fim de tratar em S. Martinho do Porto do Património dos Pobres naquela terra. Foi o seu último sopro. De regresso trouxe de Alcobça as duas senhoras para ajudar na Casa de Paço de Sousa.

► 14 de julho de 1956 (Sábado)

O fim da viagem. A tarde deste dia esteve ainda tomada por voltas no Porto. No regresso a Paço de Sousa, em S. Martinho do Campo de Valongo deu-se o desastre. Não houve excesso de velocidade. Não houve desleixo. Não houve culpa. Foi um desastre.

Aliás o acidente deixou-o sem pernas e ele morreu do coração, consumido por vinte e sete anos de sacerdócio vivido com uma intensidade que ninguém põe em dúvida.

Na sequência, é conduzido ao Hospital de Santo António. O estado era grave. A noite de sábado para domingo manteve em cuidado médicos e amigos.

► 15 de julho de 1956 (Domingo)

De manhã, perfeitamente lúcido, como quase até ao fim, Padre Américo pediu e recebeu os Sacramentos. O dia de domingo foi passando em esperança crescente. A noite encontrou-o com tensão arterial e pulso em franca normalização.

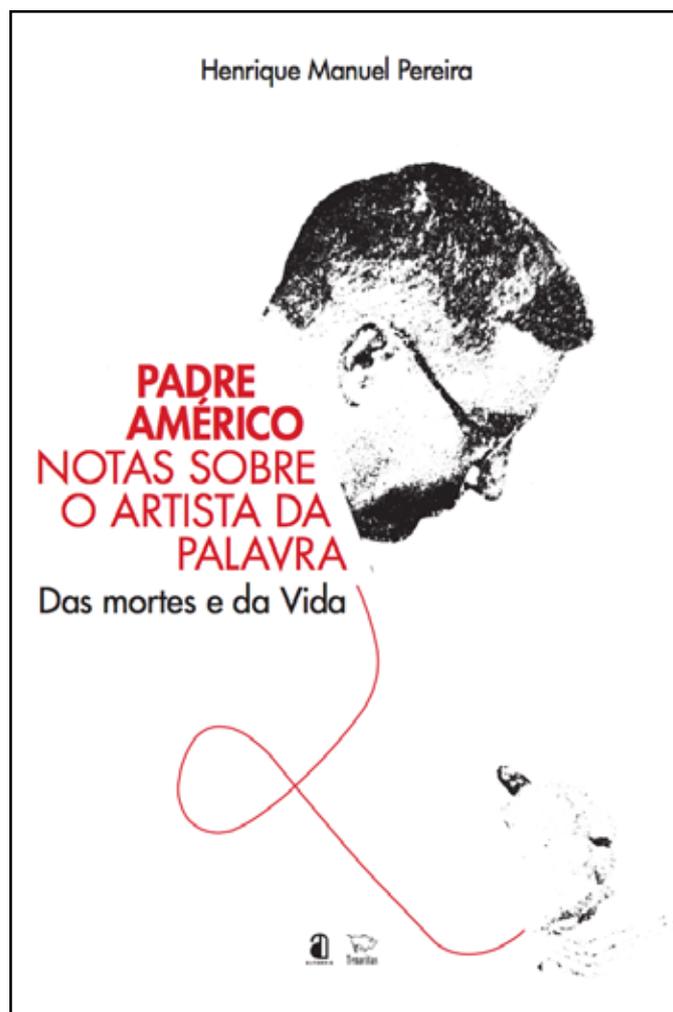
Cerca das 11 horas, um médico amigo, ainda familiar, viu-o e ficou muito contente. “Até já refilou” – disse ele ao deixar o quarto. Passado pouco pediu uma injeção para dormir. O médico assistente consentiu. Mas ele nem mesmo assim conseguiu descansar. A sede mortificava-o. Constantemente pedia pedacitos de gelo que chupava sofregamente.

► 16 de julho de 1956 (Segunda-feira)

Às 2 da madrugada Padre Américo começou a ficar muito aflito do coração. Deram-lhe injeções adequadas e tomou oxigénio. Cerca das cinco horas começou a sossegar. Pensámos que era a reação boa. Mas ele foi-se apagando e às seis e cinco da manhã do dia 16, dia de Nossa Senhora do Carmo, o gaiato Avelino gritou que já não respirava e nós quisemos não acreditar, mas era verdade.

► 17 de julho de 1956 (Terça-feira)

Depois, foram aquelas vinte e quatro horas de apoteose que o Porto conheceu. Depois a chegada a Paço de Sousa, em simplicidade como ele gostava. Depois o abrir do chumbo, não em lances trá-



gicos como romancearam os repórteres, mas porque havia licença para tal, já que o corpo desceria à terra. Depois um beijo de cada um por despedida. Depois, concluiu *O Gaiato*, a presença dele que todos nós continuamos a sentir e que nos esforçamos por manter, vivendo a vida que nos legou, em simplicidade, como ele gostava²³.

Padre Américo foi sepultado no cemitério paroquial de Paço de Sousa, após Missa de corpo presente, na capela da Casa do Gaiato, presidida por D. Rafael da Assunção, Bispo de Limira.

Cinco anos volvidos, a 17 de julho de 1961, os restos mortais de Padre/Pai Américo são trasladados para a capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde jazem na simplicidade de uma campa rasa, com a inscrição: ERA 1956/AMÉRICO MONTEIRO D'AGUIAR/PRESBÍTERO.

Padre/Pai Américo morreu há 60 anos, mas não é da ordem do passado. Continua vivo. Pertence ao restrito número de homens que transpõem as fronteiras do tempo, continuando vivos e eternos na obra que lhes sobrevive.

23. Cf. [Padre Carlos Galambal] “Por amor à verdade”. *O Gaiato*, n.º 325 (18 ago. 1956), pp. 1, 4.

A CRISE DA JUSTIÇA

BREVES APONTAMENTOS

João Moreira Camilo
Juiz Conselheiro

► Falar na CRISE DA JUSTIÇA tem constituído um lugar-comum ao longo das décadas, desde o alvorecer da instituição do nosso constitucionalismo, com a criação das principais instituições jurídicas próprias de um estado moderno, com a vitória das doutrinas liberais na guerra civil de 1828-1834.

Deste modo, este tema tem sido objeto de muitíssimos trabalhos ou artigos escritos e publicados nos mais diversos órgãos da comunicação social quer de natureza generalista quer em publicações especializadas, bem como tem sido tratado em muitos debates, sessões culturais, encontros, seminários, colóquios e conferências nos mais diversos meios de comunicação e nas mais diversas instituições de ensino, profissionais ou cívicas.

Têm sido apontadas inúmeras causas e prescritos os mais diversos remédios ou soluções para este problema da sociedade portuguesa, sem que o decurso dos anos em que o problema tem sido diagnosticado com acentuado agravamento, tenha feito surgir resultados visíveis de melhorias significativas no estado da Justiça Portuguesa.

Com as convulsões socioeconómicas decorrentes da revolução de 1974, acentuaram-se os sintomas de crise e as causas que mais têm sido apontadas para a crise da Justiça em Portugal são as mais variadas.

Assim, é frequentemente indicada como tal a ação dos advogados por se entregarem a todo o tipo de manobras dilatórias possíveis, no sentido de entorpecer o andamento regular dos processos judiciais.

Outros apontam como causa principal a pouca produtividade ou o pouco apego ao trabalho dos juizes e dos demais operadores judiciários como magistrados do Ministério Público e os funcionários judiciais.

Há ainda quem defenda como causa da crise da Justiça o mapa judicial desatualizado com a sobredimensão dos tribunais do interior desertificado pelo êxodo das populações para o litoral e onde, por isso, os processos judiciais rareiam para o quadro do tribunal respetivo, em contraposição com os tribunais dos grandes centros populacionais do litoral afundados numa autêntica torrente de processos a que a dedicação, por vezes meritória,

dos operadores judiciários, se revela impotente para dar vazão àqueles processos.

Também há quem aponte como causa essencial para a crise da Justiça a escassez de meios financeiros que os governos têm dedicado à necessária reforma dos tribunais e demais serviços complementares.

Há ainda quem defenda como causa desta problemática, a crise social e económica da sociedade portuguesa com a conseqüente multiplicação do número de processos entrados nos tribunais, ou seja, o aumento exponencial da litigiosidade em tribunal dos cidadãos e dos agentes económicos que integram a atual sociedade portuguesa.

Finalmente, é apontada, também, como causa da crise da Justiça a desadequação das leis vigentes – com referência às atuais características da sociedade portuguesa –, e à má qualidade das mesmas leis, nomeadamente das leis elaboradas mais recentemente.

A análise, mesmo que superficial, destas causas sucintamente enunciadas, nomeadamente com a crítica sobre a real relevância de cada uma para o resultado a que se chama “crise

da Justiça”, levaria a um desenvolvimento técnico incompatível com a natureza desta revista generalista.

Por isso elegemos as duas últimas causas mencionadas para sobre elas fazer incidir algumas considerações.

As alterações socioeconómicas que a sociedade portuguesa sofreu após a Revolução de abril, com todas as transformações que o tecido económico e social português sofreu, potenciaram um incremento excecional do acesso dos cidadãos e agentes económicos aos tribunais.

Estes, apesar do inegável aumento dos seus quadros e dos demais recursos, não foram capazes de responder em tempo útil aos desafios que aquelas transformações despertaram.

Assim, basta percorrer as estatísticas judiciais, nomeadamente, as referentes aos processos de divórcio, de regulação das responsabilidades parentais e de promoção e de proteção de menores para se concluir pelo aumento constante e assombroso do número daqueles entrados e pendentes ao longo das últimas décadas.

Além disso, os milhares de processos que as grandes empresas, nomeadamente do ramo das telecomunicações ou de seguros, fazem dar entrada anualmente nos tribunais das áreas urbanas de Lisboa e do Porto fazem com que as estruturas judiciárias se mostrem verdadeiramente impotentes para a resolução dos respetivos litígios em tempo útil.

Desta forma e atendendo a que os nossos recursos judiciários se situam em volume não inferior ao dos demais países da Europa, onde nos integramos, há que procurar soluções que vão para além do constante aumento dos quadros e demais recursos.

Daí que a solução deve, em nosso modesto entender, procurar-se numa campanha de consciencialização dos ci-



dadões no sentido de os levar a procurar a resolução dos seus litígios por meios extrajudiciais, como seja, os centros de arbitragem já institucionalizados no campo dos litígios referentes ao arrendamento, a viagens ou aos direitos do consumidor. Essa consciencialização deve incidir também na procura de soluções consensuais entre as partes em confronto, com ou sem o recurso a mediação externa.

Por outro lado, o legislador deve procurar estimular a prevenção dos litígios, nomeadamente junto das grandes empresas que despejam os processos que integram a chamada litigiosidade de massas – ações para cobrança de assinaturas ou gastos em telemóveis, em internet, de prémios de seguros, de dívidas referentes a cartões de crédito, de gastos relativos a fornecimentos de água, de gás ou de eletricidade, entre outros.

Assim, as empresas credoras devem ser estimuladas a usar pacotes de serviços pré-pagos

ou com exigência de caução-garantia de pagamento, com eventual corte imediato da prestação do respetivo serviço logo que se verifique o primeiro atraso no cumprimento dos pagamentos estipulados.

Dada a progressiva indispensabilidade dos serviços em causa, a simples ameaça de corte do fornecimento potenciará uma inibição no incumprimento e consequentemente fará diminuir de forma substancial, a necessidade do recurso a tribunal.

Passaremos agora para a análise da última causa da crise da Justiça que nos propusemos tratar, ou seja a aludida desadequação das leis e a sua má qualidade.

É por todos reconhecido que os nossos diplomas legais fundamentais, nomeadamente, de ordem processual, têm mantido os seus traços ordenadores fundamentais ao longo de muitas décadas, traços esses que se vêm revelando perfeitamente desadequados ao resultado das transformações socioeco-

nómicas recentes já mencionadas.

As alterações introduzidas entretanto, apesar do seu número elevado, não tem vindo a permitir desenhar um quadro legislativo compatível com a atual composição da sociedade portuguesa.

Por outro lado, o processo de formação das leis tem sido pouco cuidado, permitindo fazer sair novas leis ou alterações das anteriores, sem que as consequências da sua introdução hajam sido mínima e previamente estudadas.

Esta circunstância leva a que se multipliquem as alterações das leis com um escasso lapso de tempo de vigência, com a consequente dificuldade de os operadores judiciais saberem qual a redação concreta da lei aplicável – das várias que se sucedem no tempo – a cada litígio em apreço, decorrente das normas de aplicação das leis no tempo.

Por isso, sempre em nosso modesto entendimento, defendemos um acrescido cuidado no



processo de elaboração das leis, com um profundo estudo prévio sobre as suas potenciais consequências a fim de evitar as constantes retificações, esclarecimentos ou interpretações legais, alterações ou substituições de normas decorrentes do pouco acerto das soluções introduzidas pelas normas legais visadas.

Além disso e para finalizar, propomos que se reduzam o número das leis, ou seja, que apenas se altere a lei quando esta esteja claramente desadequada e que a nova regulamentação legal tenha atrás de si um estudo aturado sobre as consequências da mesma de forma a fazer perdurar, tanto quanto possível, a vigência daquelas.

Tudo isto ajudará certamente a minorar de forma substancial a chamada Crise da Justiça.

Resta, finalmente, dar uma opinião breve sobre duas recentes medidas que o XIX Governo Constitucional adotou e com que pretendeu atacar de frente a chamada crise da justiça e com elas revolucionar o funcionamento dos Tribunais.

A primeira medida consiste na aprovação e entrada em vigor pela Lei n.º 41/2013 de 26 de Junho do Novo Código de Processo Civil, diploma basilar para o funcionamento dos processos judiciais de natureza civil, código este que entrou em vigor em 1 de setembro de 2013.

Este diploma, não sendo um diploma revolucionário nos traços estruturais processuais pois segue as linhas gerais dos anteriores códigos de processo civil, apenas simplificando e alterando, por vezes, é certo, de forma muito substancial, as linhas gerais estruturantes que vinham já desde o Código de Processo Civil de 1939.

A aplicação daquele novo diploma tem levantado algumas dúvidas e propiciado constrangimentos, como é próprio para um texto legal que altera de forma tão substancial um diploma tão importante ou basilar para o funcionamento dos tribunais.

Porém, pensamos que ainda é cedo para fazer um exame crítico e sério sobre as reais vantagens proporcionadas por

aquele código na superação da crise da justiça.

O outro diploma recentemente aprovado pelo mesmo Governo Constitucional consistiu em introduzir um novo desenho do mapa dos tribunais judiciais que entrou em vigor em 1 de setembro de 2014 e que, além de extinguir um grupo de várias dezenas de tribunais, sediados em pequenas localidades do interior, veio estabelecer uma acentuada especialização dos tribunais, com vista a uma melhor produtividade que a especialização permite.

Pensamos que a extinção de alguns dos tribunais é uma medida necessária a uma administração da justiça que tome em conta as alterações sociais, económicas e demográficas verificadas ao longo dos anos, à generalização da utilização dos modernos meios de comunicações eletrónicos e à melhoria das vias de comunicação, tudo articulado com a necessidade de fazer uma utilização mais racional dos meios financeiros existentes cada vez mais escassos, sobretudo em tempo de crise económica e financeira que atravessamos e de que não

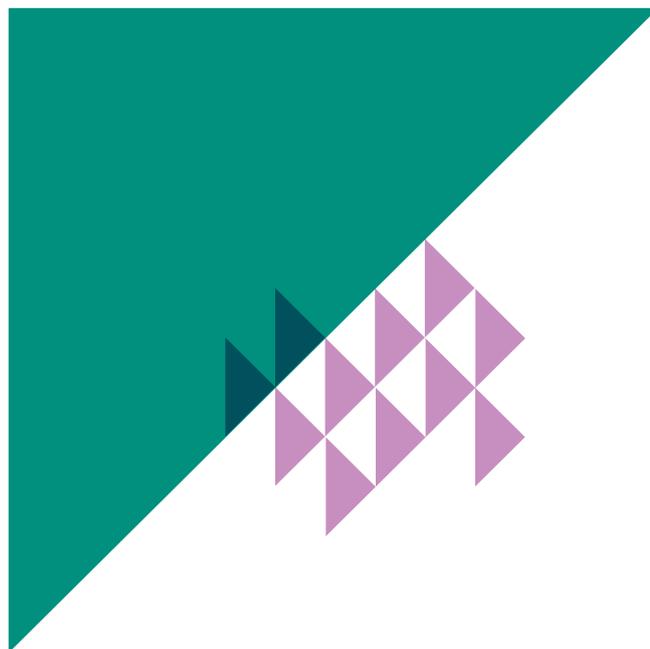
nos livraremos no futuro mais próximo.

Porém, o encerramento de tribunais levado a cabo com a reforma referida, sendo em nossa opinião, uma medida necessária, como dissemos, poderá ter sido excessiva e pontualmente inadequada ao não tomar em conta as longas distâncias a que ficaram muitos cidadãos do tribunal mais perto da sua residência.

Já a especialização dos tribunais é uma medida que levará necessariamente a uma melhor produtividade dos tribunais e a uma justiça de melhor qualidade, o que é indubitavelmente de aplaudir.

No entanto, também pensamos ser cedo ainda para fazer uma análise isenta e séria sobre as vantagens e desvantagens da introdução de tão radical alteração no mapa judiciário implementada há pouco mais de um ano.

Termino fazendo um apelo a que todos nós tomemos uma atitude colaborante e otimista para melhor enfrentarmos as previsíveis dificuldades que o nosso país atravessa e não somente no campo da Justiça.



O NOSSO ABEL SALAZAR PATRIMÓNIO PORTUGUÊS

Abel Salazar, para lá da morte

Manuela de Abreu e Lima

Sócia e colaboradora da Árvore Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL

► Do que é o património todos nós temos uma ideia mais ou menos correcta. Sabemos o significado da palavra (vem do latim *pater* – herança paterna), sabemos também que designa algo valioso que se herda.

Lembremos que o passado sentido como uma entidade abstracta corresponde a um conceito muito recente. Até à Idade Moderna, o passado convivía com as pessoas numa relação estreita, em que os antepassados, com todo o seu legado e não apenas o genético reviviam em cada geração.

Cada um de nós tem um património pessoal que herdou de seus pais, é o nosso património genético. Tudo o que biologicamente nos vem dos nossos pais resulta da conjugação dum óvulo e dum espermatozóide detentores da herança vital, o património hereditário. O acto gerador põe em presença, de um lado, o óvulo, do outro, milhões de espermatozóides diferentes no seu conteúdo cromossómico. A participação da mãe está eleita pelo acaso, quanto à do pai só será fixada no instante preciso em que um certo espermatozóide penetrará o óvulo. Mal podemos imaginar como são ténues as causas que vão influenciar o resultado final.

Há uma história dum personagem famoso que se lamenta por sua mãe, no momento supremo da concepção tenha, inopinadamente, interpelado seu pai: «não te terias esquecido de dar corda ao relógio?». Basta muito menos para agir sobre a génese de uma criança. Um movimento, um suspiro, e é outro espermatozóide que fecundará o óvulo, será um outro homem ou mulher que, nove meses depois virá ao mundo...

Todos nós consideramos nosso património, estamos pelo menos a aprender a fazê-lo, os palácios, as igrejas, os monumentos, melhor dizendo, o património construído. Hoje já lutamos pelo património imaterial, o fado, o cante alentejano, etc...

Não é muito habitual quando festejamos ou homenageamos Aquilino, Garrett, Herculano, Régio, Camões, Pessoa, Sousa-Cardoso, Grão Vasco, Henrique Pousão, Abel Salazar, Almada, Viana da Mota, Domingos Bomtempo e muitos, muitos outros, que os sintamos como património de Portugal, da nossa cultura, do nosso prestígio como país. As suas obras, a sua influência, o seu papel inovador cuja densidade ficou marcada no nosso imaginário, em

áreas tão diversas como aquelas que pertencem a cada um deles, ou seja, a sua intemporalidade vai sendo esquecida pelas sucessivas gerações.

Há figuras que servem de símbolo para países inteiros. Há países que habilmente lançam mão de figuras da sua cultura para se afirmarem.

Nós, os portugueses amarfanhámos as figuras gradas da inteligência, da literatura, da ciência, das artes, há sempre uma razão, porque pensam diferente, porque abafam as pretensões dos bem pensantes medíocres e mal formados, ou, simplesmente, porque nos está na massa do sangue. Quem de nós se lembra de Jorge de Sena, José Rodrigues Miguéis, Aurélio Quintanilha, Francisco Pulido Valente, Azevedo Gomes, Rodrigues Lapa, Bento de Jesus Caraça, Abel Salazar, Ruy Luís Gomes, ... (estou só a lembrar aquelas figuras, ainda muito próximas de nós...).

Todos eles morreram duma enfermidade endémica no clima português, de acção lenta, muito lenta em que o organismo em ruínas anseia pelo fim. Esta doença é a amargura do abandono, do esquecimento, da indiferença asfíxiante que corrói o coração.

O povo chama-lhe consumição.

A história da inteligência portuguesa é um longo, longo sofrimento, a doença respira-se no ar, do que aqui se passa somos todos responsáveis – responsáveis pela doença que mata a inteligência e contamina de consumição os espíritos de excepção.

A nossa posição, que importa aqui realçar, é sentirmos que somos todos responsáveis pelo que acontece, tentarmos fazer uma avaliação da nossa forma de estar, enquanto cidadãos, e não baixar a guarda... nunca!!!

Abel Salazar (Guimarães, 1889 – Lisboa, 1946)

Figura notável do nosso património cultural, científico e artístico. Cientista, ensaísta, filósofo, investigador, professor, artista plástico.

Foi um dos fundadores da Escola Portuguesa de Histologia e Embriologia, área onde produziu trabalhos notáveis de investiga-



ção tendo criado novos métodos de técnica histológica, nomeadamente, o método tano-férrico com o que se tornou mundialmente conhecido em todos os laboratórios de biologia microscópica.

Abel Salazar é um dos exemplos raros e marcantes da intemporalidade criadora, que lhe confere uma dimensão universal que o imortaliza acima da história.

Abel Salazar foi igualmente um notável artista plástico com relevância para a pintura e o desenho. Um amante do belo e um criador de beleza. A sua vida científica e artística atingia a intensidade da paixão. As suas obras transmitem-nos a sua própria emoção, deslumbramento de luz, cor, vida, movimento.

Olhando-se para as obras plásticas de Abel Salazar, pergunta-se como é que a sua existência, este impressionante espectáculo, não está bradado aos quatro ventos... louvado, estudado, divulgado?...

Além da pintura e do desenho tem ainda “uma pujante e qualificada obra” como caricaturista, gravador, escultor e repuxador de cobres caso único entre os artistas do seu tempo.

Refira-se e frise-se, o exílio forçado de Abel Salazar que o levou a “vagamundear” por várias cidades europeias, tendo como compensação o enriquecimento da sua já vasta cultura artística e filosófica.

A sua pintura é sempre uma relação entre a arte e a realidade social da sociedade em que se insere.

Nas suas telas, as mulheres batidas pelas tempestades da vida, sujeitas aos mais degradantes e brutais esforços, são imagens poderosas de toda uma luta sobre-humana, em que a dignidade que mantêm é a sua força, uma esperança de sobrevivência e de libertação. Estas obras são um “documento raro da presença da mulher em majestade”.

Falar da arte e da vida naqueles tempos equivalia a uma opção e atitude políticas, como afirmação corajosa da verdade. Esta aliança

activa entre a arte e a ciência contribuiu para a consolidação da sua originalíssima personalidade.

A acção repressiva da ditadura fascista mutilou uma obra de um intelectual de excepção, interrompendo o seu caudal criativo tão assombrosamente fecundo.

Em 1935, Abel Salazar foi expulso da cátedra de Histologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. O seu gabinete foi saqueado, despejado, projectos e estudos científicos foram interrompidos e inutilizados. Este acto levado a cabo pelos lacaios do fascismo equivalia a porem um letreiro no país que, traduzido em linguagem de gente, dizia: “aqui só ficará a mediocridade!!!”.

Rastejantes manobras foram feitas para denegrir e humilhar a sua dignidade.

Só viveu mais onze anos! Morreu de consumição..

“Abel Salazar é dos mais poderosos e brilhantes talentos do nosso país. Honra-se o Porto com a Fundação que tem o seu nome e dignificam-se os devotos que o levantam alto, para que o não esqueçam e seja venerado pelos que têm alma para o compreender.” (Doutor Egas Moniz - Prémio Nobel da Medicina).

“Para lá da morte a recordação de uma vida ímpar traduz a admiração dos que contactam com a obra genial que nos legou.

Recordá-lo é, hoje como será sempre, um acto de renovação de esperança” (Professor Doutor Nuno Grande - Universidade do Porto).

«O Nosso Abel Salazar» *

* Glosando o título «O Nosso Niemeyer» livro de autoria de Carlos Oliveira Santos, Edição Campo das Letras, Outubro de 2001
Muita da obra de Abel Salazar encontra-se reunida na Casa Museu Abel Salazar - Rua Doutor Abel Salazar - 4465-012 S. Mamede Infesta - Tel. 229039827.

Egas Moniz (António Caetano de Abreu Freire)
Avanca (Estarreja), 1874 - Lisboa, 1955

Fez o curso de medicina na Universidade de Coimbra, em 1899, integrando o corpo docente da Faculdade de Medicina, como professor catedrático, após o doutoramento em 1902, nas áreas de anatomia, fisiologia, e mais tarde em patologia geral. Foi em França que fez a formação em neurologia. As suas descobertas clínicas foram reconhecidas e admiradas pelos grandes neurologistas da época. Os seus estudos sobre Angiografia Cerebral foram premiados pela Faculdade de Medicina de Oslo, em 1945. Em 1949, é-lhe atribuído o Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia, pela descoberta da Leucotomia Pré-Frontal para tratamento de algumas doenças mentais.

Português notável, que conciliou a sua actividade como professor, investigador, escritor, e activista político, tendo exercido funções relevantes como Embaixador e Ministro ao serviço de Portugal.

Nuno Grande (Nuno Lídio Pinto Rodrigues Grande)
Vila Real, 1932 Porto, 2012

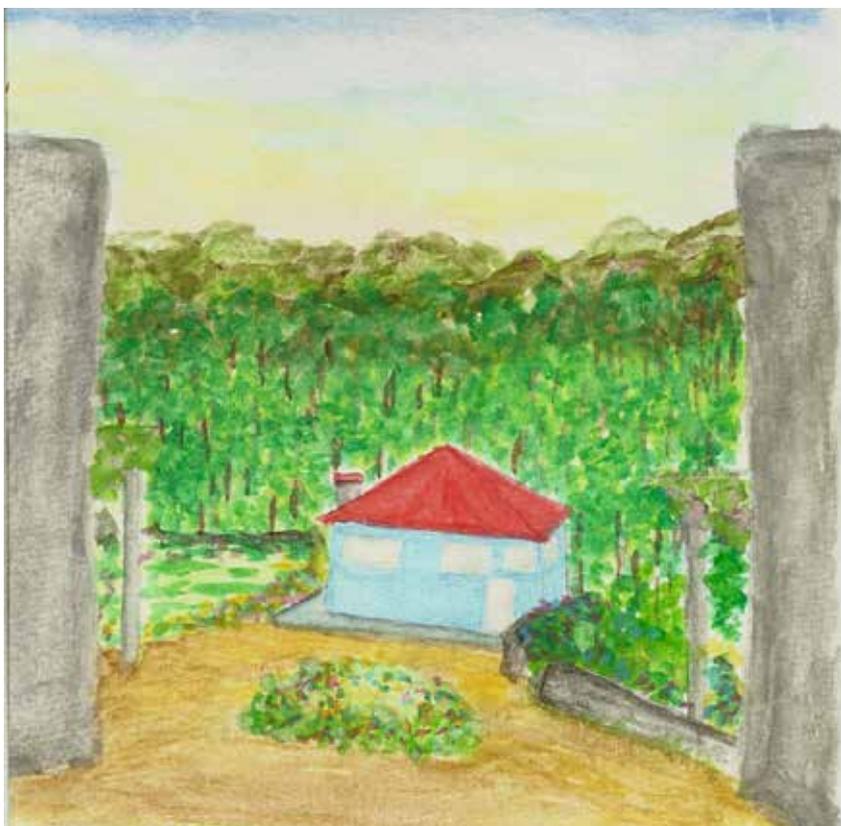
Formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, tendo sido convidado para assistente da cadeira de Anatomia pelo Professor Hernâni Monteiro. Doutorou-se em 1965. Mobilizado pelo exército para Angola, foi assistente na Universidade de Luanda, Faculdade de Medicina, onde exerceu relevantes funções como professor e dinamizador cultural e científico. Juntamente com outras personalidades, entre as quais, o Professor Rui Luís Gomes e Professor Corino de Andrade foi fundador do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto. Nesta Escola Médica, em que foi regente da cadeira de Anatomia, realizou trabalhos inéditos de repercussão internacional.

Foi Presidente da Direcção da Associação Divulgadora da Casa Museu Abel Salazar, e da Comissão Nacional das Comemorações do Centenário do nascimento do Professor Abel.

POR ENTRE AMORAS E SILVADOS

Texto de Maria Florinda Almeida
Médica Oftalmologista

Ilustrações de Marília Almeida
Professora do Ensino Básico



▶ Naquele tempo as aulas começavam e terminavam na mesma data todos os anos e em todo o país, apenas diferindo entre anos escolares com exames finais ou não. Era maravilhoso quando, sem o fantasma dos exames obrigatórios, se podia sonhar com umas longas férias, as famosas “férias grandes”. Três meses de lazer, onde a fértil imaginação e ímpeto juvenis geravam autênticas aventuras, por vezes um tanto temerárias. Para os adultos eram, apenas, diabruras de adolescentes saudáveis e cheios de vitalidade. Dava prazer escutar as alegres gargalhadas que ecoavam, facilmente, por tudo e por nada.

O destino, para o descanso tão almejado pelas quatro manas vindas da capital, era a casa de um tio, situada numa quinta no Norte de Portugal. Os primos, bem como os amigos destes, aguarda-

vam-nas cheios de entusiasmo pois, libertos da responsabilidade dos estudos, todos juntos poderiam gozar esses meses com alegria redobrada. Pais e tios encaravam toda a agitação e turbulência dos jovens adolescentes, sedentos de quebrar as rédeas da disciplina, com muita paciência e tolerância. A energia e jovialidade emanadas por seus filhos e sobrinhas contagiavam tudo em redor e faziam-lhes reviver a sua juventude já um tanto distanciada.

A quinta era vasta e os campos, bem cultivados, desciam em socacos suaves até ao rio que, no verão, corria baixo deixando a descoberto largas zonas do seu leito irregular. Nele, grandes calhaus arredondados pela forte correnteza das águas invernosas, no imparável fluir do tempo, emergiam e, generosamente, permitiam caminhar à vontade quer na direção da corrente ou simplesmente atravessar de uma margem para a outra.

Em lugares devidamente escolhidos por gentes de saber, o mais das vezes, empírico, surgiam pequenos açudes onde a água deslizava rápida saltando de novo para o leito com a beleza de uma majestosa queda de água, muito embora de dimensão incomparavelmente menor que as cataratas famosas de grandes rios. Contudo, o seu encanto natural era digno de admiração.

Cada manhã começava somente com o acordar espontâneo e não por obrigação, seguindo-se o pequeno-almoço onde as conversas de uns e outros se misturavam, numa algazarra feliz, fazendo planos para o dia. Cada um apresentava a ideia mais animada e, às vezes, extravagante. Desde correr nos pomares, procurando alguma fruta, meia verde, meia madura, mas já apetitosa para jovens ansiosos de tudo provar ou nos campos de milho, não escapando, então, as espigas para assar nas brasas do fogão de ferro. Este, uma antiguidade, quase uma relíquia naquela época, era excelente para os assados de domingo e para tornar mais gostosas as maçarocas.

Cirandar pelos jardins tornava-se, também, muito aprazível. Dálias, zínias, rosas, misturadas por entre outras flores de cores matizadas, repartiam-se, de forma harmoniosa, por canteiros que se estendiam desde a entrada da quinta, formando aí uma pequena rotunda, e pelos terrenos mais próximos até ao grande tanque de rega. Não

havia portão para se aceder àquele “santuário” promissor de repouso e animação, somente o espaço protegido dos lados por um muro enegrecido, cheio de musgo. O portão que haveria de chegar um dia, só no de “S. Nunca”, dizia-se com ironia. A falta daquele garantia a fácil entrada a todos os visitantes e residentes. A confiança no familiar, no amigo ou simplesmente no vizinho, era o sentimento constante e geral entre todos.

As ramadas, altas, mantinham-se seguras por elegantes esteios em granito unidos por barras de ferro, por sua vez, ligadas por arames, formando um quadriculado onde as vides espriavam os seus ramos, presos por delicadas espirais de gavinhas, cobrindo todos os espaços de folhagem densa, onde parras muito verdinhas, com restos de sulfato, protegiam os cachos de uvas brancas, tintas e aromáticas uvas americanas.

À medida que os dias, lentamente, se escoavam, ia-se procurando aqui e ali alguns bagos que, amadurecendo mais cedo, davam para “penicar”. O tio, dono da quinta, detestava que se roubasse a beleza aos cachos de uvas com aquela incontida vontade de as provar, mas lá se ia conformando, quem sabe, recordando as suas traquinices de criança ou de jovem descuidado. Uma questão de tempo, apenas, para o bom senso se instalar naquelas personalidades em rápida evolução e amadurecimento.

Para além do descanso preguiçoso e dos passeios pela quinta, o convívio alegre e amistoso era preenchido com jogos de cartas, dominó ou damas e longas caminhadas pelo leito do rio, refrescando os pés nas suas escassas águas ou nas suas margens colhendo amoras nos densos silvados. Muitas eram comidas de imediato, outras carregadas nos bolsos para serem saboreadas em casa com broa e algum açúcar. Um delicioso “paparote”. Brincar às escondidas, à cabra-cega ou a algo improvisado de momento, também acontecia.

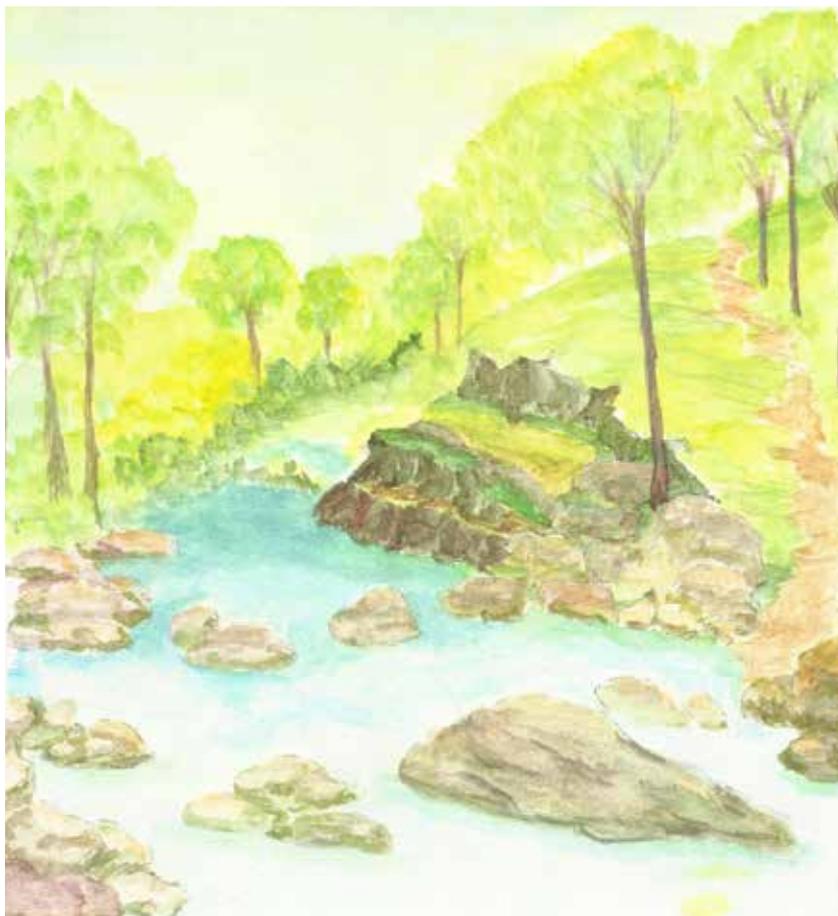
Em cada despertar para um novo dia, difícil era adivinhar o que a fantasia e a liberdade concedida àqueles jovens fogosos, poderia engendrar.

Era frequente depois do almoço, nas mornas tardes do estio, as manas e os primos sentarem-se à roda de uma mesa redonda, em granito, com múltiplos pontinhos espelhando os raios de sol que a iluminavam, para jogarem às cartas. Nem sempre se escolhiam jogos convencionais, mas sim arrançados na altura e sempre trazendo emoção e barulheira. Num deles, por exemplo, alguém decidia:

“... damos as cartas e quando sair um rei ganha quem primeiro lá colocar a mão...” Então a doidice começava. Todos atentos, a respiração contida, olhos fixos nas cartas até que, de repente, aparecesse rei ou rainha, as mãos estalavam umas em cima das outras para se ganhar nada, além de confusão, gritinhos de:

“... fui eu, fui eu...”, seguindo-se gargalhadas, até às lágrimas, porque, afinal, não era um rei.

A emoção recomeçava, incontrolável. Quem dava as cartas brincava, ora mostrando-as devagar ora, inopinadamente, com rapidez. Mais palmadas nas cartas, nas mãos e na mesa. Esta era dura e rugosa, porém, ninguém se queixava. O que era preciso era continuar naquela brincadei-



ra cuja finalidade era viver momentos hilariantes, quase patéticos, em que mais nada existia a não ser uma inocente e explosiva alegria.

Improvisar baloiços, pendurando cordas nos ferros das ramadas, tendo como assento uma tabuazita irregular e áspera, seguindo-se uma disputa amigável, mas renhida, porque todos queriam voejar que nem pássaros, sucedia vezes sem conta. Que importava o balançar dos cachos de uvas meio escondidos no emaranhado das folhas, fazendo voar, como berlindes, bagos docinhos que, caindo no chão o transformavam num tapete de bolinhas coloridas?

Vezeis houve que alguma corda, rompida pelos insistentes vaivéns, rebentava agitando-se como um chicote, estalando na pele daqueles brincalhões inconsequentes. Ninguém se queixava. A satisfação enganava qualquer dor.

Uma tarde, manas e primos, depois de descarregarem a sua energia com as distrações habituais, dispersaram-se por aqui e por ali, mastigando uma maçã, uma pera, uma sandes de presunto, o que houvesse na cozinha. O sol ia alto e o dia, como todos os dias de verão, era longo, daí o descanso pouco durar. Do engenho de cada um teria de brotar algo diferente e bem criativo, se não viria o tédio e tal sentimento era proibido. Então, alguém se lembrou de uma rede para repouso, feita com habilidosos nós de pescador por um dos tios, que tendo andado na Marinha de Guerra, se entretinha executando, com arte, pe-



ças artesanais, como cintos, sacos, etc. e também a dita rede para descansar nas tardes ociosas das férias.

A rede foi procurada e encontrada. Quem a encontrou logo a arrastou e, esforçadamente, prendeu as suas extremidades a dois pesados esteios de granito, que suportavam parte de uma extensa ramada de uvas americanas. Em seguida, denosamente aí se estendeu, olhando o céu azul por entre o rendilhado de uvas e parras para, depois, dormir uma rica soneca.

Aquele delicioso sossego pouco durou. Rapidamente um a um, manas e primos perceberam a intenção e, estugando o passo, todos decidiram repousar num autêntico molho, acotovelando-se até conseguirem encaixar-se na pobre rede. Um dos primos, com dificuldade em se locomover, ficou para trás. Contudo, vagorosamente, aproximou-se e, sem mais delongas, indiferente às vozes um tanto aflitas de:

“... não, não, tu és muito pesado... não cabes aqui... rebentas a rede...”, ele, rindo-se, atirou-se, desajeitadamente, para cima dos outros. Por entre gritos, empurrões e risadas a rede não parava de gingar descompassadamente.

De súbito, algo estranho sucedeu. Era difícil de explicar. Uma das manas gritou: “O céu está a cair!!!!”.

Não se sabe como. Em segundos, enfiando braços e pernas nos espaços livres da rede, todos fugiram como loucos do que, minutos antes, era o lugar ideal para um magnífico repouso, a rede feita com nós de marinheiro, sob a sombra da ramada de aromáticas uvas americanas. Só permaneceu o primo que para lá se jogara por último. Ao mesmo tempo, um som surdo ecoou pesadamente ali perto. Os adultos escutando aquela agitação e gritaria desatinada acorreram ao local e, espantados, olhavam para a rede, rojando o chão, com o único jovem que não conseguira escapular-se, nela refastelado. A ramada descera como uma bolsa gigante sacudindo, suavemente, os cachos de uvas, agora bem próximos da terra. Perto, metade dum grande esteio de granito, onde a rede estava atada, tombara, milagrosamente, para fora da rede. Os jovens com o coração pulando no pei-

to, sem saber que fazer ou dizer, aguardavam a sentença dos mais velhos que, abanando a cabeça, só agradeciam a Deus a sua divina proteção. Ninguém se magoara! A ramada voltaria ao seu lugar. Era só colocar um esteio novo. Ralhar não valia a pena. O susto que apanharam, de certeza, os tornaria mais precavidos nas brincadeiras.

A calma regressou. Manas, primos e amigos concluíram que, bem melhor, eram os jogos de cartas, damas e gamão, sem esquecer os passeios gostosos e descontraídos nas margens do rio de águas baixas e sussurrantes. Aí, colheriam amoras negrinhas e saborosas por entre os espinhos dos silvados.

Os dias foram passando mais serenos e o sol adormecendo cada vez mais cedo. As amoras começaram a murchar. Alguém lembrou: “Agosto está quase no fim. O diabo já passou pelas amoras. Não podemos comê-las”. Outra voz ecoou: “Qual quê! O diabo quer lá saber das amoras..., eu vou apanhar as que puder. Olhem esta tão pretinha e brilhante! E esta? E mais esta?”.

Enfim, aquelas férias maravilhosas estavam a findar! Talvez ainda dessem para assistir e ajudar na vindimas das uvas brancas! Das tintas já não seria possível!

O regresso às aulas estava próximo. Os momentos felizes e as doídes iam ficando para trás. Adeus quinta, adeus rio, adeus silvados e amoras. A cidade chamava... Toca a fazer as malas. Chegou o dia das despedidas. Uma lagrimita ou outra molhou a face de alguém mais emotivo. Beijos, abraços e um: “Até para o ano, se Deus quiser... Ora, claro que há de querer... há de querer...”.

Com essa esperança nos corações vibrantes, as manas regressaram à capital para um novo ano letivo com a certeza íntima de voltarem, no ano seguinte, à bela quinta no Norte de Portugal, para mais umas férias inolvidáveis com rio, amoras e silvados.



O PATRIMÓNIO IMATERIAL DA ROTA DO ROMÂNICO

Rosário Correia Machado
Diretora da Rota do Românico



► O património imaterial surge como um importante objeto de intervenção para a consolidação da identidade cultural e histórica de uma região e do seu povo. A sua conservação, e conseqüente divulgação, revestem-se de primordial interesse não só para se garantir a memória de um passado que a todos engrandece, mas também como forma de o valorizar cultural e socialmente.

Simultaneamente com estas premissas, a utilização deste património permite reforçar as capacidades endógenas e ser um vetor de desenvolvimento regional, pela sua atuação na promoção turística, com intenção de captar fluxos económicos importantes.

A Rota do Românico, em estreita parceria com os 12 municípios que integram o projeto, inventariou o património imaterial e vernacular da sua área territorial de intervenção, procurando, com este trabalho, criar uma imagem distintiva da região, em sintonia com o preconizado por este projeto unificador do território.

Este esforço deu origem a quatro publicações temáticas, que se assumem como o resultado de dois anos de levantamentos no terreno e de pesquisas documentais, com a intenção de dar a conhecer a todos a riqueza imaterial e patrimonial deste território desenhado por vales, rios e serras. Editadas no último mês de 2014, estas publicações foram apresentadas e divulgadas pela Rota do Românico durante o ano de 2015, estando disponíveis para descarregamento gratuito no sítio da internet do projeto, em www.rotadoromânico.com.

Serra

O primeiro livro dedicado ao património imaterial do território da Rota do Românico teve o espaço serrano como elemento aglutinador, tendo sido concedido um especial enfoque à agricultura, à pastorícia e ao artesanato.

Sobre a agricultura, evidenciou-se sobretudo a forma de cultivar o centeio e as coberturas de colmo. Quanto à pastorícia, foram realçadas a criação de rebanhos coletivos, as canções dos pastores ou o “medo” dos ataques de lobos aos rebanhos. No que concerne ao artesanato, a riqueza desta região espelha-se nas singulares peças manuais em cestaria de palha e silva, de giesta piorna ou de madeira rachada.

Nesta publicação foi dado um especial destaque aos concelhos serranos de Baião, Cinfães e Resende, com breves incursões por Amarante, Castelo de Paiva, Celorico de Basto e Marco de Canaveses.

Rio

Nesta publicação foi colocado em evidência o património imaterial que abraça algumas das principais artérias do nosso território: os rios. Estes moldaram o espaço físico ao longo dos séculos, criando belezas e singularidades que, certamente, não encontrará num outro lugar do mundo. Ao mesmo tempo, os rios ofereceram às populações locais condições para que pudessem aproveitar o melhor que aqueles tinham para dar: as suas águas e as suas margens. As margens dos rios foram aproveitadas pelo Homem para a agricultura de soco, com o intuito de aí se produzirem citrinos e cerejas. No caso das suas águas, as populações aproveitaram-nas para a construção de moinhos e para a promoção do abastecimento, do comércio fluvial e do transporte de mercadorias para as cidades portuárias.

Mas, enquanto criavam condições para que os locais vivessem próximos deles, os rios mostravam também, não raras vezes, a sua ira, dificultando a vida de homens e mulheres que deles necessitavam. Falamos, entre outros, do árduo esforço dos arrais e mareantes, sobretudo quando tinham de puxar os barcos rio acima pelas margens, contra a corrente enfurecida, com a ajuda de juntas de bois.

Não admira que, com o tempo, rezas, cantigas e festividades relacionadas com os rios surgissem. Quando passavam com o barco perto de

uma capela ou igreja que ficava junto ao rio, os marinheiros agradeciam ao santo padroeiro uma viagem sem grandes perigos. Aquando dos convívios, estes homens entoavam versos que ficaram conhecidos por chula rabela, acompanhados por bombos, castanhetas, cavaquinhos e regados com um bom vinho. Dentro das festividades, devemos mencionar as Endoenças que, com o rio pelo meio, unem três concelhos - Marco de Canaveses, Penafiel e Castelo de Paiva -, ou os vários santuários que, com uma traça mais ou menos tosca, acolhem as angústias e os desejos dos trabalhadores e dos fiéis.

Vale

No terceiro livro dedicado ao património imaterial da Rota do Românico é apresentado um afável e genuíno cartão identificador das terras dos vales do Sousa, do Douro e do Tâmega e da sua maior riqueza: as pessoas.

Gentes amáveis e bem-dispostas, para as quais a união e a entreaajuda são objetivos comunitários sempre presentes. Características que se refletem, diária ou ocasionalmente, no património imaterial, com as suas memoráveis festas e romarias que animam o território ao longo de todo o ano e que começam com o anúncio da festa e o “levantar” do mastro. Depois, seguem-se os festejos religiosos propriamente ditos, como a procissão por caminhos sinuosos, mas verdejantes, na Senhora do Salto (Aguiar da Sousa, Paredes), as novenas a Santa Quitéria (Felgueiras), os majestosos andores da Romaria da Senhora Aparecida (Torno, Lousada) ou a recriação histórica no Corpo de Deus (Penafiel). Festas e romarias que se tornam ainda mais inesquecíveis com os doces de feira, como os velhotes, os rosquilhos, as cavacas ou os melindres, que nos dão energia para continuar noite adentro e assistir a uma largada de “vacas de fogo” aquando das Sebastianas (Freamunde, Paços de Ferreira).

Contudo, uma parte deste património integra já a memória do passado ou irá indelevelmente desaparecer com os anciãos, como são exemplos a cultura do linho e os ofícios de cadeireiro e de carreira. Existe, porém, uma outra parte deste

património que continua a transmitir-se de geração em geração ou que é constantemente recriado pelas comunidades e grupos. Um dos mais visíveis é a Fábrica do Pão de Ló de Margaride - Leonor Rosa da Silva Sucrs. que, desde o distante século XIX até aos dias de hoje, continua a fabricar esta iguaria na mesma linhagem familiar.

Gastronomia

A última publicação sobre o património imaterial e vernacular desta região é particularmente saborosa ou não tivesse a gastronomia como tema...

De Celorico de Basto a Cinfães, da serra do Marão à de Montemuro, do rio Sousa ao Douro, passando pelo Tâmega, encontramos uma oferta gastronómica única que faz dos pratos e da doçaria tradicional um dos melhores cartões de visita que a Rota do Românico pode oferecer.

Depois de um enquadramento histórico sobre a evolução da alimentação portuguesa, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, a publicação oferece um receituário com cerca de três dezenas de pratos e doces típicos deste território, como o bazulaque ou verde, o capão à Freamunde, as lérias e o famoso pão de ló de Margaride.

De referir que algumas das receitas apresentadas se encontram no seu estado primário, unicamente com os ingredientes principais, pois os segredos da sua confeção são passados de geração em geração, no seio familiar, nunca sendo revelados para que se possa manter o “ganha-pão”. Porém, apesar destes cuidados, é comum encontrarem-se estes sabores confeccionados um pouco por todo o país. Mas, os genuínos são os do território da Rota do Românico. Genuínos na sua confeção, porque utilizam matérias primas produzidas localmente, mas também genuínos no convívio espontâneo que descobrirá à volta de uma mesa, em seio familiar ou nas barracas de “comes e bebes” e de doçaria que encontrará nas muitas festas religiosas ou profanas da região.



MATAR EM NOME DE UMA FÉ

Sílvia Rebanda
Advogada

“A melhor maneira de lutar contra o terrorismo não é com armas. É com canetas, livros, professores e escolas.”

Malala Yousafzai

► O terrorismo revelou-se como a verdadeira terceira grande guerra, que tem tingido com o sangue de inocentes o alvorecer do terceiro milénio.

Em pleno século XXI, quando imaginávamos que a humanidade estivesse mais evoluída em termos de direitos, liberdades e garantias individuais, consagrados a partir da Revolução Francesa e com a aprovação da Declaração Universal dos Direitos do Homem, o mundo assiste ao fundamentalismo e fanatismo de grupos radicais islâmicos como a Al-Qaeda, o Estado Islâmico, o Boko Haram, os Jihadistas e outros mais, que se arrogam o direito de levar o terror a todas as partes do mundo, sempre e onde os princípios da sua religião forem atacados, desrespeitando o ordenamento jurídico de cada país.

Em nome de uma fé cega e totalitária, o Estado Islâmico, que pretende estabelecer um califado em parte dos territórios da Síria e do Iraque, não hesita em decapitar e fuzilar infiéis e prisioneiros. Da mesma forma, o Boko Haram, em nome de uma fé e de uma suposta defesa do islã, sequestra meninas e adolescentes indefesas na Nigéria e transforma-as em agentes do terror.

Paralelamente aos veementes apelos à paz e à fraternidade e à superação moral do Homem, a origem da violência religiosa reside nas próprias raízes da superestrutura religiosa e do seu imaginário, particularmente nas imagens de morte que estão no cerne das religiões.

A violência existente em muitos textos religiosos é indesmentível e mesmo a história de algumas religiões está semeada de episódios violentos desde o seu início, incluindo “mandatos

divinos de destruição”.

O terrorismo motivado pela religião cresceu de modo a desafiar a estabilidade política nacional e internacional. Os terroristas religiosos tornaram-se adeptos do recrutamento de novos elementos, organizando-se em células semiautónomas através de fronteiras nacionais, atacando consistentemente alvos que simbolizam os interesses inimigos.

Os terroristas querem recuperar o poder que um dia os califas muçulmanos tiveram. Não é só uma volta aos tempos em que determinadas religiões se confundiam com a tentativa de alguns povos dominarem o mundo; os terroristas querem também impor a lei da espada e do medo, querem um retrocesso ao que a humanidade tinha de mais bárbaro.

A grande esperança é que esse medo seja vencido por ações mais eficazes por parte da comunidade internacional, através de um combate mais efetivo, para impedir que esses grupos tenham acesso a armas, territórios, campos de treino e, dentro de todos os países, impedir o recrutamento e lavagem cerebral de futuros terroristas, geralmente jovens que são seduzidos por ideias religiosas distorcidas e que levam o ódio a todas as pessoas que não professam a mesma fé, um verdadeiro atentado contra a liberdade de pensamento e de crença, que mina, de forma irreparável, a Humanidade. Tal como refere John Fitzgerald Kennedy: “O homem tem que estabelecer um final para a guerra, senão, a guerra estabelecerá um final para a humanidade.”

VIAGENS DE ANTANHO

Vítor Moreira

Professor do Ensino Secundário

► Recordando a meninice...

Nos meus quase 70 anos, recordo um Lordelo muito diferente do de hoje, vivido nos meus tempos de meninice.

Os carros de bois, no seu característico chiar, percorriam os muitos caminhos e as nossas poucas estradas, a maioria em “terra batida”. Traziam estrume para os campos, transportavam pipas de vinho e levavam erva para as cortes do gado. Os automóveis que circulavam na nossa aldeia contavam-se pelos dedos, e crianças corriam para ir ver passar a camioneta da Payscale que ia para o Porto. As estradas alcatroadas eram raras, mas os campos não estavam ao abandono, neles crescia o milho, o feijão e até o linho, e não faltavam couves e outras hortícolas. Eram tempos muito difíceis, havia pobreza, comia-se o que a terra dava. Quando o sol aquecia e a terra ressequida pedia água, havia discussões com a partilha das águas, ancoradas em presas para rega.

No inverno, matava-se o porco, comiam-se papas de sarrabulho feitas na panela de três pernas, aquecida no braseiro do lar, e guardavam-se os rojões no redenho. Defumavam-se os presuntos e salpicões nas muitas casas de lavoura. Que boa era a broa cozida no forno aquecido a lenha e com a porta tapada com bosta de boi!... Sim, bosta de boi!... Numa mão a broa e na outra uma cebola rachada em quatro salpicada de sal. Assim o trabalhador rural enganava a fome dos estômagos vazios.

Também recordo descer a atual rua de Santa Marta – naqueles tempos ainda um cami-

nho – nas motas de pau, feitas por marceneiros, nas horas vagas.

E nesse caminho, perto dos moinhos, lembro-me de, no inverno, empurrar os poucos automóveis que, nos dias de muita chuva, por vezes ficavam atolados no lamaçal... Para nós, crianças, era uma alegria; para o dono do carro um problema.



Recordo a escola primária, o crucifixo, a fotografia de Salazar e o mapa de Portugal pendurado na parede. Escrevia-se com “penas”, em cadernos de duas linhas, e o aparo molhava-se em tinteiros de porcelana, embutidos nas carteiras de dois lugares. A mão ficava num único borrão azul e, por vezes, a roupa e a cara também não escapavam às manchas de tinta. Usava-se também a “lousa” e o ponteiro de ardósia para “fazer contas”, que se apagavam com cuspe!...

De vez em quando lá vinha uma epidemia de lêndeads e piolhos... Por vezes, às portas das casas, as mães catavam os filhos ao sol, na soleira da

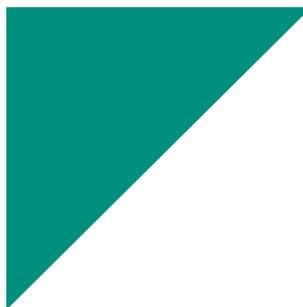
porta, e matavam os invasores trucidando-os com as unhas. Andava-se muito com pés descalços e usavam-se socos e chancas... mas... além da atividade agrícola, também já se sentia o pulsar tímido da indústria da madeira. Ainda tenho bem presente na minha memória os “traçados”, feitos com aguardente e anis, que o

Como seria a nossa terra há 100, há 200 e há muitos mais anos?

Vamos tentar recuar no tempo, e vamos desvendar segredos da nossa terra, nos tempos dos nossos antepassados. Serão viagens de antanho, a um Lordelo desconhecido, será uma “viagem na minha terra”, sem descrições maravilhosas de um génio como Almeida Garrett, mas que permitirá ao leitor ficar a conhecer melhor a aldeia rural que foi Lordelo, a vila que já foi e a cidade que hoje é. Sem mais delongas vamos viajar...

Etimologicamente Lordelo deriva do vocábulo latino “laurus” que significa loureiro. Ao juntar-se o sufixo “etum”, que significa “pequeno bosque”, obtém-se o vocábulo “lauretum” que, em latim, quer dizer “pequeno bosque de loureiros” e que, no latim vulgar, é “Lauritellus”. Esta palavra antiga, com a evolução fonética ao longo do tempo, acabou por originar a palavra LORDELO. Esta será a origem mais verosímil para o nome atual da nossa freguesia. É muito provável que assim tenha sido, pois em Lordelo, deve ter havido sempre muitos loureiros, e, ainda hoje, arranco várias destas plantas que espontaneamente nascem no campo que tenho na casa onde moro.

A referência mais antiga a Lordelo, que consegui encontrar, data do longínquo ano de 1128, ainda Portugal não tinha nascido. Curiosamente é o ano em que se deu a batalha de S. Mamede, em que D. Afonso Henriques derrotou sua mãe D. Teresa. Lordelo, nesse tempo, pertencia ao Condado Portucale assim como as cidades do



Porto, Braga e Guimarães. “Aqui nasceu Portugal” que foi fundado no ano de 1143 e, nessa altura, Lisboa ainda era pertença dos mouros.

O rio Ferreira como marco dominial

O rio Ferreira, há muitos anos, talvez mesmo antes do século XVI, dividia o território hoje ocupado por Lordelo em duas partes. Uma, situada na sua margem direita, pertencia ao julgado de Refojos de Riba d’Ave e chamava-se Parada de Castinheira ou Castanheira, ou ainda “Sam Paayo de Parada de Castenheira” e a outra, na margem esquerda, pertencia ao julgado de Aguiar de Sousa. Esta divisão durou séculos e, em 1825, ainda se verificava. No arquivo antigo da nossa paróquia há vários prazos que confirmam essa divisão. Um deles dizia que em “... mil oito centos e vinte e cinco annos, aos vinte e quatro dias do mês de Novembro do dito anno em o Monte do Sagial, que hé da frega de Sam Miguel desta Honra de Baltar da Comarca e Correição da Villa de Barcellos... aparecerão... de huma parte o Reverendo Manoel Teixeira de Souza Abbade da Igreja e Mosteiro do Salvador de Lordelo do concelho de Aguiar de Souza e da outra Manoel Moreira e sua mulher Maria do Ó d’Oliveira do lugar da Villa, Manoel Ferreira e sua mulher Maria da Silva do lugar da Campa e Manoel Ferreira e sua mulher (...) do lugar da Ferugenta, todos da dita frega de Lordello da parte do concelho de Reffojos de Riba d’Ave (...)”.

Noutro prazo, muito mais

antigo, pode ler-se: “Em 1550 aos 23 de Fevereiro à ponte de Soutelo da parte de Refojos que é no Julgado de Refojos de Riba d’Ave, compareceram António Borges Abade e Reitor do Mosteiro e Igreja do São Salvador de Lordelo do Julgado de Aguiar de Souza...”

Estes dois prazos estão separados por um período de 275 anos e ambos confirmam a divisão de Lordelo em duas partes pertencentes a julgados diferentes. O rio Ferreira seria o marco dominial que separaria essas duas partes.



Em muitos documentos antigos “fala-se” na ponte de Soutelo. Mas onde estaria situada essa ponte? Seria a ponte velha em pedra, situada próximo da ponte da rua da Igreja?

Seria a ponte de estilo romano, chamada do Júlio, situada acima da levada do Souto? Ou seria outra já não existente e construída em madeira?... Tentar encontrar uma resposta

poderá ser assunto para outra ocasião.

Mas há muitos mais documentos que referem e confirmam essa divisão. Ainda é normal ouvir falar, pelo menos as pessoas mais idosas, em Lordelo de Cima e Lordelo de Baixo. Talvez essa divisão esteja relacionada com o exposto.

Mas o Lordelo de hoje chegou a estar dividido não em duas mas em três partes.

As “Memórias Paroquiais de 1758” referem a Ouvidoria de Aguiar de Sousa e dizem que este concelho compreendia 48 freguesias, umas pertenciam a Aguiar de Sousa por inteiro e outras só em parte. Lordelo era uma dessas freguesias que pertencia “só em parte”. Uma outra, embora pequena, pertencia à Honra de Frazão, criada no século XIII e extinta em 1836. “... desta Honra (de Frazão) forão senhores os Alcoforados, místicos, há anos com os Sousas cujas Armas, & descendência apontaremos na Freguesia de S. Salvador de Lordelo,...”. Aqui

jos; que de ambos era donatário o senado da Câmara da cidade do Porto, e que uma pequena parte da freguesia era da honra de Frazão, de quem era donatário Luiz Manoel d’Azevedo, senhor de S. João de Rei.”

O pouco que já se disse levamos a concluir que Lordelo não foi sempre o que é hoje.

A Torre dos Alcoforados, monumento de referência na Rota do Românico

Como vimos, o rio Ferreira chegou a ser um marco que dividiu antigamente Lordelo em dois “Lordelos” e a Torre dos Alcoforados chegou a constar de uma terceira parte. Esta torre também é conhecida por Torre dos Mouros, Torre Alta ou Torre de Arco Furado, e faz parte da Rota do Românico. É o monumento antigo mais importante da nossa terra e dela também poderemos “falar”, noutra ocasião, assim como da ponte de Soutelo, já mencionada, e referida em muitos “prazos” antigos pertencentes ao Mosteiro de S. Salvador de Lordelo. E o que será um prazo? E o Mosteiro de Lordelo onde estaria localizado? Nesses tempos a paróquia de Lordelo era referenciada por S. Salvador de Lordelo e não devemos esquecer que o Divino Salvador é, há séculos, o nosso padroeiro. Quando da elevação da nossa vila a cidade, no ano de 2002, um dos projetos propunha a mudança do nome para “S. Salvador de Lordelo”. Essa pretensão não se concretizou e continuamos a ser apenas mais um dos vários “Lordelos” deste país. Perdemos, em meu entender, a oportunidade de voltar às origens e sermos o único S. Salvador de Lordelo em Portugal.

Estes assuntos e outros, todos referentes a Lordelo, poderão ser tratados noutra ocasião, assim o leitor tenha paciência e interesse para os ler e haja interesse em publicá-los...

A história não se faz... vai-se fazendo!...

se fala dos Alcoforados, cuja torre era sua pertença, e em meu entender, é o património edificado mais importante de Lordelo. Esta Honra compreendia Arreigada, Seroa e Frazão, e uma pequena parte de Lordelo.

“O Dicionário Geográfico, da Torre do Tombo, vol. XXI, pág. 1125, diz que esta freguesia (Lordelo) pertencia aos concelhos de Aguiar de Sousa e de Refo-

HOMENAGEM AO NOSSO COLABORADOR ANTÓNIO TRIGO

Ana Maria Martins

▶ António Rodrigues Pimentel Trigo, professor do Ensino Secundário, colaborou com a revista “Presença” da Fundação A LORD, manifestando sempre a sua disponibilidade para a elaboração de alguns artigos, onde estão patentes a sua vasta cultura e clarividência sobre assuntos relacionados com a comunidade lordelense, dando-lhes uma perspetiva de atualidade.

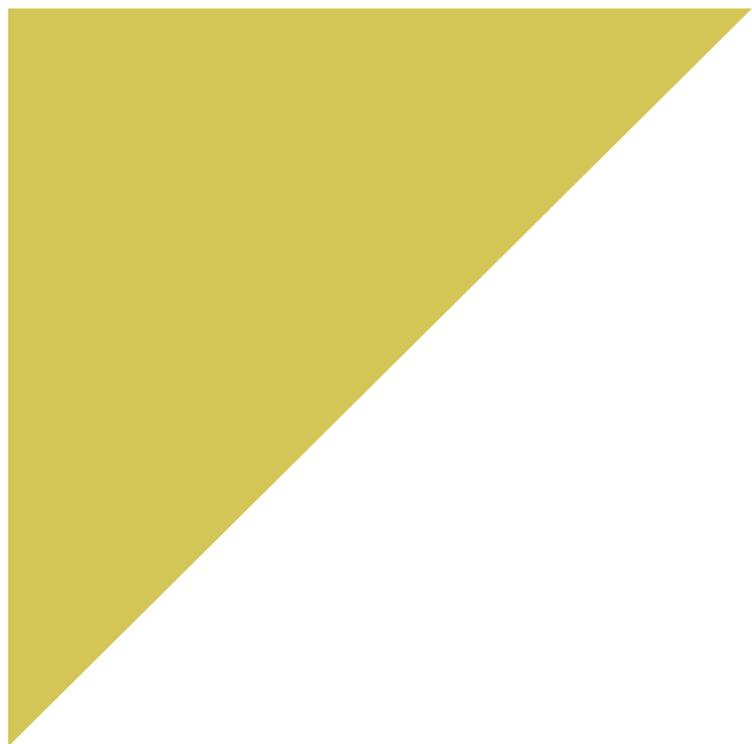
Ao analisar os textos da sua autoria, emerge o aspeto evocativo da sua infância passada em Lordelo, já que os seus pais, professores do Ensino Primário, aqui residiram: “A morada que habitámos, em Lordelo, localizava-se em Soutelo, no sopé de um outeiro arborizado com pinheiros e rodeado por mimosas que na primavera embelezavam o ambiente, pintando-o de amarelo... O edifício, doado ao Estado pelo lordelense Castro Araújo, destinava-se às atividades escolares e residência para os professores que aí lecionavam.”

Além desta referência, o Professor António Trigo traz-nos à memória o “casarão” que “... possuía numerosos aposentos e na parte inferior, numa ampla cave com diversas janelas, onde o professor Virgílio Pereira, compositor musical e maestro competente, adestrava o grupo de canto coral de Lordelo, o Orfeão, como era designado.”

Estas e outras lembranças permitem relacionar as suas experiências pessoais com a atualidade. Assim, como professor, dá ênfase a uma linha de atuação em que, segundo ele, “... um educador não deve comportar-se como um modelador de argila; este molda o barro conforme os seus intentos, conferindo-lhes o aspeto conforme os seus propósitos. Comparar-se-á antes a um hábil jardineiro que cuida desveladamente das plantas, corta-lhes a rama e nutre-as com mestria, para se desenvolverem na plenitude das suas potencialidades.”

É de evidenciar, também, a atenção que o professor António Trigo prestou aos valores patrimoniais de caráter histórico local sobre o trabalho agrícola, o trabalho fabril, a evolução da aldeia de Lordelo, mais tarde vila, hoje cidade. A Ponte Romana, a Torre dos Alcoforados, o Parque do Rio Ferreira, os Moinhos de Água são algumas das referências patrimoniais que, na opinião do autor, devem ser preservadas para que as próximas gerações não acusem os ascendentes de “ociosidade e de inépcia”.

A qualidade dos textos e o registo de factos passados em Lordelo justificam este artigo de homenagem ao professor António Trigo, falecido em 1 de dezembro de 2015, não só como testemunho de despedida, mas também para manter presente a admiração pelo amigo, relendo o que deixou registado em palavras: a sua vasta cultura, a sua entrega aos outros, o seu amor pelo conhecimento que, desde muito cedo, incutiu aos filhos e, mais tarde, aos netos.



Poesia

**Interpelações aos leitores
sobre a condição humana,
expressa em experiências da
vida, através de incursões à
memória.**

Donzília Martins

Professora do Ensino Secundário

Os beijos da minha mãe

Naquele dia dos meus anos, vinte e cinco de setembro,
passei por lá para te dar um beijo.
Afinal também tu eras protagonista do acontecimento.
Como poderia adivinhar que seriam os últimos que trocávamos?
Serena e doce como sempre foste, mais bela nesse dia estavas!
Parecia que me esperavas...
Deste-me um jardim de beijos como se esbanjasses flores,
como se quisesses repartir comigo toda a idade das dores!
Só paraste quando levantei os joelhos e afastei meu rosto.
Passaram dois meses. Era novembro e a chuva caía...
Nessa manhã a voz soou a dizer que o teu coração
De noventa e seis anos estava cansado...
Recusou-se a bater mais e, ao fim do dia, adormeceste com o crepúsculo.
Em abril em que sempre floríamos contigo no teu aniversário
já não houve festa, mas tristeza em lágrimas e contas de rosário;
nem abraços, mas saudades, nem beijos, mas lembranças...
Recordo os últimos beijos que trocámos! Tão meigos e doces os teus!
Saboreei-os e meti-os no coração
e para o céu mandei milhões de beijos em oração.

Dias de setembro

É outro tempo eu sei! Mas sempre setembro me vive na alma!
Foi nele que todos os lírios floresceram, que o luar mais iluminou a noite,
que os sorrisos foram flamas ardentes de luz e saudade.
Nele a cegarra dos grilos em sinfonias cariciosas,
o tropear dos machos na calçada,
são apenas uma doce recordação das madrugadas silenciosas.
Nos dias de setembro, bocadinhos de céu tombam nos prados
em florinhas azuis e outras à beira dos riachos
bebendo o fiozinho de água sob as pedras.
Era em setembro que as rosas vermelhas da roseira brava, floriam.
Nesse mês, é como se fosse primavera em que todos os ventres se abriram:
a cinco, a neta Mariana; a dez, a filha Carla e a afilhada Donzília;
a onze, a nora Né; a dezasseis, o pai José Luís;
a vinte e dois, a doce e saudosa madrinha e avó
e a vinte e cinco eu, para fechar o nó.
Era em setembro que as beladonas vestidas de cor-de-rosa
sem folhas, de haste direita, competiam com a beleza da mariposa!
Em setembro a saudade das festas de família, das vindimas, dos encontros,
dos lugares cheios à mesa, das acesas noites de luar...
Nos dias de setembro, hoje, apenas esses sonhos a voar.

De vez em quando

(Deus tira-me a poesia e eu olho pedras e vejo pedras mesmo) Adélia Prado

De vez em quando, chove e a chuva magoa-me os olhos!
 As gotículas não são mais pérolas a fertilizar a terra
 Mas pedaços de estrelas partidas sem a magia da luz.
 De vez em quando, troveja e eu vejo rios de fogo pendurados
 A queimar o mundo incendiando as árvores e o universo
 Quando nelas podiam pousar os milagres da vida.
 De vez em quando, na minha alma fervem sentimentos,
 Emoções, afetos, mas não sai o verso!
 Pica somente a dor deixando o amor amarfanhado.
 De vez em quando, o verde das minhas árvores empalidece!
 Olho pesarosa os botões de laranjeira caídos no chão.
 Então a minha voz sem voz, emudece
 Deixando surda a canção.
 De vez em quando, quero ser eu, ser verdade, sonho, alegria,
 Mas vejo mesmo pedras, sem laivos de poesia.

Henrique Manuel Pereira

Professor da Escola das Artes – Universidade Católica do Porto

CHOVE MUITO dentro de nós. Há *mas e porquês* que nos sacodem. Temos o coração em ferida e nas feridas toca-se devagarinho.

Lidamos mal com as palavras nestes momentos. Falam-nos mais os gestos e a presença demorada. E assim, entregues às recordações e à infinita dor da nossa perda, ouvimos subtilmente a mensagem de que precisamos: “Não estás sozinho, estou contigo.” (...)

HOJE, só nos ecrãs expomos a morte sem pudor. Diariamente e, aos poucos, vemo-la à distância, com a infantil ilusão de quem vê imagens de ficção ou observa um assunto que apenas a outros diz respeito. No mais, impomos-lhe o silêncio, escondemo-la, ignoramo-la, afastamo-la, tiramo-la de casa, remetemo-la aos hospitais como se fosse contagiosa ou simplesmente nos obrigasse a aceitá-la – em data próxima ou distante – como o mais radical ou decisivo dos encontros.

Por isso estamos sempre a surpreender-nos com aquilo que, no fundo, estávamos à Espera.

O AMOR é a ponte que une o ínfimo ao infinito. Há laços que nos vinculam para a eternidade e é preciso bem mais do que a morte para os quebrar. A morte mata apenas o que conhecemos como vida, não as relações.

NADA DO QUE FOMOS e demos será perda. Será apenas diferente. Será talvez regresso a Casa, depois do que experimentámos no fio da vida, entre momentos de alegria e de dor, de riso, de prazer, de esforço, vitórias e fracassos.

Mais do que fim, será princípio, em comunhão com o Amor inteiro, com aquele mais que nos faltava quando, por aqui, fomos felizes.

Odete Mendes

Professora do Ensino Secundário

A solidão

A solidão que era minha
A encontrei em ti
Brilhante poente
Em tons de violeta negra
Chamavas
Em apelo não ouvido.
Senti-o eu
Já que sofrias esta solidão
Que é nossa.

Flor agreste

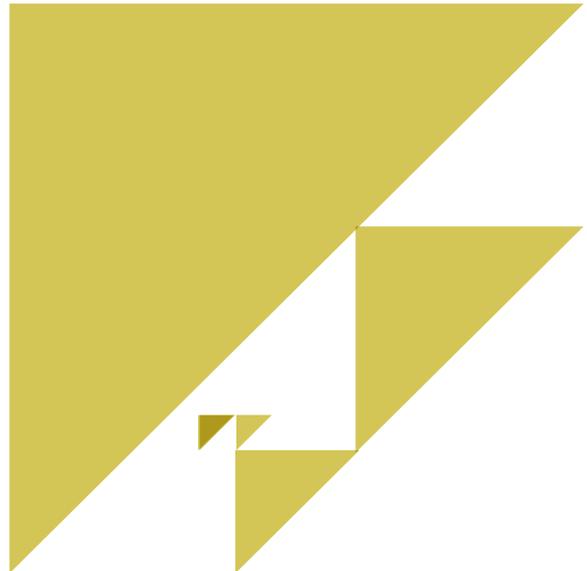
Flor agreste que te inclinas ao vento
Em saudação altaneira e distinta
Recorte negro em fundo sangrento
Enjeita os espinhos que são tua cama
Não queiras vogar em mar que reclama
Que tudo se banhe em tão negra tinta
Sê pó de algodão que no ar flutua
Abafo de lâ que o oiro acentua.
Minha flor agreste, oh! linda selvagem
Na hora poente sê doce miragem.

**Se as minhas
palavras fossem**

Se as minhas palavras fossem
Doiradas como o poente
Se nas águas refletissem
A última luz do dia
Então feliz te faria
E eu ficaria contente
E qual ave que voasse
E às montanhas altivas
Seu canto de cisne cantasse
Eu ao dar-te este poema
Faria da paz teu lema.

**Asas voam
perfurando o mundo**

Asas voam perfurando o mundo.
Vontades brancas
Violentam agora as outras
Forçam o seu avanço.
No lodo amarelo da Barra
Gritam pelo seu peixe
A gaivota e o gavião.



Eventos Externos

A Fundação A LORD tem disponibilizado o seu Auditório para eventos externos, prestando um serviço à comunidade. Várias organizações têm solicitado este espaço para a realização de conferências, colóquios, apresentação de livros e espetáculos diversos.

COLÓQUIO SOBRE O NOVO CÓDIGO DO PROCESSO CIVIL



Jerónimo Velasco

Presidente da Delegação de Paredes da Ordem dos Advogados

► No dia 23 de Outubro de 2015, realizou-se, no Auditório da Fundação A LORD, o Colóquio sobre o Novo Código do Processo Civil, cuja organização esteve a cargo da Delegação de Paredes da Ordem dos Advogados e do Conselho Regional do Porto da Ordem dos Advogados.

As sessões de abertura e de encerramento contaram com as intervenções do Presidente da Delegação de Paredes, Jerónimo Velasco, e de Elisabete Granjeira, Presidente do Conselho Regional do Porto da Ordem dos Advogados.

Neste colóquio, organizado em painéis, estiveram em discussão temas como “A acção declarativa”, “A inversão do contencioso nos procedimentos cautelares”, “A acção executiva” e “Recursos”, em que foram conferencistas: Dr. Paulo Pimenta, advogado, professor universitário e membro da comissão de revisão do Código Processo Civil, Dr. Rui Darlindo, Dra. Márcia Passos e Dr. Pedro Pinheiro Torres, todos iminentes advogados e professores universitários, pelo que foi possível reunir uma plêiade de juristas de reconhecidos méritos para esta área de formação que tanta relevância prática traz ao dia-a-dia do Advogado, e que tiveram o cuidado de tocar e referir pontos concretos de dúvidas ou de bloqueios, segundo a experiência em cada uma das áreas e dos temas do colóquio, permitindo um debate de qualidade sobre temas jurídicos importantes e relevantes não só para a actividade dos advogados, como também para os demais operadores judiciários.

Foi para esta Delegação uma honra reunir um painel de conferencistas de tão alto gabarito, que a todos brindaram com a sua sabedoria e conhecimento de facto sobre as matérias em discussão, e que só por si foram também garantia segura do efectivo sucesso deste colóquio.

Com efeito, volvidos mais de dois anos sobre a entrada em vigor de um diploma dito estruturante para a realização da Justiça, a Delegação de Paredes da Ordem dos Advogados, prosseguindo um desejo e necessidade há muito sentidos, organizou o colóquio sobre o Processo Civil, com vista a uma reflexão sobre a aplicação prática e concreta de tal diploma no dia-a-dia, reflectindo e discutindo questões essenciais que importam à comunidade jurídica, sem perder de vista os cidadãos em nome de quem, alegadamente, a Justiça deve ser administrada, fazendo como que um Balanço da aplicação prática da reforma, permitindo-nos ter uma visão mais ampla do alcance das mudanças, agora que ela se consolidou e se transformou numa realidade com a qual nos confrontamos diariamente.

O objectivo de tal colóquio foi apenas e só o de cumprir uma das missões a que nos propusemos enquanto Delegação, qual seja o de

contribuir para o melhor conhecimento, compreensão e aplicação do direito por parte da comunidade Jurídica, com o objectivo de identificar as principais questões que o exercício quotidiano da aplicação do CPC tem suscitado na Advocacia, e ao mesmo tempo reflectir sobre as melhores orientações, que permitam encontrar caminhos e contribuir para a certeza e segurança na afirmação de um diploma cujos objectivos abertamente declarados eram estimular os sujeitos processuais, diga-se Advogados, à mudança de práticas, hábitos e inércias, interiorizando uma outra cultura judiciária sustentada em novos paradigmas e princípios.

A adesão que esta formação teve, batendo recordes de presenças, com cerca de 200 participantes vindos das mais díspares localizações geográficas, é sinal inequívoco do interesse que despertou junto da comunidade jurídica, e sem dúvida do interesse que a temática activou entre todos, bem como da credibilidade do painel de conferencistas apresentados.

Para uma tal adesão recorde, tivemos que recorrer ao inestimável e inexcédível apoio da Fundação A LORD, que desde o primeiro momento nos disponibilizou não só o magnífico espaço que constitui o seu Auditório, bem como toda a sua impecável e eficiente estrutura de apoio e logística.

E, sendo certo que devemos endereçar um especial agradecimento ao Presidente da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, e à Dr.^a Sílvia Rebanda, nossos colegas, pelo inexcédível carinho, simpatia e gentileza com que nos acolheram desde o primeiro momento, agilizando toda a logística para que este evento pudesse ser uma realidade de sucesso, e colocando ao nosso dispor a estrutura humana e *know how* existente, que se revelou de uma eficiência e simpatia a toda a prova, não podemos deixar de nos congratularmos, também, e por isso sermos merecedores de um pequeno crédito no final do filme, na divulgação da Instituição, para além das suas fronteiras, a todos quantos nos visitaram e que desconheciam uma realidade tão dinâmica e activa em prol do desenvolvimento de uma cidade, ficando, como vulgarmente soe dizer-se, “de boca à banda” com o despertar para a realidade da Fundação A LORD, que se assume como um verdadeiro “bom exemplo” do que deve ser a defesa dos interesses das populações que serve. Foi, pois, uma parceria de sucesso que muito agradecemos. Bem-haja à Fundação A LORD e à sua Direcção, por ser cúmplice do nosso sonho de levar a efeito uma acção de formação diferente, com impacto na Ordem dos Advogados e na comunidade jurídica a que se destinava, e que, julgamos, prestigiou igualmente a Instituição.

Da nossa parte, Delegação de Paredes da OA, fica o desafio à Fundação A LORD para que nos volte a receber em futuras organizações, estabelecendo pontes para o surgimento de uma nova vertente da sua actividade: o debate da actualidade e informação jurídica.

Assim, recorrendo a **Humphrey Bogart**, um ícone do cinema americano dos anos quarenta, termino desafiando: **“Fundação A LORD, I think this is the beginning of a beautiful friendship”**.



Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordelo Paredes

TEL.: 224 447 357

geral@fundacaoalord.pt
www.fundacaoalord.pt



ALORD
FUNDAÇÃO